



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

VANDA MOREIRA TAVARES ARAÚJO

**PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE LEITURA EM
PERSPECTIVA DIALÓGICA NO CADERNO “OLHAR EM
MOVIMENTO: CENAS DE TANTOS LUGARES” DA
OLIMPIADA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

PORTO NACIONAL, TO
2023

VANDA MOREIRA TAVARES ARAÚJO

**PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE LEITURA EM
PERSPECTIVA DIALÓGICA NO CADERNO “OLHAR EM
MOVIMENTO: CENAS DE TANTOS LUGARES” DA
OLIMPIÁDA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre (a) em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ângela Francine Fuza

PORTO NACIONAL, TO
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A663p Araujo, Vanda Moreira Tavares.
 Propostas de atividades de leitura em perspectiva dialógica no caderno
 “olhar em movimento: cenas de tantos lugares” da olimpíada de língua
 portuguesa. / Vanda Moreira Tavares Araujo. – Porto Nacional, TO, 2023.
 138 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
 – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
 (Mestrado) em Letras, 2023.
 Orientadora : Ângela Francine Fuza
1. Documentário. 2. Leitura. 3. Dialogismo. 4. Olimpíada de Língua
 Portuguesa. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

VANDA MOREIRA TAVARES ARAÚJO

**PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE LEITURA EM
PERSPECTIVA DIALÓGICA NO CADERNO “OLHAR EM
MOVIMENTO: CENAS DE TANTOS LUGARES” DA
OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Esta Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, foi avaliada para a obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada, em sua forma final, pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ângela Francine Fuza, orientadora (UFT)

Profa. Dra. Márcia Cristina Greco Ohuschi, examinadora externa (UFPA)

Profa. Dra. Lívia Chaves de Melo, examinadora interna (UFT)

Dedico este trabalho ao meu pai, Carlos Alberto, meu porto seguro. À minha mãe, Clarice, minha maior inspiração. Às minhas filhas, Maysa, Marcela e Marina, razões da minha existência. Ao meu irmão, Carlos Alberto Júnior e, às minhas irmãs, Carleianny e Eliane, “não importa a distância, vocês sempre estão comigo”. E, em especial, à minha tia Eleide, pelo apoio para a realização desta pesquisa.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo, o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 348).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me permitir chegar até aqui, por me fazer acreditar na realização deste sonho. Agradeço, por tanta coragem, força e, acima de tudo, pela minha fé, por não me deixar desistir, mesmo diante de todas as dificuldades que traçaram o meu caminho, “tudo posso Naquele que me fortalece”. Gratidão, a ti senhor!

Agradeço ao meu pai, Carlos Alberto, por me apoiar e me ajudar financeiramente para eu realizar esta pesquisa, sobretudo, por ser meu pai. Aliás, o melhor pai e avô do mundo. Gratidão, por abrir mão do seu sonho para realizar o meu. Jamais esquecerei tamanha dedicação e empenho que sempre teve comigo e com as minhas filhas. Obrigada, pai!

Agradeço à minha mãe, Clarice, por me mostrar o valor da educação, por me fazer enxergar a leitura para além da sala de aula, bem como ela é capaz de transformar a vida das pessoas. Seus ensinamentos estarão para sempre em meu coração, jamais me esquecerei dos seus conselhos, principalmente, quando diz: “quem não sabe ler é cego”. Hoje, tenho a certeza de que ler nos faz enxergar melhor a vida, desperta-nos aos sonhos, leva-nos a outros mundos possíveis. A senhora não teve a oportunidade de estudar, pois as suas condições de saúde, familiar e financeira não lhes permitiram, mas soube criar seus filhos com maestria e nos ensinou, desde sempre, que a maior herança deixada aos filhos é a Educação. Hoje, graças a Deus e às suas orações, seus quatro filhos tiveram a oportunidade de estudar, enquanto a senhora cursou apenas a primeira série do Ensino Fundamental. A senhora sempre esteve certa. A sua ideologia será sempre a minha ideologia. Gratidão, mãe!

Agradeço às minhas filhas, Maysa, Marcela e Marina, razões da minha existência. Obrigada, pelo apoio e compreensão da minha ausência durante a realização da pesquisa. Gratidão, filhas!

Agradeço às minhas babás, Maria Eduarda e Clara Regina, pelo apoio durante a pesquisa, sem vocês a concretização deste sonho não seria possível. Gratidão!

Agradeço à minha musa inspiradora, à minha orientadora, Doutora Ângela Francine Fuza, por me aceitar como sua orientanda, por acreditar na minha capacidade enquanto pesquisadora, pela paciência e respeito. Obrigada por tudo, és um ser humano extraordinário, um exemplo de excelência profissional. Tenho um orgulho imenso em ter sido sua orientanda. Gratidão, professora Ângela!

Agradeço às professoras da banca, Dra. Márcia Cristina Greco Ohuschi e Dra. Livia Chaves de Melo, por participarem do Exame de Qualificação e da Defesa desta Dissertação.

Durante a pesquisa, tive um apoio incrível das colegas do grupo de pesquisa ao meu redor. Elas entenderam minha ausência e compartilharam, comigo, grandes momentos de realização. Nomeadamente, Fátima Borges, Lucivânia, Ruth Teles, Maria das Graças e Eliane. Gratidão, meninas, vocês são incríveis!

Agradeço aos amigos, por terem compreendido minha ausência durante a realização da pesquisa.

Agradeço aos meus familiares, pela torcida, em especial, à minha tia Eleide, por me incentivar a continuar, mesmo diante das dificuldades que não foram poucas. Gratidão, tia!

RESUMO

Este estudo é uma pesquisa documental qualitativa e insere-se no campo da Linguística Aplicada. Para tanto, pauta-se nos pressupostos do dialogismo, propostos pelo Círculo de Bakhtin. Nesta pesquisa, apresentamos proposta de atividades de leitura, em perspectiva dialógica, a partir do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”, da Olimpíada de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro (OLP). As atividades de leitura foram elaboradas com o objetivo de potencializar o material pedagógico, destinado para todos os professores da Educação Básica, que participam da OLP, com ênfase no Ensino Médio. Sugerimos, aos professores, uma prática pedagógica fundamentada no viés discursivo. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é o de compreender como o trabalho com a leitura em perspectiva dialógica possibilita a construção de sentidos e de valores numa abordagem multimodal, para o gênero discursivo documentário da Olimpíada de Língua portuguesa. De forma mais específica, os objetivos desta pesquisa foram: a) Diagnosticar as atividades/ou indícios de atividades que dão margem para realizar o trabalho com a leitura; b) Propor atividades de leitura, em perspectiva dialógica, no interior do caderno: *Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*, da *Olimpíada de Língua Portuguesa*; c) Caracterizar o percurso de trabalho para o gênero documentário, com atividades em perspectiva dialógica. Durante a proposta, recomendamos a exibição do documentário na íntegra, com o intuito de acionar os conceitos de valoração, elencados pelo Círculo de Bakhtin. Sugerimos, ainda, atividades de leitura que contemplam os aspectos sócio-histórico-ideológicos do gênero documentário. Assim, as propostas irão desenvolver habilidades de compreensão e produção valorada do gênero documentário.

Palavras-chave: Documentário. Leitura. Dialogismo. Olimpíada de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This study is a qualitative documentary research in the field of Applied Linguistics based on the assumptions of dialogism, proposed by the Bakhtin Circle. For that, it's substantiated on the assumptions of dialogism proposed by the Bakhtin Circle. This research introduce a proposal reading activities, from a dialogic perspective, based on the notebook "Look in movement: scenes so many places", from the Portuguese Language Olympiad: writing the future (PLO). The reading activities were prepared with aim of enhancing the pedagogical material, intended for all Basic Education teachers, who participate in the PLO, with an emphasis on Secondary Education. We suggested, to teachers, a pedagogical practice based on a discursive tendency. In specifically, the objectives of this research were: a) Diagnose the activities/or signs of activities that provide scope for carrying out work with reading; b) Propose reading activities, from a dialogical perspective, in the notebook: Look in movement: scenes so many places, by the Portuguese Language Olympics; c) Characterize the work way for the documentary genre, with activities in the a dialogical perspective. During the proposal, we recommend showing the documentary in its entirety, with the aim of triggering the concepts of valuation, listed by the Bakhtin Circle. We also suggest reading activities that address the ideological- socio-historical aspects of the documentary genre. Thus, the proposals will develop comprehension skills and valued production of the documentary genre.

Keywords: Documentary. Reading. Dialogism. Portuguese language Olympics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Elementos da teoria bakhtiniana sobre os gêneros discursivos revisitados.	39
Figura 2: Sumário do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”	55
Figura 3: Bloco1- Mapa das habilidades e competências da BNCC para o Caderno	56
Figura 4: Bloco 1 do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”	57
Figura 5: Bloco 2 do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”	62
Figura 6: Bloco 3 do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”	74
Figura 7: Bloco 4 do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”	82
Figura 8: Seção para saber mais do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.	90
Figura 9: Descrição e análise do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares” ..	91
Figura 10: Breves comentários do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.	91
Figura 11: Coletânea do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”	92
Figura 12: Glossário do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”	92
Figura 13: Autores do documentário vencedor em 2019 "Flores do meu bairro".	111
Figura 14: Autor do documentário “Veja bem”	121

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: O processamento linear da teoria estruturalista de leitura (leitura centrada no texto).....	26
Quadro 2: Características das Concepção Interacionista	28
Quadro 3: Breve resumo da concepção dialógica de leitura	30
Quadro 4: Dimensão verbal do gênero.	43
Quadro 5: Composição do gênero documentário.....	44
Quadro 6: Habilidades da BNCC que dialoga com o audiovisual.	45
Quadro 7: Habilidades da BNCC que dialogam com a temática “O lugar onde vivo”.	46
Quadro 8: Condições de produção do gênero.	47
Quadro 9: Pesquisas sobre o trabalho na OLP	49
Quadro 10: Bloco 1, situando o gênero documentário.....	57
Quadro 11: Bloco 2, a linguagem audiovisual.....	62
Quadro 12: Bloco 3, Pré-produção de documentário.....	75
Quadro 13: Bloco 4, Produção e pós-produção.	82
Quadro 14: Aspectos linguístico-gramaticais por oficinas no caderno “Olhar em movimento cena de tantos lugares”	93
Quadro 15: Cenas do documentário “Flores do meu bairro” da OLP.....	108
Quadro 16: Exibição e análise do documentário “Flores do meu bairro”.....	114
Quadro 17: Cenas da capa do documentário poético “Veja bem”, de Jorge Furtado.	119
Quadro 18: Exibição e análise do documentário “Veja bem”.....	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPGL	Programa de Pós-Graduação em letras
UFT	Universidade Federal do Tocantins
OLP	Olimpíada de Língua Portuguesa
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.
MEC	Ministério da Educação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
NLP	Na Ponta do Lápis
LA	Linguística Aplicada
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GNL	Grupo Nova Londres
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
AMBRE	Associação dos Moradores do Bairro do Rosário e Engenhos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 GÊNEROS DISCURSIVOS E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	21
2.1 Concepção de linguagem: a natureza dialógica da linguagem	21
2.1.2 Linguagem como expressão do pensamento: leitura como extração dos sentidos do texto	23
2.1.3 Linguagem como instrumento de comunicação: a leitura como extração...25	
2.1.3 Linguagem como interação: a leitura em perspectiva dialógica como produtora de sentidos.....	26
2.2 Os gêneros do discurso	31
2.2.1 O gênero discursivo e os multiletramentos.....	38
2.2.3 O gênero discursivo documentário	41
2. 3 O documentário no contexto da Olimpíada de Língua Portuguesa	44
3 PESQUISAS NO ÂMBITO DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA	49
3.1 A organização do caderno de documentário da OLP.....	53
3.1.1 Diagnóstico das práticas de leitura, escrita e linguístico-gramaticais, realizados no caderno do documentário	92
4 METODOLOGIA	103
4. 1 Tipo de pesquisa.....	103
5 PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE ATIVIDADES DE LEITURA	107
5.1 Documentário “Flores do meu bairro”.....	107
5.1.2 Exploração do contexto de produção do documentário.....	108
5.1.3 Leitura silenciosa, oral e entonacional do documentário.....	112
5. 1. 4 Recuperação do contexto sócio-histórico do enunciado.....	117
5.1.5 Compreensão e relações dialógicas	117
5.1.6 Reconhecimento das apreciações valorativas	118
5.1.7 Documentário poético “Veja bem” - Exploração do contexto de produção do documentário	119
5.1.8 Leitura silenciosa, oral e entonacional.....	123
5.2 Recuperação do contexto sócio-histórico do enunciado	130
5.2.1 Compreensão e relações dialógicas	131
5.2.2 Reconhecimento das apreciações valorativas	132
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS	1366

1 INTRODUÇÃO

A Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP) - Programa Escrevendo o Futuro - é um concurso de produção de textos para alunos de escolas públicas de todo o país, do 5º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio. Iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e da Fundação Itaú Social, com coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec). O Programa Escrevendo o Futuro foi criado em 2002, pela Fundação Itaú Social e pelo Cenpec e, em 2008, a partir da parceria com o MEC, foi incluída em uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação, transformando-se em política pública.

O objetivo da OLP é contribuir com a melhoria da escrita e da leitura dos estudantes das escolas públicas de todo país. Para além da seleção e premiação de textos, a Olimpíada propõe para o professor de Língua Portuguesa uma formação que o auxilia na reflexão e compreensão da função social da escrita, fortalecendo o seu trabalho em sala de aula.

A partir da edição de 2019, a Olimpíada de Língua Portuguesa trouxe uma novidade: a inclusão do Documentário como um dos gêneros contemplados pelo concurso, tendo em vista que os textos contemporâneos exigem multiletramentos, pois são compostos de várias linguagens e semioses para significar. Essa realidade torna-se ainda mais acentuada na contemporaneidade, com a produção e o compartilhamento de materiais audiovisuais na internet. A geração dos nativos digitais vive com uma câmera de celular na mão, registrando tudo o que vê à sua frente e postando esses registros nas redes sociais. Ao pensar nos multiletramentos, alinhados com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o programa inseriu o documentário como forma de ampliar os letramentos dos estudantes, podendo criar textos multimodais, com imagens, sons, movimento e foto como recurso de estilo.

Os Cadernos Docentes, materiais elaborados pelo Programa Escrevendo o Futuro, contêm orientações para que professores (as) realizem atividades para produção dos gêneros Poema, Memórias Literárias, Crônica, Artigo de Opinião e Documentário. Os gêneros variam conforme o ano da turma, a saber: Poema: 5º ano do Ensino Fundamental; Memórias literárias: 6º e 7º anos do Ensino Fundamental; Crônica: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental; Documentário: 1ª e 2ª séries do Ensino Médio e Artigo de Opinião: 3ª série do Ensino Médio.

Nesta pesquisa, nosso objeto de investigação é o Caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares” que trabalha com o gênero discursivo documentário. O objetivo final do Caderno é produzir um documentário de até 5 minutos, com a temática “O lugar onde vivo”,

uma vez que só exercitando o olhar e conhecendo a prática será possível conceber e realizar o filme desejado com clareza das intenções e dos resultados correspondentes.

A escolha pelo gênero documentário dentre os cinco ofertados pelo programa, deu-se em virtude da importância da leitura dos textos multimodais que estão presentes em nossa sociedade e ainda são pouco trabalhados nas aulas de língua portuguesa. Esses textos estão, há bastante tempo, circulando em nosso cotidiano e nos confrontando com leituras diversas, e saber interpretá-los é fundamental para construção de sentidos e valores.

Os textos multimodais mobilizam diversos signos para produzir sentidos, instigando mudanças significativas nos modos de ler, produzir e divulgar os textos em sociedade. Então, vimos esse potencial no gênero documentário como uma forma de ampliar o trabalho com a multimodalidade nas aulas de língua portuguesa, tendo em vista a abrangência nacional do programa nas escolas públicas. Assim, escolhemos o documentário dentre os demais gêneros ofertados pelo programa para esse estudo teórico-analítico sobre as atividades de leitura voltadas ao caderno do gênero documentário.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de ser a continuação do projeto de iniciação científica, realizado em 2017, durante a graduação no curso Letras, na Universidade Federal do Tocantins. Durante a iniciação científica, em meu primeiro contato com o processo de pesquisa acadêmica, conheci o programa “Escrevendo o futuro” e a “Olimpíada de língua portuguesa” (OLP), os quais trazem, em seu bojo, a temática, “O lugar onde vivo”. Dentre os vários materiais de apoio para o professor, que a OLP fornece, escolhi pesquisar a Revista Na Ponta do Lápis (NPL), com a temática “Os processos de revisão e de reescrita”.

A Revista Na Ponta do Lápis é destinada a educadores e educadoras, que trabalham com leitura e escrita em língua portuguesa, nas escolas públicas brasileiras. Criada em 2005 e de periodicidade quadrimestral, é a publicação oficial da Olimpíada de Língua Portuguesa do Programa Escrevendo o Futuro. Esta, por sua vez, divulga a metodologia do programa e disponibiliza conteúdos que contribuem com as ações de ensino da língua. O objetivo geral da pesquisa de iniciação científica foi investigar, nos exemplares da revista NPL, as concepções de escrita, revisão e reescrita que a revista adotava, além de evidenciar como as teorias podem contribuir com o trabalho diário do professor e, conseqüentemente, com a melhoria da escrita dos alunos em sala de aula.

Os resultados do trabalho de iniciação científica revelaram que a sessão “De olho na prática” foi a que mais tratou da temática. A sessão de “De olho na prática” relata o trabalho dos professores participantes da Olimpíada, vem como um guia para os educadores e educadoras trabalharem com os gêneros discursivos em sala de aula.

Ao analisar a revisão e reescrita, verificou-se que são adotadas na revista por meio dos textos de alunos participantes da Olimpíada e dos relatos de prática dos professores que compartilham suas experiências do dia a dia. Além disso, há um trabalho de revisão e de reescrita por meio da revisão textual-interativa, com a utilização de bilhetes orientadores, que permite o diálogo constante do aluno com seu texto e com o professor.

Ao pesquisar a concepção de escrita, adotada pela revista, chegamos ao resultado de que a escrita como trabalho teve a maior recorrência nas edições. Ao investigar, por meio das análises dos textos e considerando a concepção de escrita que perpassa os números da revista, infere-se que os textos podem ajudar os professores, que não tiveram contato com essas teorias, no momento da formação inicial, sobre revisão e reescrita, a capacitarem-se. Ao trabalhar a escrita como trabalho, revisão e reescrita com os alunos, é necessário que o aluno e professor identifiquem seus papéis no processo de elaboração do texto, a fim de que seja estabelecido um diálogo entre eles.

Após a conclusão do trabalho de iniciação científica, o interesse em pesquisar sobre as ações do Programa Escrevendo o Futuro aumentaram exponencialmente. Diante disso, começamos a pensar em futuras pesquisas voltadas para a escola pública. Foi, então, que pensamos em contribuir com uma pesquisa que ampliasse as ações deste programa e chegamos à conclusão de que iríamos propor atividades de leitura, em perspectiva dialógica, a partir do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”, sendo um material didático da OLP voltado para o professor.

Outra justificativa para desenvolver esta pesquisa, trata-se do fato de a Olimpíada de Língua Portuguesa ser um projeto de política pública, que tem como objetivo a melhoria da escrita e da leitura dos alunos das escolas públicas de todo país. É satisfatório contribuir com propostas de leitura em perspectiva dialógica, potencializando as oficinas do caderno, voltadas para o professor de Língua Portuguesa, além de ampliar o contato com o gênero discursivo Documentário e, conseqüentemente, com os multiletramentos.

Outra motivação, é a relevância dos cadernos do professor que orientam o trabalho docente com os gêneros adotados pela OLP, especificamente, o gênero documentário, por ser um gênero multimodal e multissemiótico. Ao investigar o caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”, encontramos lacunas referentes ao trabalho com as práticas de linguagem que podem ser preenchidas com perguntas de leituras e, assim, potencializar o caderno com a teoria dialógica, voltada a essa prática.

Outra justificativa, é a importância de aproximar os gêneros multimodais da escola, especificamente, o documentário, com o intuito de evidenciar como esse gênero colabora com

o processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa, bem como ampliar o letramento dos alunos não somente em sala de aula, mas para além dos muros da escola. Nesse sentido, tendo em vista que existem poucas pesquisas voltadas ao gênero documentário no contexto da OLP, surgiu o interesse de investigar o trabalho com o gênero em questão.

Ao investigar a temática abordada, fui encorajada por outros pesquisadores, como a professora Márcia Ohuschi¹ que publicou pesquisas com a temática da OLP, subsidiando com atividades de Língua Portuguesa para o caderno do professor da OLP: *poesia e memórias literárias*. Sua pesquisa encoraja outros pesquisadores a contribuírem com os materiais da OLP. Ao conhecer os trabalhos da pesquisadora e, em especial, a pesquisa de Pós-doutorado, intitulada de: *Proposta de atividades de análise linguística nos cadernos poetas da escola e se bem me lembro, da Olimpíada de Língua Portuguesa*, sinto-me influenciada e encorajada por ela.

Durante a realização da pesquisa de Pós-doutorado, Ohuschi (2019) realizou um diagnóstico de aspectos linguísticos e gramaticais nos cadernos *Poetas da escola* e *Se bem me lembro* da Olimpíada de Língua Portuguesa. O diagnóstico ofereceu subsídios para a elaboração de atividades em função de lacunas evidenciadas. O gênero escolhido pela pesquisadora, tendo em vista o curto tempo da pesquisa de Pós-doutorado e para a elaboração da proposta teórico-metodológica, foi memórias literárias, em que as atividades propostas são modelares de exemplificação, cujos princípios e abordagem podem ser utilizados com outros gêneros. A proposta da pesquisa é permeada pelo dialogismo, a partir de uma abordagem valorativa da linguagem. Sendo assim, ao conhecer o trabalho da pesquisadora, em propor atividades de análise linguística, em complemento ao caderno *Se bem me lembro*, e, por conhecer o Programa Escrevendo o Futuro e a OLP, começamos a planejar a proposta para o caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”, que trabalha com o gênero documentário na OLP.

Outra justificativa pela qual pensamos nesta pesquisa, foi pela fala de Cristina Teixeira Vieira de Melo², autora do caderno "*Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*", em uma apresentação sobre “Práticas de produção de documentário na OLP³” e, especificamente, sobre o caderno "*Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*" do gênero documentário. Ela, durante

¹ Márcia Cristina Greco Ohuschi é Doutora em Estudos da Linguagem, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com Pós-Doutorado em Letras, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atua como professora na Universidade Federal do Pará (UFPA), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPA) e ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFPA). É integrante do Grupo de Pesquisa Interação e escrita (UEM/CNPq) e líder do Grupo de Pesquisa Dialogismo e ensino de línguas (UFPA/CNPq). *E-mail*: marciagreco@ufpa.br

² Cristina Teixeira Vieira de Melo possui graduação em Comunicação Social pela UFPE (1990), mestrado em Linguística pela UFPE (1993), doutorado em Linguística pela Unicamp (1999) e pós-doutorado em Comunicação pela UFRJ (2017). Atualmente é professora titular da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Comunicação, no campo do audiovisual (documentário) e dos estudos discursivos.

³ Práticas de produção de documentário na OLP, disponível em: <https://youtu.be/WMyBtggPxd4?t=5050>

a apresentação, foi questionada sobre a extensão do caderno, os participantes da apresentação declararam que o caderno está muito longo, em seguida, outro participante perguntou para a autora se não dava para enxugar o conteúdo do caderno? Em resposta, a autora disse que aceitaria sugestões de implementação do caderno, e que adoraria receber proposta mais "palatável", mas sem tirar a complexidade do gênero. As palavras da autora nos motivaram, estávamos no caminho certo, então, surgiu a ideia de contribuir com uma proposta de leitura no caderno do gênero documentário, pois a variedade de signos no documentário produz mudanças no modo de ler, produzir e divulgar esse gênero discursivo na sociedade, tendo em vista que o documentário tem um grande potencial de transformação social. Dessa forma, definimos como temática da pesquisa a elaboração de uma proposta de leitura em perspectiva dialógica em complemento ao Caderno *Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*, da OLP, que trabalha com o gênero discursivo multimodal documentário.

Diante das motivações apresentadas, o objetivo geral desta pesquisa é o de compreender como o trabalho com a leitura em perspectiva dialógica possibilita a construção de sentidos e de valores numa abordagem multimodal, para o gênero discursivo documentário da Olimpíada de Língua portuguesa. Em diálogo com o objetivo maior desta pesquisa, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) Diagnosticar as atividades/ou indícios de atividades que dão margem para realizar o trabalho com a leitura; b) Propor atividades de leitura, em perspectiva dialógica, no interior do caderno: *Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*, da *Olimpíada de Língua Portuguesa*; c) Caracterizar o percurso de trabalho para o gênero documentário, com atividades em perspectiva dialógica.

Nesse contexto, e tendo em vista os objetivos mencionados, temos a seguinte pergunta geral de pesquisa: De que modo o trabalho com a leitura, em perspectiva dialógica, constituiu-se em atividades didáticas propostas no interior do caderno: *Olhar em movimento: cenas de tantos lugares da Olimpíada de Língua Portuguesa*?

A pesquisa, situada no campo da Linguística Aplicada (LA), é um estudo documental qualitativo, por apresentar os pressupostos referentes à caracterização metodológica da pesquisa. Logo, foi feita uma análise do caderno: *Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*, para evidenciar de que forma as atividades de leitura eram efetivadas. E, assim, observamos a necessidade de subsidiar as atividades do caderno com perguntas de leitura na perspectiva dialógica de linguagem (MENEGASSI, FUZA, ANGELO, 2022).

Com a finalidade do cumprimento desses objetivos, esta dissertação divide-se em cinco Seções, além desta Introdução e da Conclusão.

Na seção 2, *Os gêneros discursivos e o processo de ensino e de aprendizagem*, abordamos a respeito das concepções de linguagem e sua natureza dialógica, na sequência, tratamos sobre os gêneros do discurso e os multiletramentos e o gênero discursivo documentário no âmbito da olimpíada.

Na seção 3, *Pesquisas no âmbito da olimpíada de língua portuguesa*, apresentamos um diagnóstico das pesquisas sobre o gênero documentário no âmbito da OLP e o diagnóstico realizado no caderno do gênero documentário. Além dessa parte, apresentamos a análise do documento, Caderno do professor, observando toda a sua forma composicional e os aspectos a serem trabalhados no contexto de sala de aula.

Na seção 4, *Metodologia*, elencamos os pressupostos referentes à caracterização metodológica da pesquisa documental e qualitativa.

Na seção 5, *apresentaremos as propostas teórico-metodológica de atividades de leitura em perspectiva dialógica para o gênero documentário*, com o objetivo de potencializar o caderno do professor da OLP, *Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*. Além disso, pretendemos incentivar os professores da educação básica, que não participam da OLP, a trabalhar com os gêneros multimodais.

Por fim, há as considerações finais, que trazem as conclusões a respeito desta pesquisa, indicando-se os objetivos alcançados e as possibilidades de novas pesquisas no âmbito da OLP, a considerar as experiências que foram alcançadas, com a realização deste estudo documental.

2 GÊNEROS DISCURSIVOS E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Nesta seção, discorreremos sobre a linguagem, segundo pressupostos de Bakhtin e o Círculo, teoria escolhida para análise, com ênfase nos conceitos e nas concepções sobre os gêneros discursivos⁴. Ao viés dos estudos postulados por Bakhtin, entendemos que a organização da linguagem é dada pelos gêneros, e estes são convencionados socialmente, associados a contextos culturais, históricos e institucionais.

A pesquisa se efetiva sobre os pressupostos teóricos do enunciado concreto, com base no conceito de gênero discursivo, de modo a considerar o contexto de produção, conteúdo temático, a forma composicional e o estilo, interligados aos conceitos de compreensão responsiva e dialogismo (BAKHTIN, 1986 [1920]), (BAKHTIN, 1963[1929]), (BAKHTIN, 1975 [1934]), (VOLOCHINOV, 1979 [1926]), (VOLOCHINOV, 1992[1929]), além de seus explicadores (GERALDI, 1984), (GERALDI, 1997), (GERALDI, 2011), (PERFEITO, 2010), (FUZA, OHUSCHI E MENEGASSI, 2020), (MENEGASSI; ANGELO, 2022), (MENEGASSI, 2005), (RODRIGUES, 2001).

2.1 Concepção de linguagem: a natureza dialógica da linguagem

Sobre língua, Bakhtin (2003 [1979]) a entende como um fato social e sua concretização acontece devido à necessidade humana de comunicação. É, na prática social, que a língua se torna viva, algo concreto, na interação com o outro. Sendo assim, compreendemos que a língua é elemento social, histórico e cultural e que está em constante mudança para atender as demandas que surgem na sociedade. Podemos refletir e interagir com o outro, agir sobre o outro, podemos referenciar o mundo, representá-lo e construir outro mundo por meio da linguagem.

A linguagem, para Bakhtin (2003 [1979]), está presente em todas as ações humanas, como nas reuniões de trabalho, no ambiente familiar, na vida cotidiana, nas questões que envolvem política, filosofia, literatura, ciência, ou seja, em todas as esferas de comunicação. Todas as ações da atividade humana são concretizadas por meio da linguagem, na interação verbal com o outro, e essas manifestações são organizadas por meio dos gêneros discursivos.

⁴ Ressaltamos que, no Brasil, há duas vertentes de trabalho com os gêneros, em diferentes releituras “*teoria de gêneros do discurso* ou *discursivos* e *teoria de gêneros de texto* ou *textuais*” (ROJO, 2005, p. 185). Nesta pesquisa, embasamo-nos na perspectiva teórica do Círculo de Bakhtin, a teoria dos gêneros discursivos.

Para Volóchinov (1936 [1895]), a língua/linguagem é a condição necessária para a organização laboral das pessoas. A linguagem não é uma dádiva divina ou da natureza. Ela é produto da atividade coletiva humana, é um produto da vida social. Nas obras do Círculo de Bakhtin, a questão da linguagem é um tema bastante explorado. Por isso, de modo pontual, mencionamos algumas das obras e suas considerações sobre o assunto. Em “Para uma filosofia do Ato Responsável” (1986 [1920]), Bakhtin aponta que a linguagem é tida como uma atividade, não como um sistema abstrato, que é vinculada à vida, sendo, por isso, concreta: a linguagem é um ato único e singular. Com isso, a linguagem carrega expressividade, atitude valorativa do sujeito em relação ao seu objeto discursivo.

Em o “Discurso na vida e discurso na arte” (1979 [1926]), Volóchinov reforça a relação que existe entre linguagem-enunciado e as situações sociais mais amplas e mais específicas que incluem compartilhar o cronotopo com os interlocutores, conhecer a situação, a avaliação e o julgamento.

Em “Problemas da poética de Dostoievski” (1963[1929]), Bakhtin foca na dimensão dos estudos da linguagem e destaca a relação existente entre metalinguística e a linguística, que tem como objetos, o discurso e a língua – sistema, apontando que as duas devem se complementar e não se fundir.

Em “O discurso no romance” (1975 [1934]), a concepção de linguagem é discutida de maneira mais reflexiva. Trata-se de ver as estratificações social, ideológica, intencional e valorativa como características da linguagem (do romance e da vida). Na estratificação social, as camadas são agrupadas a partir de suas relações e dos valores culturais, o que vem a constituir sua separação em classes, estado ou casta. Nessa obra, o caráter dialógico da linguagem é esmiuçado: todo discurso é orientado (I) para um objeto já constituído por discursos de outrem, (II) para um já-dito e uma resposta antecipada, (III) para os interlocutores.

Em “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, Volóchinov (1992 [1929]) aborda três orientações do pensamento filosófico, a saber: subjetivismo idealista, objetivismo abstrato e concepção sócio histórica da linguagem, esta última é defendida por Bakhtin e o Círculo.

Em síntese, no *subjetivismo idealista*, a enunciação é um ato individual, uma expressão da consciência individual, ou seja, a linguagem é constituída no psiquismo do indivíduo e exterioriza-se por meio de um código no qual ele se apropria. No *objetivismo abstrato*, a língua é um sistema instável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual a consciência individual. A terceira orientação volta-se à *interação verbal*. Nesta, a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato de formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.

Nessa direção, no Brasil, Geraldi (1984) demarcou três concepções de linguagem, em resposta às orientações do pensamento filosófico do Círculo, a saber: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como interação. Portanto, tendo em vista que, neste estudo, abordamos as práticas de leitura em perspectiva dialógica, passamos, na próxima subseção, a tratar do elo entre as concepções e essas práticas.

2.1.2 Linguagem como expressão do pensamento: leitura como extração dos sentidos do texto

Perfeito (2010) nos traz grandes contribuições acerca da primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico, o subjetivismo idealista. Segundo a autora, esta concepção teve sua gênese pela tradição grega, passando pelos Latinos, Idade Média e Moderna e, teoricamente, ocorreu um rompimento, no início do século XX, com os estudos de Saussure (1969). Esse pensamento filosófico-linguístico considera os atos individuais de fala e a língua é concebida como produto acabado, estável, pronta para o uso, um depósito inerte. Assim, a linguagem traduz o pensamento, ou seja, a origem está no pensamento, primeiro, pensamos para depois falarmos.

Sobre a primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico, Volóchinov (1992 [1929]) sintetiza o subjetivismo idealista em algumas proposições:

1. A língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (“energia”), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala.
2. As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual.
3. A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
4. A língua, enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado (VOLOCHINOV, 1992 [1929], p.72).

Para Volóchinov, essas proposições/ideias são insuficientes para categorizar essa primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico. A tendência do subjetivismo individualista entende a linguagem como um ato discursivo individual (fala) e criativo (criação individual) como fundamento da língua; o psiquismo individual como fonte da língua e das leis de criação linguística como a sua essência, tendo seus postulados na psicologia individual, com uma base voluntarista. Assim, para essa corrente de pensamento, a língua surge no pensamento abstrato, para, depois, ser exteriorizada, estabelecendo uma relação complexa entre o pensamento e a língua na qual a prática discursiva constante segue em contínuo aperfeiçoamento.

Geraldi (2011) afirma que “essa concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. Se concebemos a linguagem como tal, somos levados a afirmações – correntes – de que pessoas que não conseguem se expressar, não pensam” (GERALDI, 2011, p. 34). A leitura, nessa concepção de linguagem, conforme Perfeito (2010), é um ato mecânico (memorização e combinação das letras). A alfabetização tornou-se fundamental da escola inicial e a concepção de leitura como extração e fixação de sentidos, disseminada. Nessa linha de pensamento, Fuza, Ohuschi e Menegassi (2020) asseveram que a prática de leitura é apenas para exteriorizar o pensamento, avaliando-se o seu domínio pela capacidade de o indivíduo expressar-se corretamente pela oralidade. Sendo assim, a leitura é concebida, tradicionalmente, como extração dos sentidos do texto, direcionando sua aprendizagem à oratória. Ainda segundo os autores, a leitura não era algo acessível a todos e, só foi ampliada, por meio da invenção da imprensa por Gutenberg, tendo, como principal objetivo, saber ler e extrair o sentido do texto. É notório que tais aspectos voltados à mecanização e à relevância da oratória ainda persistem no ensino da leitura em sala de aula e em alguns materiais didáticos na atualidade, sendo nomeado, na maioria das vezes, de leitura em voz alta.

Menegassi (2005) aponta que a prática de leitura em voz alta (oratória) em sala de aula é algo tradicional, sendo utilizada como recurso para avaliar a leitura do aluno e formação do leitor competente. O autor afirma, também, que esse recurso de avaliação foi concebido por meio da leitura de clássicos da literatura e, que essa exposição da oralidade, levava os alunos a uma leitura e literatura de boa qualidade. Ressaltamos que o autor não é contra a leitura em voz alta, mas, para ele, na sociedade, há lugares determinados para esse tipo de leitura. O autor também sugere a transição da leitura em voz alta para leitura silenciosa, enfatizando que ambos são importantes de acordo com a situação de comunicação.

Desse modo, a prática da leitura, ancorada na concepção de linguagem como expressão do pensamento, tem seu objetivo em aprender a falar bem, leitura como extração, sem fazer inferências e com o foco em desenvolver o domínio da língua (do falar bem e escrever bem), sem a preocupação com a compreensão do texto e sem considerar as condições de produção do discurso, conforme aponta Geraldi (1997).

O ensino da teoria gramatical, conforme afirma Perfeito (2010), segue os princípios da racionalidade para organizar o pensamento. A autora assevera que o ensino da língua enfatiza a gramática teórico-normativa: conceituar, classificar, para, sobretudo, entender e seguir as prescrições. Os aspectos morfológicos, fonéticos e sintaxe são desvinculados das atividades de leitura e produção textual. Desse modo, a linguagem, a clareza e a precisão dos falantes passam a ser exigidos, pois as regras do *bem falar* e do *bem escrever* passam a ser uma exigência.

2.1.3 Linguagem como instrumento de comunicação: a leitura como extração

Na segunda orientação do pensamento filosófico-linguístico, objetivismo abstrato, segundo Volóchinov (1992 [1929]), a língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si (BAKHTIN, 2006, p. 82).

Para Perfeito (2010), a língua, nessa concepção, é deflagrada pelos estudos de Saussure (1969), com publicação no início do século XX, estabelecendo a dicotomia *Langue-Parole* (língua e fala). Já Rodrigues (2001), destaca que a linguagem como instrumento de comunicação limita os elementos da língua ao domínio de sinalidade (pelo aspecto imutável e sempre idêntico a si mesmo) e já não mais a do signo, reduzindo a língua ao código de comunicação.

Geraldi (2011, p. 34) designa essa concepção de linguagem como instrumento de comunicação, elucidando que “essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código” (conjunto de signos que se combinam segundo regras), capaz de transmitir ao receptor certa mensagem e/ou informação. Desse modo, a língua é concebida como um sistema de regras pronto para ser repassado ao receptor, ou seja, está pronta para ser repassada, sem haver qualquer vínculo da língua com a história. Há prevalência pelas normas gramaticais, desprezando-se as variedades linguísticas. Em livros didáticos, conforme Geraldi (2011), é a concepção “confessada nas instruções ao professor, nas introduções, nos títulos, embora em geral seja abandonada nos exercícios gramaticais” (GERALDI, 2011, p. 34).

Fuza, Ohuschi e Menegassi (2020) asseveram que, nessa concepção, as atividades de leitura eram realizadas de forma mecânica e não reflexiva, não contribuindo para a construção de sentido do texto, bastava apenas o aluno encontrar a resposta extraída do texto e copiá-la. Menegassi (2005, p. 19) corrobora que as atividades de leitura eram “perguntas prontamente identificáveis no próprio texto”, “consulta ao dicionário”, “leitura em voz alta”, atividades em que o texto se torna “pretexto para apropriação de diversas atividades gramaticais”.

Nessa concepção, o trabalho com a leitura acontece de maneira superficial e descontextualizada, não levando em consideração o leitor, pois o foco é o texto. Não há reflexão e nem posicionamento por parte do leitor e as inferências são feitas a partir do próprio texto.

Assim, para Menegassi e Angelo (2022), na teoria *estruturalista*, pensa-se a leitura como decodificação, passando do código escrito para o oral. Para essa corrente, ler é decodificar

e encontrar informações no texto. Acredita-se que, uma vez realizada a decodificação de palavras, chega-se sem problemas ao conteúdo do texto, o leitor que decodifica conseguirá, por mecanismo cognitivo existente em seu cérebro, juntar todas as palavras, mesmo as que ele não conhece, dando ao texto um conteúdo pretendido pelo autor que o produziu. Sendo assim, ao juntar palavra, sintagma e frase, consegue-se compor o significado do texto.

Quadro 1: O processamento linear da teoria estruturalista de leitura (leitura centrada no texto).

1 ^a - Palavras + 2 ^a - sintagmas + 3 ^a - frases =	Composição do significado do texto
--	------------------------------------

Fonte: a autora, a partir de Menegassi, Fuza e Angelo (2022), adaptado.

A partir do quadro 1, percebe-se que, para a teoria estruturalista, o ato de ler é como um processo e, nesse processo, o leitor decodifica os signos e sons, une-os uns aos outros, depois há a junção das unidades mínimas (sintagmas) para se chegar a composição do significado global do texto. Temos, nessa teoria, a ausência de avaliação crítica do texto, ausência de reflexão sobre a leitura do texto e a relação do texto com a experiência individual do sujeito.

A *teoria cognitivista* de leitura defende que o significado é construído pelo processo de análise, a partir do todo para chegar às suas unidades constitutivas. O leitor processa o texto de modo “descendente”, visto que os significados seguem do leitor para o texto, ao contrário da teoria estruturalista de leitura. Segundo Menegassi, Fuza e Angelo (2022),

O conceito cognitivista de leitura, centrado primordialmente no leitor, assim como o conceito estruturalista de leitura, centrado no texto, são conceitos comuns no ensino, com os quais o professor e os alunos se deparam constantemente. Ambos apresentam pontos positivos e negativos ao trabalho com leitura (Menegassi, Fuza e Angelo, 2022, p. 42).

Conforme o exposto pelos autores, cabe ao professor planejar conforme as necessidades da turma, bem como identificar qual a melhor teoria se aplica ao ensino de leitura, pois as duas apresentam pontos positivos e negativos. Logo, para a teoria cognitivista, ler é atribuir significado ao texto, sua construção acontece de unidades maiores para unidades menores, ao inverso da teoria estruturalista de leitura.

2.1.3 Linguagem como interação: a leitura em perspectiva dialógica como produtora de sentidos

Na terceira orientação do pensamento filosófico-linguístico, a língua é vista como um processo evolutivo ininterrupto, realizada através da interação verbal dos interlocutores. A enunciação é concebida como algo puramente social e efetiva entre os falantes. Nesse caso,

a língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores. Enunciação é uma estrutura puramente social.

A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual no sentido estrito do termo “individual” é uma (*contradictio in adjecto*) (VOLOCHINOV, 1992 [1929], p. 127).

A linguagem se constitui nas relações sociais em que os falantes atuam como sujeitos, e é através da interação verbal entre eles que acontecem as trocas de conhecimento e experiências, aprendendo uns com os outros. Nas palavras de Volóchinov, a língua se efetiva na interação entre os falantes e o ato individual é uma contradição.

Segundo Geraldi (2011), mais do que transmitir uma informação de emissor para um receptor, a linguagem é vista como lugar de interação humana. Por meio da linguagem, o sujeito age sobre o outro, constitui-se como sujeito. Para Bakhtin, o enunciado está indissolúvelmente ligado às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais (BAKHTIN, 2003 [1979], p. 15). Segundo Volóchinov (1992), a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, pois sua natureza é social. A enunciação não existe fora de um contexto sócio-ideológico, em que cada locutor tem um “horizonte social” bem definido, pensado e dirigido a um auditório social também definido. Sendo assim, a enunciação procede do eu para o outro, ou do outro para mim. Qualquer enunciação propõe uma réplica, uma reação, pois é sempre destinada para alguém. Desse modo, os sujeitos são vistos como agentes sociais, pois é por meio de diálogos entre os sujeitos que ocorrem as trocas de experiências e conhecimentos.

Assim, conforme postula Bakhtin, todas as esferas da atividade humana estão ligadas pela linguagem, e o emprego da língua se efetua por meio de enunciados concretos (2003[1979], p. 261). Nas palavras do autor, enunciação é produto da interação social dos falantes e a interação verbal é a realidade fundamental da língua.

Então, é necessário e importante que o professor tenha esse entendimento sobre as concepções de linguagem, gênero e enunciado. É possível que, ao compreender a linguagem, enunciação e gêneros do discurso, pelo viés da interação, o professor desenvolva um trabalho que permita a construção e a formação de leitores e escritores críticos, capazes de se expressarem por meio da linguagem, de acordo com o contexto e com a esfera de comunicação, sendo capazes de atender as demandas que a sociedade exige.

Nesse sentido, o trabalho com a leitura pelo viés da interação significa entendê-la como trabalho coletivo que exige compartilhar ideias, percebendo o outro sempre como um ser pensante, como sujeito único. A leitura é vista como produtora de sentidos, considerando não somente o que o autor escreve, mas, levando em consideração o leitor-texto-autor como parte constitutiva da comunicação verbal. A leitura não é mais vista como domínio do bem falar e da

extração de informações contidas no texto, da decodificação de códigos, mas como uma prática social (DELL'ISOLA, 1996) que desperta nos sujeitos novos /outros conhecimentos, forma de pensar e atitude responsiva diante da leitura crítica do texto, sendo um sujeito ativo no processo de leitura.

Fuza, Ohuschi e Menegassi (2020) afirmam que o leitor competente produz sentido e não apenas extrai informações do texto. E, ao perceber a incompletude do texto, o sujeito age ativamente sobre o discurso, respondendo, concordando, discordando, divergindo, confrontando, trazendo para ele suas experiências, seus conhecimentos, suas reflexões, a fim de potencializar o seu conhecimento e o do outro por meio da interação entre os participantes do discurso.

A teoria *interacionista* de leitura defende que o ato de ler é visto como um processo interativo entre o autor-leitor-texto. Essa teoria de leitura não exclui as teorias anteriormente abordadas, pelo contrário, apropria-se delas para desenvolver conceitos mais amplos e mais completos sobre a leitura em situação de ensino. Segundo Menegassi e Angelo (2022), essa teoria teve várias contribuições de outras correntes teóricas. Para os referidos autores,

O conceito interacionista perpassa e agrega, de certa forma, diferentes linhas teóricas, como Linguística Cognitiva, Estruturalismo, Psicolinguística, Pragmática, Linguística Textual, Dialogismo, dentre outras a propiciar o estudo dos vários elementos e aspectos que compõem a leitura (Menegassi; Angelo, 2022, p. 42).

Conforme os autores, todas essas correntes contribuíram para o ensino da leitura na perspectiva interacionista. Logo,

O ato de ler é visto como um processo interativo, um processo que integra tanto as informações que o leitor carrega para o texto quanto as informações da página impressa, a implicar em reconhecer que o significado não está nem no texto nem na mente do leitor, está na interação de ambos (Menegassi; Angelo, 2022, p. 43).

Diante do exposto, apresentamos, no Quadro 2, as características sobre leitor, texto e autor segundo a concepção interacionista.

Quadro 2: - Características das Concepção Interacionista.

Leitor	Texto	Autor
Passa a completar o jogo de reconstrução dos sentidos. Passa a fazer inferências de acordo com o contexto de produção do enunciado.	Elemento que permite a constituição da interação entre leitor-texto-autor.	“O autor deve deixar suficientes pistas em seu texto, a fim de possibilitar ao leitor a reconstrução do caminho que ele percorreu” (KLEIMAN, 2008, p. 66).

Fonte: a autora, 2023.

Para a concepção interacionista de leitura, tanto o leitor quanto o texto passam a assumir um papel importante, completando o jogo de reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo texto.

O *conceito dialógico* de leitura surge a partir da teoria dialógica da língua/linguagem desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin. Para estudiosos da linguagem, a leitura na perspectiva dialógica é considerada como uma atividade de produção de sentidos que implica um diálogo vivo e valorativo entre os sujeitos e historicamente situados (MENEGASSI; ANGELO, 2022, p. 62).

Para o Círculo de Bakhtin, a gênese da linguagem se constitui no dialogismo que tem como pressuposto olhar o texto não como algo externo na frase, mas como enunciado vivo, como a concretização de vozes e relações sociais estabelecidas. O leitor, por sua vez, passa a mobilizar a apreciação valorativa, concorda, contesta, amplia, analisa, a produzir sentidos ao discurso em relação dialógica. Nesse sentido,

As relações dialógicas são constituintes dos enunciados, visto que, como unidades e enunciados da comunicação discursiva, respondem a outros anteriores, portanto, emaranham-se em posicionamentos, apreciações, objeções, conjecturas sócio valorativas manifestadas nos discursos, via gêneros discursivos (MENEGASSI; ANGELO, 2022, p. 63).

Conforme os autores, a leitura dialógica está entretecida de relações dialógicas que respondem a enunciados anteriores, acionam posicionamentos, consideram as dimensões completas do enunciado concreto, tanto a dimensão verbal quanto a dimensão social do enunciado. Nesse contexto, toda situação histórica concreta dá origem à enunciação, advinda do espaço da dialogicidade, da dinâmica relacional com outros enunciados (VOLÓCHINOV, 2017 [1929/1930]). Assim, por meio das relações dialógicas com o outro, o sujeito se constitui um ser social e histórico a partir das relações que são estabelecidas para com o outro por meio dos gêneros. Ele, por sua vez, enuncia em função de outro, ao passo que também precisa desse para elaborar seu discurso, suas valorações, sua resposta diante do já-dito pelo outro.

Para nos relacionar uns com os outros, utilizamos dos gêneros do discurso. De acordo com as palavras de Bakhtin (2003), é por meio deles que nossa comunicação é organizada. Ainda conforme o autor, as relações dialógicas estão presentes em qualquer discurso, sendo uma característica inerente à linguagem, não há comunicação a partir de um discurso monológico, sem a presença do outro. Escrevemos sempre para alguém, que sempre sugere uma atitude responsiva, ou seja, uma resposta por parte de quem ouve.

Bakhtin (2016 [1979]) assevera que, no dialogismo, a conclusibilidade e acabamento do enunciado é passar a palavra para o outro. Assim, o enunciado não tem fim, todo enunciado

sugere uma resposta, seja ela silenciosa ou não. O sujeito ouvinte passa a ser falante e ativo na enunciação, assumindo uma posição valorativa.

Durante o processo de leitura dialógica, Menegassi, Fuza e Angelo (2022) asseveram que o leitor leva em conta o contexto extraverbal da enunciação, o solo real que alimenta o enunciado e as relações dialógicas constituídas (VOLOCHÍNOV, 2019[1926]). Sendo assim, o dialogismo vai além da leitura de unidades mínimas do enunciado, ele considera a dimensão extraverbal do enunciado, percebendo como esse enunciado foi produzido historicamente e suas condições de produção, considera as apreciações valorativas do enunciado por meio dos gêneros do discurso. Logo, é essa relação indissociável entre a matéria linguística e o extraverbal valorativo que constitui o diferencial da perspectiva dialógica entre os demais conceitos de leitura.

As relações dialógicas entre os enunciados são intrínsecas às relações sociais, pois a língua se efetiva, conforme Bakhtin, na prática social concreta e viva da comunicação discursiva. Essa relação permite que os sujeitos construam suas identidades por meio do discurso e, em contato com os outros, evoluam ao longo do tempo. Conforme Menegassi, Fuza e Angelo (2022), o trabalho com a leitura, no conceito dialógico, pode iniciar-se pelo estudo das condições de produção do discurso. Para Geraldi (1997), as condições de produção abordam as seguintes questões e é necessário que

- a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para se dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constitui como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz [...]; e) se escolhem as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d) (GERALDI, 1997, p. 160).

Após as discussões sobre as condições de produção, os autores sugerem que sejam elaboradas perguntas de leitura que propiciem a percepção de valoração do texto e que o leitor possa produzir suas próprias valorações, sentidos e passe a compreender que o texto é axiologicamente orientado.

Em suma, a concepção Dialógica de leitura é vista, conforme Menegassi, Fuza e Angelo (2022, p 62), “como uma atividade de produção de sentidos que implica um diálogo vivo e valorativo entre sujeitos sócio e historicamente situados”, e o trabalho com a leitura em situação de ensino pode perpassar as fases.

Quadro 3: Breve resumo do percurso metodológico com a leitura em perspectiva dialógica.

Proposta	Etapas
1- Recuperação do contexto de produção do texto	<i>Exploram-se as perguntas de leitura referentes à autoria do texto.</i>
2 - Leitura silenciosa, oral e entonacional	<i>Explora-se a ampliação da consciência discursiva.</i>

3 - Recuperação do contexto sócio-histórico do enunciado	<i>Explora-se a intertextualidade, interdiscursividade do texto com o contexto de produção.</i>
4 - Compreensão e relações dialógicas	<i>Amplia-se a compreensão responsiva do enunciado, a sócio-ideológica do tema e enunciado concreto e o seu autor.</i>
5- Reconhecimento das apreciações valorativas	<i>Ampliam-se as relações de compreensão temáticas e dialógicas, com vistas à compreensão responsiva e valorativa. Nesta etapa, o aluno é posicionado como participante ativo da leitura, ele problematiza valores, posições ideológicas e juízo sobre o tema.</i>
6 - Avaliação responsiva	<i>O aluno amplia e expande os diálogos com o texto, constitui-se como leitor responsivo e é capaz de posicionar-se. Aprende a pensar, a valorar, a refletir a partir das confrontações que possam aparecer na leitura seja dentro ou fora da escola.</i>

Fonte: a autora, a partir de Menegassi, Fuza e Angelo (2022, p. 405).

A partir das discussões realizadas, exploramos os vários conceitos de linguagem, ligados aos de leitura, os quais são discutidos e podem ser praticados no ensino de leitura nas escolas brasileiras. Não se podem omitir as existências, deve-se saber que existem, que coexistem e são aproveitados para a formação e o desenvolvimento de leitores. A seguir, os gêneros discursivos são abordados, de acordo com os estudos do Círculo de Bakhtin, e será apresentada uma proposta de leitura em perspectiva dialógica para o gênero documentário na seção 4, desta dissertação.

2.2 Os gêneros do discurso

A história da teoria dos gêneros pode ser contada a partir da Antiguidade greco-romana, segundo Rojo e Barbosa (2015), isso ocorreu quando também surgiram as primeiras manifestações poéticas da cultura ocidental. A palavra gênero sempre foi bastante utilizada pela teoria literária, com um sentido, especificamente, literário, identificando os gêneros literários clássicos, o lírico, o épico, o dramático.

O conceito de gênero é discutido nas obras de Bakhtin e o Círculo, tendo como um importante ponto de partida para estudá-lo: o que é o gênero e sua origem. Diante disso, propomos um breve resgate de algumas das obras que tematizam os gêneros.

Em “Problemas da poética de Dostoiévski” (1963 [1929]), Bakhtin acentua a importância dos gêneros para atender as demandas sociais. Nessa percepção,

ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes. Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível [...]. Ao mesmo tempo, porém, cada novo gênero essencial e importante, uma vez surgido, influencia todo o círculo de gêneros velhos: o novo gênero torna os velhos, por assim dizer, mais conscientes, fá-los melhor conscientizar os seus recursos e limitações, ou seja, superar a sua ingenuidade (BAKHTIN, 2008, p. 340).

Ao surgir um novo gênero, não se anula a existência do já existente. No caso do gênero documentário, objeto de estudo desta dissertação, não se anula o jornalismo, pois esse gênero nasce fundado na apreensão de um mundo real, ou seja, representação da realidade não ficcional. Esse novo gênero que surgiu e veio marcado por desacordos sobre o que é real e não é real, sobre “é ficção” e “não é ficção”, o questionamento da noção de verdade perpassa a história do documentário. Com características distintas do cinema de ficção e do jornalismo, esse gênero tem ganhado espaço a cada dia.

Em “O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária” (1975 [1923]), Bakhtin debate questões de gênero voltadas para a forma arquitetônica, com o objetivo de criticar o pensamento estético do formalismo Russo (estética material) e apresentar coordenadas básicas de uma estética geral. Esse texto faz uma discussão sobre a forma composicional e a forma arquitetônica, Bakhtin alerta que, para se fazer essa distinção, é necessário enfrentar a unidade do texto não pela sua forma externa, mas por todo seu plano, suas condições concretas (condições de produção) de vida, suas posições dialógica e valorativa (entoativas e axiológicas).

Em “O discurso no romance”, Bakhtin vai ampliando o conceito de gênero ao afirmar que “[...] o romance não foi uma enciclopédia de linguagens, mas de gêneros [...]” (BAKHTIN, 1988, p. 200). Nesse texto, é possível perceber suas contribuições para a Sociolinguística, Linguística Aplicada, para diferentes teorias e análises de discurso, as quais têm relação com uma postura histórica e social, diante das linguagens, da(s) língua(s) e dos sujeitos. A respeito dos gêneros, o autor também tece considerações importantes sobre os gêneros ligados à estratificação da língua, Dialogismo e questões sobre a língua viva do dia a dia.

Em “O método formal dos estudos literários” (2012 [1928]), Medvedev argumenta sobre algumas considerações sobre gênero. Para concebê-lo, é necessário considerar as circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas que orientam o discurso e o constituem, assim como os elementos linguísticos, enunciativos e formais que possibilitam sua existência. Nessa direção, dentre as principais características do gênero, está a dupla orientação na realidade; a primeira é considerada a partir da exterioridade do gênero relacionada à vida, ao tempo, ao espaço e à esfera ideológica a que o gênero pertence. Já a segunda, está relacionada ao interior, ou seja, às características do gênero, como forma, conteúdo temático e estilo do enunciado.

Esse texto demonstra, claramente, que gênero é o conjunto dos modos de orientação coletiva dentro da realidade, ou seja, a forma como nossa comunicação é organizada e encaminhada para a conclusão de que, por meio do gênero, é possível compreender novos

aspectos da realidade. Os gêneros são modos sociais de dizer, eles regulam, organizam e significam a nossa interação com o outro.

Nos estudos sobre a dimensão dos gêneros do discurso, Rodrigues (2005, p. 21) assevera que a dimensão social do enunciado (extraverbal) é composta pela situação e pelo auditório do enunciado. Seguindo o viés de pensamento do Círculo de Bakhtin das relações entre linguagem e sociedade, toda situação que produz enunciado leva em conta os seus participantes próximos ou distantes. Sendo assim, entendemos que o sentido do enunciado depende da consideração da situação social entre os interlocutores do enunciado e a valoração que lhe dá. Essa valoração, a qual nos referimos, corresponde aos valores ideológicos de um determinado grupo social em um determinado tempo.

Rodrigues (2001) propõe que investiguemos a dimensão social dos gêneros, considerando: (1) sua esfera social; (2) suas condições sociais de produção, circulação e recepção; (3) sua situação social de interação; (4) sua posição de autoria; (5) seus interlocutores, dentre outros aspectos constituintes e funcionais da construção social do gênero.

Quanto à análise da dimensão verbo-visual, Rodrigues (2001) pontua que estudemos (1) seu conteúdo temático; (2) seu estilo e projeções estilístico/composicionais; (3) sua arquitetônica e composicionalidade, dentre outros aspectos enunciativo-discursivos do gênero, por exemplo, sua dimensão multimodal (visual, audiovisual, dentre outras semioses). A dimensão verbal do enunciado expressa (exprimida, materializada), ou seja, sua dimensão linguística faz parte do enunciado e são elementos necessários à sua constituição e compreensão. Ao concordar com Rodrigues (2001), Rojo (2005) acrescenta que:

aqueles que adotam a perspectiva dos *gêneros do discurso* partirão sempre de uma análise em detalhes dos aspectos sócio-históricos, da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a *vontade enunciativa* do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua *apreciação valorativa* sobre seus *interlocutores* e *temas* discursivos -, e, a partir desta análise, buscarão marcas linguísticas (formas do texto/ enunciado/ língua – composição e estilo) que refletem no enunciado/texto, esses aspectos da situação (ROJO, 2005, p. 199).

Sendo assim, entendemos que, tanto a dimensão verbal quanto a dimensão social, são necessárias para a constituição do enunciado, elas estão conectadas para a construção de sentido do projeto do dizer do locutor. Em “Marxismo e filosofia da linguagem”, há contribuições para a noção de gênero e enunciado. Volóchinov (1992[1929], p.121) demonstra que a “enunciação é de natureza social”, e aponta o meio “extraverbal e o verbal”, “o interior” e o “exterior” do enunciado como elementos indissociáveis na corrente ininterrupta da cadeia verbal, questão também tratada por Medvedev, quando falamos do interior e do exterior do gênero.

Em “*Os gêneros do discurso*”, um dos textos mais conhecidos de Bakhtin da obra *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2003), o autor discute o conceito de enunciado (fundamental para entendermos o conceito dos gêneros), o conceito de oração e palavra (unidades da língua), conceitos estes que são de fundamental importância para o professor de língua portuguesa. Segundo o estudioso,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional[...]. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 261- 262).

Entendemos que, ao usarmos a língua, estamos proferindo enunciados concretos vivos e que nossa comunicação se efetiva por meio dos gêneros do discurso. Nas palavras do estudioso da linguagem, cada gênero pertence a um campo de utilização da língua, e cada campo elabora seus tipos de linguagem; os enunciados refletem as condições de produção do discurso específico pertencentes a cada campo de utilização da língua e têm uma finalidade na interação com o outro.

Bakhtin (2003) também nos traz a diferença essencial entre os gêneros primários (simples), espontâneos e os secundários (complexos). Os primários surgem na interação verbal no cotidiano diário, a conversa informal, no diálogo face a face, bilhetes, cartas etc. Os complexos surgem de um convívio cultural maior, são relativamente organizados e bem desenvolvidos e surgem a partir dos primários. Estes, por sua vez, são reelaborados, incorporados e adquirem caráter especial artístico, científicos etc.

Para o autor, a definição de gêneros discursivos se dá como: “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Essa relativa estabilidade de que fala o estudioso significa que não existe um modelo imutável de texto, um texto estático, uma estrutura predeterminada e canônica. Pelo contrário, os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados justamente porque eles, constantemente, evoluem para atender às necessidades imediatas dos sujeitos e da sociedade em qualquer situação comunicativa.

O estudioso da linguagem considera três elementos “básicos” que configuram um gênero discursivo: conteúdo temático, forma composicional e estilo. Sobre tema, são conteúdos valorados que se tornam comunicáveis por meio do gênero; não é só o objeto (assunto) e o sentido, mas inclui a situação social - a intenção do falante determinada pelo lugar.

Segundo Bakhtin (2003, p. 289), é o primeiro momento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais.

Para Costa-Hübes (2017), o tema aborda o aspecto discursivo do enunciado e não pode ser compreendido se não ultrapassar os limites linguísticos. Sendo assim, ele se apresenta como uma expressão de uma situação histórica concreta que originou os enunciados. Não pode ser compreendido fora das situações reais e concretas da comunicação, pois o tema surge de acontecimentos reais e concretos, experienciados pelos participantes da comunicação.

Fuza e Rodrigues (2022) retomam as considerações a respeito do tema nas obras do Círculo, a destacar: (1) tema como sentido total da enunciação, acontecimento, realidade e momento no qual, axiologicamente, interagem conteúdo e forma; 2) tema como relação entre significação e valoração do signo ideológico; 3) tema como objeto da enunciação/do enunciado. Conforme as autoras, o tema tem sua constituição na interação e envolve aspectos históricos, culturais e sociais. Ao enunciar, o sujeito recorre a outras enunciações/enunciados, adequa seu discurso às condições enunciativas, ao sistema linguístico (ou outra modalidade semiótica), de modo a construir o seu projeto de dizer, dando-lhe sentido e buscando a reação-resposta ativa do outro.

Nessa mesma linha de pensamento, Rojo e Barbosa (2015) afirmam que o tema é o sentido de um dado texto tomado como um todo “único”, “irrepetível”, justamente porque se encontra viabilizado pela refração da apreciação de valor do locutor no momento de sua produção. É pelo tema que a ideologia circula (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 88).

O estilo está indissolivelmente ligado ao tema e à composição, não sendo só a parte formal da língua, mas o sentido, o modo de uso da língua. O estilo são as escolhas linguísticas que fazemos para dizer o que queremos dizer (“vontade enunciativa”), para gerar o sentido desejado. É a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua. Essas escolhas podem ser de léxico (vocabulário), estrutura frasal (sintaxe), registro linguístico (formal/informal, gírias) etc. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Para Costa-Hübes (2017), o estilo é outro elemento que integra o conteúdo temático e a construção composicional de um gênero do discurso. A autora afirma que o estilo absorve as modificações dos gêneros quando essas são requeridas por novas formas de interação social, o que pode renovar ou transmutar determinado gênero, interferindo, inclusive, em sua construção composicional. Desse modo, inferimos que o estilo remete às escolhas linguísticas, enunciativas e discursivas ligadas à situação concreta de interação.

Já a forma de composição, é o modo de organização da fala, modo como as esferas sociais organizam os enunciados. “a forma padrão relativamente estável de estruturação de um

todo” (BAKHTIN, 2010, p. 301). Costa-Hübes (2017) salienta que a construção composicional do gênero é a forma de organizar o texto que, por sua vez, corresponde às características peculiares de cada gênero, à forma relativamente estável de estruturação do todo. Ainda conforme a autora, a construção composicional compara-se a roupagem de um texto que permite identificar o gênero ao qual pertence, que é determinado pelo projeto enunciativo do locutor.

Brait e Pistori (2012) clarificam a diferença entre forma composicional e forma arquitetônica nas obras do Círculo de Bakhtin. As autoras informam que, para distinguir esses dois aspectos do texto, Bakhtin sugere que é necessário enfrentar não somente a forma externa do texto, mas, seu plano, ou seja, por suas condições concretas de vida, suas interdependências, suas relações, suas posições dialógicas e valorativas. Em síntese, pode se dizer que, diante de um gênero e dos textos que o constituem, é necessário considerar suas dimensões (interna/externa), ou seja, sua dimensão verbal e social de maneira a explicitar as inter-relações dialógicas e valorativas (entoativas, axiológicas) que o caracterizam enquanto possibilidade de compreender a vida, a sociedade, e a elas responder. Diante disso, entendemos que a forma composicional deve levar em consideração as características do gênero discursivo, já a forma arquitetônica leva em consideração a criação do gênero, o que dará ao aluno condições de compreender o gênero, dominá-lo e produzi-lo como sujeito/autor, consciente das condições de produção, circulação e recepção.

Para Rojo e Barbosa (2015, p. 94), a composição é a organização e o acabamento do todo do enunciado. Está relacionada à teoria textual chama de (macro/super) estrutura do texto, à progressão temática, à coesão e coerência do texto. Conforme as autoras, a forma de composição serve para marcar a fronteira do enunciado e passar a palavra para o outro. A forma composicional e o estilo são relevantes no texto, pois fazem ecoar os sentidos ou temas. Nesse sentido, são as marcas linguísticas e textuais das apreciações valorativas do autor/locutor.

A partir das reflexões sobre os três elementos que constituem o gênero, podemos asseverar que a configuração dos gêneros do discurso atende o movimento dialógico da linguagem, ao campo da atividade humana e a história. Orientados pela reflexão de Mikhail Bakhtin ao ensino dos gêneros discursivos, o Programa Escrevendo o Futuro e o Projeto da Olimpíada partem do pressuposto de que as diversas esferas da atividade humana estão, necessária e indissolavelmente, relacionadas ao uso da linguagem. Assim, “cada esfera de nossas atividades – cotidiano-familiar, religiosa, escolar, profissional, política etc. – tende a desenvolver usos próprios, ou seja, gêneros discursivos” (RANGEL, 2010, p. 07- 09).

O foco da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vai ao encontro de ensino dos gêneros discursivos ao afirmar que

a organização das práticas de linguagem (leitura de textos, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica) por campos de atuação aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes BNCC (BRASIL, 2017, p. 82).

A partir da homologação da BNCC do Ensino Fundamental, em 20 de dezembro de 2017, o foco do trabalho com os gêneros ganhou forças. O trabalho com os gêneros evidencia a aderência teórica do Programa Escrevendo o Futuro às determinações da BNCC, no que concerne tanto aos pressupostos da perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem quanto ao olhar articulado para as práticas de leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica), oralidade e análise linguística/semiótica no trabalho de ampliação dos letramentos.

A partir da BNCC, houve um movimento na tentativa de vincular a Olimpíada de Língua Portuguesa ao que a BNCC propunha. Cabe salientar as preciosas contribuições contidas na Coleção da Olimpíada – Cadernos do Professor, voltada aos cinco gêneros eleitos para o concurso de textos (Poema, Memórias Literárias, Crônica, Artigo de Opinião e Documentário), especialmente, pelo fato de ilustrarem (com uma diversidade de atividades, textos, áudios, jogos de aprendizagem e vídeos) as ações em sala de aula, favorecendo a dupla formação, ou seja, do professor (já que há inúmeros exemplos de textos analisados e comentados, assim como o anúncio dos principais pontos de destaque e os objetivos de cada oficina para o ensino do gênero) e do aluno (por contar com uma variedade de recursos, capazes de otimizar o aprendizado do gênero, contemplado pela articulação das práticas de linguagem).

A BNCC, também, trata dos multiletramentos a partir de vários gêneros que emergem na contemporaneidade para atender às demandas da sociedade em função do contexto social. De acordo com o documento,

ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir BNCC (BRASIL, 2017, p. 65- 66).

O Programa Escrevendo o Futuro, na tentativa de dialogar com a BNCC, também implantou um novo gênero discursivo “documentário” para a ampliação dos multiletramentos dos participantes da Olimpíada de Língua Portuguesa. Nesse sentido,

a multimodalidade, como uma ilustração da escrita, ou seja, a escola está muito aferrada a essa ideia de que letramento é “letramento da letra”, letramento da escrita. As novas tecnologias vieram mudar isso. Elas funcionam o tempo todo com tudo misturado, junto. Atualmente, é importante trabalhar com esses textos multimodais ou multissemióticos, que têm imagem, imagem em movimento, áudio etc. (ROJO, R. Por novos e múltiplos letramentos. Revista Na Ponta do Lápis, número 27, 2016, p. 06 - 11).

Nas palavras de Rojo, a escola ainda está presa à alfabetização, ação de ler e escrever, e cabe a ela oportunizar o contato com os mais variados gêneros que circulam na sociedade para a ampliação do letramento e multiletramentos, com o intuito de responder às demandas que surgem na sociedade atual. As demandas da sociedade precisam ser atendidas e, para que nossos alunos atendam a essas demandas que surgem, é preciso trabalhar com os textos multimodais e multissemióticos. Atualmente, a escrita por si só não é mais suficiente, os novos textos que surgiram ganharam movimento, som e imagens. Esses elementos são necessários para a constituição e compreensão do projeto enunciativo.

Sendo assim, conforme abordamos, o Programa Escrevendo o Futuro, por meio da Olimpíada de Língua Portuguesa, dialoga de modo significativo com as demandas metodológicas da BNCC, todos os materiais disponibilizados pelo programa favorecem à ampliação do conhecimento sobre o gênero. Cabe elencar, também, as preciosas contribuições sobre a temática dos multiletramentos contidas na Coleção da Olimpíada, desde os cursos online, revista, cadernos do professor, ou seja, todo o material fornecido para os participantes para a ampliação dos letramentos. Essa temática dos multiletramentos será abordada na próxima seção. Entendemos e acreditamos que a olimpíada de língua portuguesa é uma potente aliada ao objetivo, expresso na BNCC, de assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento a todos e a todas.

2.2.1 O gênero discursivo e os multiletramentos

Em 1996, aconteceu o manifesto que resultou no colóquio do grupo nomeado Nova Londres, esse manifesto tinha como debate: *A pedagogy of Multiracis, desenhando futuros sociais*. No evento, o Grupo Nova Londres (doravante GNL) destacava a necessidade de a escola adotar a proposta da pedagogia dos multiletramentos, pois eles emergem da sociedade globalizada.

Rojo (2012) afirma que o grupo debatia o fato da juventude, ou seja, os alunos já possuírem contato, há mais de quinze anos, com outros meios de comunicação, com textos contemporâneos compostos de muitas linguagens e que exigem multiletramentos de caráter

multimodal ou multissemiótico para atribuir significado. Nessa direção, Rojo (2012, p.13) aponta que existem “dois tipos específicos e importantes de multiplicidades presente em nossa sociedade”, principalmente, urbana na contemporaneidade. São elas: a *multiplicidade cultural* da população e à *multiplicidade de textos* que circulam na contemporaneidade na qual nos comunicamos e nos informamos.

A autora (2012) clarifica que esses textos que circulam na sociedade globalizada são chamados de textos híbridos, ou seja, que se formam a partir da junção de palavras pertencentes a outras línguas. Ao argumentar sobre a multiplicidade de linguagens, afirma que é bastante evidente textos em circulação com imagens, sons, movimento, diagramação, etc. E que essas novas características são utilizadas para ganhar sentido, para significar o texto. Esses textos multimodais são compostos por muitas linguagens e exige domínio, prática de compreensão e produção para fazer significar. A velocidade com que estes textos surgem na sociedade requer novos letramentos e, seu caráter não é mais multi, mas hiper, de hipertexto, hipermídia.

Para Rojo (2012, p. 23), “esses textos são interativos, colaborativos, fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos verbais ou não), são híbridos, fronteirizos, mestiços”. Ao citar as características, esclarece que esses textos são interativos em vários níveis (na interface-modo como acontece a comunicação, nas ferramentas, nos espaços em rede dos hipertextos e das ferramentas, nas redes sociais). A fim de ilustrar a teoria dos gêneros, presente em Bakhtin, Rojo (2013) propõe um diagrama, pensando nos enunciados multimodais.

Figura 1: Elementos da teoria bakhtiniana sobre os gêneros discursivos revisitados.

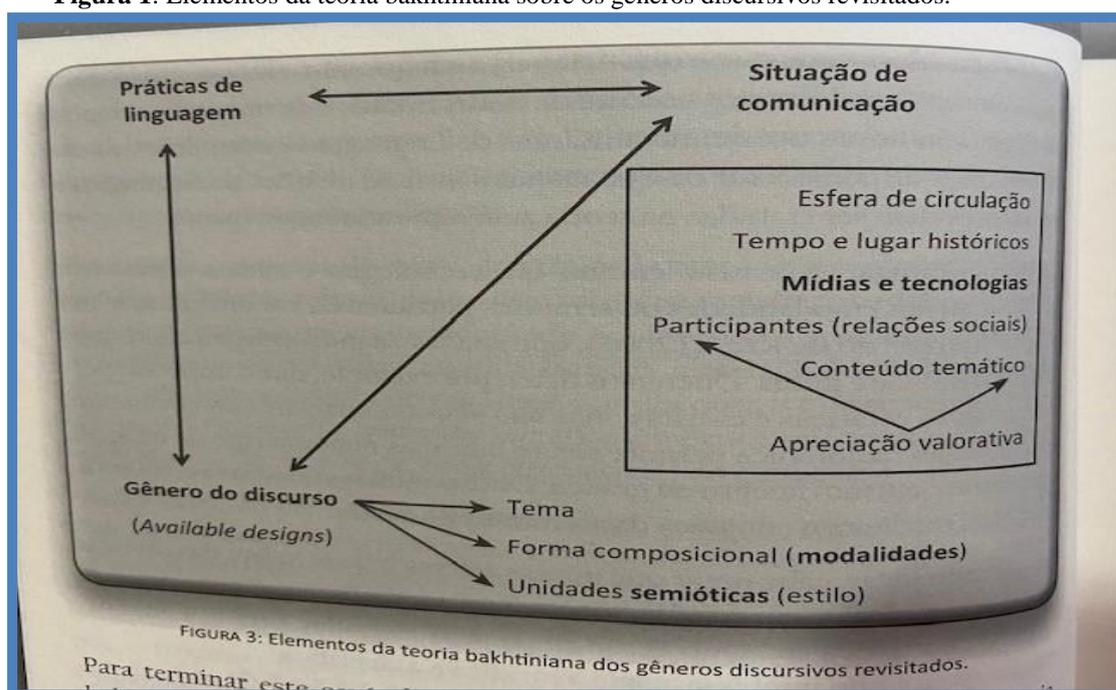


FIGURA 3: Elementos da teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos revisitados.

Fonte: ROJO (2013, p. 30).

Nesse diagrama, Rojo (2013) explica que as práticas de linguagens são situações interativas de linguagem contextualizadas e definidas pelas esferas ou campos de circulação em que estão inseridas, o que varia de acordo com o tempo histórico e as culturas locais. Entretanto, isso não acontece de forma mecânica, pois a esfera social pode mudar a significação, acrescentando novos valores a partir da visão de seus interlocutores. Para tanto, a autora sugere que essas práticas podem ocorrer com o uso de computadores como ferramenta de leitura, de escrita e de pesquisa. Trazer os estudantes para o ambiente do ciberespaço, da hipermodalidade e da hipermedialidade, faz com que eles compreendam de forma mais clara esses textos, além de motivá-los e dar-lhes possibilidades de desenvolver habilidades de forma mais contextualizada na prática social da escrita e da leitura.

Os alunos precisam vivenciar novas práticas de letramentos com o hipertexto, a hipermídia para dominar os novos gêneros que surgem, mas também para atender as demandas que surgem na sociedade, ou seja, o texto escrito agora vem com movimento, som e imagens para significar. Dessa forma, aproximar esses alunos, cada vez mais de novas situações e novas mídias comunicativas, contribui para trazerem essa nova perspectiva. Assim, familiarizam-se com uma nova gama de semioses, ao mostrar em seus discursos diferentes recursos semióticos e diversas combinatórias possíveis para atingir uma nova finalidade e novos temas que provocam mudanças nos gêneros discursivos e nos termos de multimodalidade (ROJO, 2013).

Para Rojo (2012), as mídias digitais permitem que o usuário (leitor/produtor de texto) interaja em vários níveis e com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos/discurso, etc.). E para que esse sujeito consiga se comunicar, atendendo a esses novos letramentos, é necessário que as instâncias de letramento, neste caso, que as escolas planejem eventos de letramento para ampliar o contato do aluno com novos e diversificados tipos de textos, os quais emergem da sociedade contemporânea.

Sem o contato com essas interfaces e com as ferramentas, o letramento fica comprometido. Mas, ao ter contato com as mídias digitais, nossas ações podem, cada vez mais, permitir a interação com o outro por meio de mensagens instantâneas, na postagem de algum texto com ou sem comentário de outras pessoas, nas redes sociais ou até nos aplicativos etc. De acordo com Rojo e Barbosa (2015), as demandas sociais devem ser refletidas e refratadas criticamente pelos currículos escolares. Para isso, a escola toma, segundo Rojo (2012),

a seu cargo (daí a proposta de uma “pedagogia”) os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte – mas não somente – devidos às novas TICS, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade (ROJO, 2012, p. 12).

A escola é responsável por propiciar experiências significativas com produções de diferentes lugares e culturas, práticas e procedimentos, e gêneros que circulam em ambientes digitais, levando o aluno a refletir sobre a participação, avaliação, sustentação de opiniões, pertinência, adequação de comentários, a imagem, a confiabilidade das fontes, seleção dos textos e produção. Refletir e refinar os processos de produção e recepção dos gêneros multissemióticos. Ainda conforme as autoras, esses textos se dão de maneira situada, ou seja, em determinadas situações de comunicação que se definem pelo funcionamento de suas esferas ou campo de circulação dos discursos. Essas esferas se situam historicamente, variando de acordo com o tempo histórico e cultura local.

A maneira como a informação circula e é produzida hoje não é a mesma de alguns anos atrás. O funcionamento das esferas de circulação dos discursos define os participantes do discurso assim como as relações sociais. Define, também, o conteúdo temático da esfera, pois não se pode falar qualquer coisa em qualquer lugar. Em outras palavras, uma pedagogia dos multiletramentos, ao mobilizar culturas e uma diversidade de linguagens, poderá contribuir significativamente com as práticas escolares tradicionais e, também, conseqüentemente, com a formação de sujeitos críticos frente aos problemas e desafios impostos pela sociedade atual.

A OLP abrange todo Brasil e reconhece a importância dos multiletramentos e da multiplicidade de culturas e linguagens existentes. Ao trabalhar com a temática “O lugar onde vivo”, amplia a oportunidade de conhecer e valorizar a cultura do lugar onde vivem os participantes. O gênero discursivo documentário passou a integrar os gêneros utilizados pela OLP por ser interativo, um potente mobilizador da investigação, reflexão e tomada de posição dos estudantes a partir do olhar crítico da realidade do lugar onde vivem. Por meio do documentário, podemos explorar a multimodalidade e multissemiose que exigem os multiletramentos para significar.

2.2.3 O gênero discursivo documentário

A concepção de documentário do autor Bill Nichols, professor de cinema e estudioso do gênero documentário, traz grandes contribuições sobre o gênero em questão. De acordo com autor, “a definição de documentário é sempre relativa ou comparativa” (NICHOLS, 2012, p. 47), é um conceito vago. Sendo assim, define-se o documentário em contraste com filme de ficção, não é uma reprodução da realidade, mas sim uma representação do mundo em que vivemos. Há diferentes modos de documentários, conforme Nichols,

o **modo poético**, que “ênfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal”; o **modo expositivo**, que “ênfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa”; o **modo observativo**, que “ênfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta”; o **modo participativo**, que “ênfatiza a interação cineasta e tema.”; o **modo reflexivo**, que “chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário”; e o **modo performático**, que “ênfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento” (NICHOLS, 2012, p. 62 - 63, grifos nossos).

Um modo pode conter características de outros modos de existência, ou seja, um documentário poético pode conter características do expositivo, e essa classificação se baseia em características dominantes, e não exclusivas. Esse gênero vem passando por várias mudanças na atualidade, sendo considerado um gênero de difícil definição. Alguns autores, como Labaki, também preferem não definir ou conceituar o documentário pelo fato de que esse gênero não é algo estático. Para Haga (2014), o gênero documentário apresenta

um conceito em mutação e a produção também está em mutação. Por isso, coisas que você não consideraria práticas do documentário, setenta anos atrás, agora fazem parte da regra do jogo. Eu não gosto de definições de documentário que são camisas de força como ‘documentário é um gênero que não utiliza atores’ (HAGA, 2014, p. 54).

O conceito do que seja o documentário, assim como sua produção, está sempre em mudança, em função do contexto sócio-histórico-ideológico. Fato que permite acionar a noção de que, sendo a língua viva sócio-histórica e social, conseqüentemente, isso se refletirá nos enunciados (BAKHTIN, 2003 [1979]). Para o Círculo de Bakhtin, os gêneros do discurso “são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos” (BAKHTIN, 2003, p. 85).

Essa mutação do gênero discursivo documentário mostra a relativa estabilidade de que fala Bakhtin, significa que não existe um modelo imutável de texto, um texto estático, uma estrutura predeterminada e canônica; pelo contrário, os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados justamente porque eles, constantemente, evoluem para atender às necessidades imediatas dos sujeitos e da sociedade em qualquer situação comunicativa.

Nichols (2007) elucida que, nos documentários, há histórias ou argumentos, evocações ou descrições, que nos permitem ver o mundo de uma nova maneira. A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera nos compele a acreditar que a imagem seja a própria realidade reapresentada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade.

O gênero documentário fala também por meio das imagens, representando a realidade diante das câmeras. Conforme Nichols (2007), a voz do documentário, ao representar a realidade diante do espectador, não está restrita ao dito verbalmente. Ou seja,

a voz do documentário não está restrita ao que é dito verbalmente pelas vozes de “deuses” invisíveis e “autoridades” plenamente visíveis que representam o ponto de vista do cineasta - e que falam pelo filme - nem pelos atores sociais que representam seus próprios pontos de vista - e que falam no filme. A voz do documentário fala por intermédio de todos os meios disponíveis para o criador (NICHOLS, 2007, p. 76).

O autor chama a atenção que o documentário, ao representar a realidade, fala não somente pela voz, pela palavra em si, mas por meio das imagens, dos sons e tudo que envolve a sua produção. Essas características aproximam o gênero documentário do jornalismo, pois o acesso ao real está presente. O documentário tem como característica forte a subjetividade do autor, pois ele pode opinar, tomar partido, expor-se, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende sem precisar camuflar a sua própria opinião ao narrar um evento.

O documentário pode ser considerado agente de transformação social, porque pode mobilizar a opinião pública de instituições e autoridades com denúncias de cunho social. A subjetividade do gênero documentário é um terreno fértil para a argumentação nas aulas de Língua Portuguesa, levando o aluno a refletir sobre a linguagem de modo geral, verbal, visual e com sons e imagens vão gerando os efeitos de sentido e significando. A construção do enunciado⁵, segundo o Caderno da Olimpíada de Língua Portuguesa, de modo geral, o documentário apresenta:

Quadro 4: Dimensão verbo-visual do documentário da OLP

Tema	Composição (Forma)	Estilo
O lugar onde vivo	Início (com apresentação do tema, do problema, das pessoas envolvidas e do contexto retratado); Meio (com um aprofundamento das informações, dos contextos, dos personagens e dos fatos apresentados); Fim (resultado da resolução do conflito abordado nas outras partes).	Aspectos estilístico-composicionais, voltados à linguagem audiovisual.
Aspectos que perpassam o gênero: Ângulo, campo, cena, chicote, iconográfico, montagem, pan horizontal, split screen.		

Fonte: a autora, 2023.

O quadro 4 exemplifica que, na construção do enunciado, não há como desvincular os elementos que constituem o gênero. Todos os elementos do gênero do discurso, tema, composição e estilo estão conectados para a constituição do enunciado, para significar, não podem ser estudados de maneira isolada. Os gêneros não conseguiriam significar simplesmente a partir dos três elementos básicos apontados na dimensão verbo-visual, o que constitui um

⁵ Na próxima seção, iremos detalhar a dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero documentário da OPL.

gênero discursivo é a sua ligação com uma situação social de interação, e não suas propriedades formais.

O tema está voltado para o conteúdo do gênero e não pode ser confundido com o assunto. O estilo está ligado às escolhas linguísticas, à linguagem que irá compor o gênero, perpassando pela composição. Essa seleção frasal, gramatical, lexical tem sua compreensão determinada pelo gênero. Ele é responsável pelo domínio de sentido do enunciado.

A composição (forma) é como o texto será moldado e organizado, sua estruturação e acabamento, e está vinculada, principalmente, com o estilo, pois são as escolhas linguísticas, frasal, gramatical e lexical que darão forma ao gênero.

O documentário é gênero composto por diversos signos linguísticos, orientado por tema onde as escolhas linguísticas irão moldar a forma do enunciado concreto. E todas essas escolhas são responsáveis pela constituição de sentidos e valores a partir desses elementos que constituem o gênero, tema, forma de composição e estilo.

2.3 O documentário no contexto da Olimpíada de Língua Portuguesa

O documentário é um gênero fortemente marcado pela subjetividade do(a) autor(a). Ele (a) pode opinar, tomar partido e expor-se, deixando claro para o espectador(a) qual o ponto de vista que defende sem precisar camuflar a sua própria opinião ao narrar um evento. O fato de o documentário ser um gênero marcado pela subjetividade permite um trabalho bastante construtivo com a argumentação nas aulas de língua portuguesa, levando o aluno a perceber de que forma o texto, imagem e montagem vão criando efeitos de sentido.

Consideramos, pois, a partir dos estudos de Bakhtin e o Círculo, que todo enunciado é composto por três elementos constitutivos: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo; e que qualquer enunciação se realiza de acordo com características típicas de um determinado gênero do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 261). Nesse contexto, apresentamos como as relações dialógicas, que perpassam os elementos constitutivos do enunciado, são importantes para sua configuração. O documentário é fruto de um processo: (1) pré-produção: pesquisa, planejamento, argumento, roteiro e sinopse; (2) produção: filmagem e (3) pós-produção: edição e som, conforme o quadro 5.

Quadro 5: Composição do gênero documentário.

Pré-produção
Pesquisa - fazer anotações e organizar a pesquisa.
Planejamento - O que eles podem encontrar na internet? E conversando com outras pessoas? E assistindo a outros documentários sobre o mesmo tema?
Sinopse é importante que esse gênero traga o que / quem / como / onde.

<p>Argumento - No argumento, os estudantes terão que detalhar o que / por que / quem / como / onde / quando.</p> <p>Roteiro - Os elementos escolhidos pelos estudantes a partir da pesquisa, da sinopse e do argumento agora serão organizados para construir o discurso do filme. Na elaboração do roteiro do documentário, os alunos devem colocar na ordem que quiserem as imagens e os sons, e apontar todos os locais, pessoas, materiais de arquivo etc. que desejam filmar.</p>
<p>Produção</p>
<p>Filmagem - Qual imagem vai abrir o filme e por quê?</p>
<p>Pós-produção</p>
<p>Edição - O processo de edição começa com a análise de todo o material filmado. Na fase inicial, eliminam-se as imagens que apresentam problemas técnicos, bem como aquelas que não possuem interesse para o filme. Cabe à edição juntar o material filmado num todo coerente, o filme. Não se trata simplesmente de conectar uma imagem à outra mecanicamente, mas de sequenciá-las de forma que adquiram um significado que, isoladamente, não possuem.</p> <p>Som - O áudio do documentário também exige edição. Além do som captado nas gravações (chamado “som direto”), na etapa da edição, podem ser acrescentados ao material filmado efeitos sonoros e trilha musical. Esses elementos transmitem maior carga de dramaticidade à obra.</p>

Fonte: a autora, 2023.

Os gêneros do discurso são escolhidos a partir da necessidade de interação em determinado campo de atividade humana e orientam o modo de comunicação pelas particularidades estabelecidas “[...] pelo tema, pela composição, pelo estilo” (BAKHTIN, 2010[1979], p. 292), as quais guiam a seleção dos elementos linguísticos em função de um objetivo discursivo.

A dimensão verbal do gênero, conforme Bakhtin (2016 [1952-53]), convencionou chamar conteúdo temático, estilo linguístico e construção composicional, uma vez que estes aspectos estão diretamente relacionados à teoria do gênero proposta pelo autor e apontam para uma análise de caráter linguístico do enunciado, atrelado aos seus aspectos sociais constitutivos.

A proposta de trabalho com o gênero documentário na OLP dialoga com as práticas de linguagem presentes na BNCC, quando trata da presença dos textos multimodais e do multiculturalismo na prática da análise semiótica. Os textos construídos por múltiplas linguagens ganharam força com a implementação da BNCC, a interpretação e o sentido dos textos a partir das imagens, links e demais recursos que compõem um texto multissemiótico está cada vez mais próximo da realidade dos alunos.

A formatação de diversos textos em ambientes digitais e a intencionalidade do autor por traz das imagens, luz, enquadramento etc., é uma das propostas de trabalho nas aulas de língua portuguesa, conforme documento orientador do ensino de língua portuguesa.

No quadro 6, selecionamos algumas habilidades da BNCC que evidenciam o trabalho com os gêneros digitais, a saber:

Quadro 6: Habilidades da BNCC que dialoga com o audiovisual.

Habilidade	Descrição
(EM13LP12)	Analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas e formatação das imagens (enquadramento, ângulo/vetor, cor, brilho, contraste) e de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, remix), das performances (movimentos do corpo,

		gestos, ocupação do espaço cênico), dos elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) e das relações desses elementos com o verbal, levando em conta esses efeitos nas produções de imagens e vídeos, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação.
(EM13LP15) TODOS CAMPOS ATUAÇÃO SOCIAL	OS DE	Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.
(EM13LP16) TODOS CAMPOS ATUAÇÃO SOCIAL	OS DE	Utilizar softwares de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.
(EM13LP17) TODOS CAMPOS ATUAÇÃO SOCIAL	OS DE	Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (vlog, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, podcasts, playlists comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.
(EM13LP45) CAMPO JORNALÍSTICO- MIDIÁTICO		Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (vlogs e podcasts culturais, gameplay etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros.

Fonte: BNCC (BRASIL, 2017, p. 508)

O quadro com as habilidades evidencia que o trabalho com o gênero documentário está contemplado nos campos de atuação elencados na BNCC. O caderno “*Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*”, material didático da OLP, pode ser utilizado nas aulas de língua portuguesa, ou seja, mesmo que o professor não esteja participando da OLP, ele pode adaptar as atividades do caderno para trabalhar com o gênero em sala de aula, conforme orienta a BNCC. Ao trabalhar com essas habilidades, o professor amplia o letramento dos alunos e a consciência socioideológica, levando o aluno a operar conscientemente sobre a língua e seus efeitos de sentido por meio dos gêneros multissemióticos.

Outra observação que é notória na BNCC, é a diversidade cultural, a variação linguística, terreno fértil para as aulas de língua portuguesa que se propõe a ampliar o repertório dos alunos, a interação com culturas, línguas e usos linguísticos diversos. O quadro 7 evidencia as habilidades que abordam a temática da variação linguística na BNCC em todos os campos de atuação social.

Quadro 7: Habilidades da BNCC que dialogam com a temática “O lugar onde vivo”.

Habilidade	Descrição
(EM13LP17)	Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes

TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO SOCIAL	dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.
(EM13LP14) TODOS OS CAMPOS DE ATUAÇÃO SOCIAL	Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

Fonte: BNCC (BRASIL, 2017, p. 508)

O tema da Olimpíada de Língua Portuguesa é “O lugar onde vivo”, essa temática, por si só, pode inspirar várias ideias com a variação linguística, tendo em vista que todos os participantes pertencem a uma região, com culturas diferentes, tornando as aulas de língua portuguesa uma ótima oportunidade para o estudo da variação linguística por meio das atividades do caderno, e que são contempladas também na BNCC.

Ao seguir o viés de pensamento dos estudos de Bakhtin e o Círculo, podemos dizer que a análise de enunciados parte de um estudo sociológico-discursivo para, em seguida, voltar-se à sua organização interna, atrelada aos aspectos sociais que a determinam. Conforme esclarece Volóchinov,

Cada enunciação da vida cotidiana – [...] – compreende, além da parte verbal expressa, também uma parte extra verbal não expressa, mas subentendida – situação e auditório – sem cuja compreensão não é possível entender a própria enunciação (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 159).

Sendo assim, para Bakhtin e o Círculo, o contexto extraverbal está relacionado aos aspectos sociais constitutivos dos enunciados. De acordo com os próprios autores,

Este contexto extraverbal do enunciado compreende três fatores: 1) o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível – neste caso, a sala, a janela, etc.), 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e 3) sua avaliação comum dessa situação (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 7, destaques dos autores).

Diante do exposto, no quadro 8, apresentamos as dimensões social e verbo-visual do documentário.

Quadro 8: dimensões social e verbo-visual do gênero documentário.

Dimensão social	Época e local de circulação	2020; Site da OLP; Participação na Olimpíada de Língua Portuguesa; Plataforma online de compartilhamento, como YouTube; Sites específicos de divulgação de filmes; Festivais que aceitem curta-metragem feita por estudantes.
	Esferas de produção, circulação e recepção	Escolar
	Produtor/autor	Participantes da olimpíada/ou estudantes

	Destinatário/interlocutor	Avaliadores da olimpíada (banca)/professores/comunidade
	Finalidade	Transformação social
	Relações dialógicas e horizonte apreciativo-ideológico (do locutor e do interlocutor)	As relações dialógicas ficam explicitamente marcadas pelo tema, pois o “o lugar onde vivo” aciona a valoração dos interlocutores envolvidos. Quando o interlocutor valora, ele reage, acionando as ferramentas “curtir”, “comentar” e “compartilhar” dependendo do suporte de circulação.
Dimensão verbo-visual	Conteúdo temático	O lugar onde vivo (recorte temático que o estudante realiza).
	Construção composicional	A forma como o texto será moldado, um processo de produção e está vinculada principalmente com o estilo, pois, são as escolhas linguísticas que darão forma ao gênero. Formas do documentário da OLP: expositivo, poético, participativo, observacional, reflexivo e performativo.
	Estilo (marcas linguístico-enunciativas)	Linguagem verbo-visual, gramática e linguagem audiovisual.

Fonte: a autora, 2023.

Uma proposta de trabalho que aborde a dimensão social e verbo-visual do gênero contribui para um melhor entendimento dos efeitos de sentido e apreciação valorativa do enunciado. Dessa forma, esses aspectos sociais, históricos e ideológicos têm um efeito sobre o documentário, principalmente, para a consciência dos alunos das escolhas estilísticas e composicionais. É de suma importância que o locutor saiba quem são seus interlocutores, onde o seu texto vai circular e quais estratégias do dizer vai utilizar para atender ao propósito comunicativo. O sujeito criador de documentários precisa avaliar como essas dimensões social e verbo-visual são organizadas, formando um texto dotado de sentido.

3 PESQUISAS NO ÂMBITO DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ao investigarmos as pesquisas que foram realizadas com a temática *Olimpíada de língua portuguesa*, encontramos, no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entre os anos de 2019 a 2023, poucos trabalhos publicados, sendo que, dentre eles, dois abordaram e citaram o gênero documentário. Da mesma forma, pesquisamos a temática da *Olimpíada de língua portuguesa* na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, entre os anos de 2019 a 2023, encontramos dezenove trabalhos publicados com a temática em questão. Desses 19, somente um citou o trabalho com o gênero documentário. No Banco de Teses e Dissertações da Capes, entre os anos de 2019 e 2023, somente uma dissertação tratava da temática da OLP, mas não citava o gênero documentário.

Quadro 9: Pesquisas sobre o trabalho na OLP.

Ano	Título do trabalho (autor e ano)	Tipo de trabalho	Objetivo do trabalho	Seguimento investigado
2019	Perspectivas de ensino de gramática no caderno Pontos de Vista da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (Lima; Neves, 2019).	Dissertação em Letras (UFPE)	Investigar qual o tratamento dado às orientações de gramática no caderno Pontos de Vista, material orientador para o trabalho com gênero artigo de opinião da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro.	Material didático (caderno do professor da OLP)
2020	O Que é um Gênero Para A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo O Futuro? (LUNA, 2020)	Artigo	Investigar a noção de gêneros construída pela Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLPEF), observando como se dá o processo de apropriação e de reelaboração dos pressupostos bakhtinianos acerca dos gêneros do discurso, tidos como uma das principais balizas teóricas desse Programa.	Material didático (caderno do professor da OLP)
2020	A Criação do imaginário em narrativas de estudantes brasileiros: perspectivas a partir das Olimpíadas de Língua Portuguesa. (VALERIO, 2020)	Artigo Universidade de Brasília UNB	O objetivo não será apenas questionar o processo criativo, mas também trazer o elemento local como potencializador do imaginário ao descrever um espaço fora dos grandes centros ou de capitais – a individualidade de uma pequena cidade do interior do Nordeste brasileiro, seu povo e suas particularidades.	Material didático (caderno do professor da OLP)
2019	A sequência didática como recurso de sucesso para produção de gêneros de texto nas olimpíadas de língua portuguesa.	Artigo Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Investigar como esses professores concebem a proposta didática das olimpíadas, se compreendem-na enquanto proposta de ensino de sucesso ou não, e como justificam essa	Material didático (caderno do professor da OLP)

	(BENTE; PEREIRA, 2010)		compreensão em seus depoimentos.	
2020	Cotidiano na voz do estudante-autor da região norte: estudo sobre crônicas. (RAMOS, et al, 2020)	Artigo Universidade de Caxias do Sul	Investigar prática de escrita com o gênero crônica em produções dos estudante-autores da região norte do Brasil, finalistas da 5ª Olimpíada de Língua Portuguesa é o foco deste texto.	Produção textual dos alunos participantes da Olimpíada, material didático
2019	Projeto de letramento e sequência didática na OLP: propostas para o ensino de leitura e escrita. (FERNANDES; MEDEIROS, 2019)	Artigo Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Evidenciar as contribuições decorrentes de dois modelos didáticos: um projeto de letramento e uma sequência didática, ambos voltados para o ensino de leitura e escrita.	Prática Docente e material didático.
2020	Produção Escrita e Mediação Dialógica Para Reelaboração Textual: análise de um contexto na Educação Básica. (MAIOR, et al, 2020)	Artigo Universidade Federal de Alagoas	Analisar intervenções de um professor em formação no PIBID/Letras/Português na prática de escrita de um aluno, que foram pautadas numa perspectiva textual discursiva e aplicadas através do processo de mediação dialógica, no desenvolvimento de um trabalho direcionado à participação nas Olimpíadas de Língua Portuguesa (2016).	Produção textual dos alunos participantes da Olimpíada.
2019	O Gênero artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa: do objeto de saber ao objeto ensinado. (Schmidt, 2019)	Dissertação Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras	Analisar como esses materiais abordam a temática da avaliação de textos, sob a perspectiva dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011), teoria a qual fundamenta o trabalho da Olimpíada.	Material didático (caderno do professor da OLP).
2019	A olimpíada de língua portuguesa escrevendo o futuro como dispositivo de rarefação discursiva na formação docente. (SANTOS, 2019)	Dissertação Universidade Federal de Goiás	Analisa-se tais objetivos com especial atenção aos processos de compreensão responsiva ativa dos docentes, tendo por base seu escopo dialógico. Nesse sentido, busca-se verificar, por meio do exame dos discursos mobilizados pelos docentes envolvidos, como e em que medida as orientações teórico-metodológicas a eles dirigidas interferem em suas concepções de ensino de língua.	Material didático (caderno do professor da OLP).
2019	O Gênero artigo de opinião na Olimpíada de Língua Portuguesa: do objeto de saber ao objeto ensinado. (MENEGUINI, 2019)	Dissertação Universidade Federal da Grande Dourados	Investigar as capacidades de linguagem que foram prescritas a serem ensinadas sobre o gênero artigo de opinião no caderno do professor Pontos de vista da Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP) e efetivamente ensinadas na prática de ensino docente em uma turma de 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública da rede	Material didático (caderno do professor da OLP).

			estadual de ensino da cidade de Dourados/MS.	
2020	"O lugar onde vivo" em documentários: os multiletramentos no ensino de língua portuguesa. (MONTEIRO, 2020)	Dissertação Universidade Federal do Oeste do Pará	Avaliar como a proposta de produção de documentários, com base na Olimpíada de Língua Portuguesa, desenvolvida por meio de uma intervenção com alunos de uma escola pública de Alenquer - Pará, se realiza como instrumento de formação intelectual a partir das aulas de Língua Portuguesa na perspectiva do Multiletramento.	Material didático (caderno do professor da OLP).
2019	Uma proposta de intervenção com a ressignificação das atividades da olimpíada de língua portuguesa escrevendo o futuro: a apreensão da literariedade do gênero crônica à guisa do letramento literário. (BARBOSA, 2019)	Dissertação Universidade Federal Rural de Pernambuco	Sugestão de uma Proposta de Intervenção que visa a ressignificação das atividades da própria OLPEF para a apreensão da literariedade do Gênero Crônica, à guisa do Letramento Literário.	Material didático (caderno do professor da OLP).
2019	Ensino do gênero crônica na Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: ecos da tradição e novas práticas. (LUNA, 2019)	Tese Universidade Federal de Pernambuco	Investigar o ensino do gênero crônica no âmbito da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (OLPEF).	Material didático (caderno do professor da OLP).
2019	Da leitura de memórias ao registro: o diário de leitura como instrumento de avaliação. (SANTOS, 2019)	Dissertação PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PROFLETRAS CURRAIS NOVOS	Investigar a efetivação das ações de letramento literário no 8º ano do Ensino Fundamental II, a partir do uso de uma sequência básica com o gênero Memórias Literárias e o Diário de Leitura, promovendo, junto aos alunos, situações de leitura que ultrapassaram os muros da escola.	Textos premiados na Olimpíada de Língua Portuguesa de 2016.
2019	Formação continuada do professor de língua materna na olimpíada de língua portuguesa: uma perspectiva decolonial. (LEGRAMANDI, 2019).	Dissertação Programa de pós-graduação em educação - (PPGE - Uninove).	Analisar as concepções dos professores de língua materna sobre a formação continuada por meio dos cadernos fornecidos pela OLPEF.	Formação docente
2022	Projetos de letramento na olimpíada de língua portuguesa: o documentário na sala de aula. (NETA, SANTOS-MARQUES, SANTOS 2022).	Revista de Letras - Centro de Humanidades Universidade Federal do Ceará/UFC - Fortaleza - CE www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras DOI - 10.36517/revletras.41.2.	Sugestão de projetos de letramento, numa perspectiva transdisciplinar, visando à produção do gênero documentário para participar da OLP.	Material didático (caderno do professor da OLP).

2022	Uma experiência com o gênero documentário no ensino remoto. (MACEDO, 2022)	Revista Nova Paideia, 2022, Vol. 4 (3), p.112-123	Apresentar uma reflexão sobre a nossa prática, enquanto professora de Língua Portuguesa, vivenciada com o gênero documentário no contexto do ensino remoto, evidenciando o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, bem como os desafios impostos pelo ensino à distância.	Material didático (caderno do professor da OLP).
------	--	---	---	--

Fonte: a autora, 2023.

Diante do exposto, tendo como foco o documentário, esta pesquisa pode contribuir para as discussões a respeito do trabalho a ser realizado com leitura e escrita do gênero, a partir do Caderno da OLP. A dissertação *"O lugar onde vivo" em documentários: os multiletramentos no ensino de língua portuguesa*, da autora Andréa Nina Monteiro, do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, teve por objetivo avaliar como a proposta de produção de documentários, com base na Olimpíada de Língua Portuguesa, desenvolvida por meio de uma intervenção com alunos de uma escola pública de Alenquer – Pará, se realiza como instrumento de formação intelectual a partir das aulas de Língua Portuguesa na perspectiva dos Multiletramentos.

A pesquisa é participante de cunho qualitativo, em que a professora/pesquisadora colheu os dados e foram analisados através da observação das suas aulas. No percurso, ela fez uso de diário de registros escritos, gravações de voz e vídeo, além da aplicação de questionário para a avaliação dos alunos. A professora trabalhou com a produção de documentário com as turmas, utilizando o material da OLP, caderno olhar em movimento: cenas de tantos lugares.

A pesquisadora não participou da produção dos documentários, porém os alunos entraram em contato por telefone e mensagens para sanar algumas dúvidas. Ela ofertou suporte necessário aos alunos, caso precisassem, e observou uma grande dependência dos alunos em relação à internet quanto à atividade de pesquisa, o que demonstra a falta de habilidade deles em pesquisa de campo.

Sobre a produção do documentário, a pesquisadora destacou os multiletramentos e a importância de levar para a sala de aula gêneros que abordam os “novos letramentos”. Essa questão se justifica porque o mundo muda e a utilização da linguagem se renova com ele, assim, é imprescindível um trabalho que amplie a capacidade leitora pela percepção das várias linguagens utilizadas nos meios sociais vigentes da nossa era; estes, facilitados e ampliados pelos usos das novas tecnologias.

Percebemos que a pesquisadora utilizou a sequência de atividades do caderno do professor da OLP com grande êxito, apesar de alguns alunos desistirem de produzir por falta de letramento com as novas tecnologias, mesmo a professora dando suporte necessário. A

pesquisadora relata que uma das dificuldades com os alunos para a produção do gênero foi a condição socioeconômica de alguns, pois, na cidade, não há escola privada para o ensino médio. Percebeu-se que a turma A teve melhor desempenho que a turma B, pois a maioria dos alunos da turma A moram com os pais e não precisam trabalhar no contra turno, tem celulares e computadores de ponta.

A maioria dos alunos da turma B são provenientes de famílias da área rural que vieram dar continuidade aos estudos na cidade, uma vez que a comunidade rural não oferecia. As turmas conseguiram produzir os documentários com a temática o lugar onde vivo e, ao exibir as produções dos alunos para a comunidade escolar, a plateia mostrou-se atenta à exibição dos documentários, expressou reações de surpresa, curiosidade e humor diante dos vídeos que trouxeram temáticas, imagens, sonoridade e história local.

Ao efetuar a busca, encontramos também dois artigos publicados com a temática da olimpíada e trabalho com o gênero documentário “Projetos de letramento na olimpíada de língua portuguesa: o documentário na sala de aula”. O objetivo da pesquisa foi apresentar uma sugestão de projetos de letramento, numa perspectiva transdisciplinar, visando à produção do gênero documentário para participar da OLP. Não houve uma sugestão para ampliação das atividades no caderno do professor, o que evidenciamos foi a aplicação da sequência de atividades do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares” na prática em sala de aula.

O outro artigo encontrado trata da temática “Uma experiência com o gênero documentário no ensino remoto”. Este, por sua vez, apresenta uma reflexão sobre a prática, enquanto professor de Língua Portuguesa, vivenciada com o gênero documentário no contexto do ensino remoto. Além disso, evidencia o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e os desafios impostos pelo ensino à distância. Nesse trabalho, não houve sugestões para ampliação das atividades do caderno, evidenciamos o trabalho com a sequência didática de atividades do caderno “Olhar em movimento cenas de tantos lugares” de maneira remota no contexto pandêmico. Sendo assim, as duas propostas publicadas em artigos utilizam o caderno para o trabalho com o gênero documentário de maneira presencial e remota, não havendo uma sugestão para ampliação de atividades ou contribuição para o material didático.

Na seção seguinte, apresentamos a forma como o caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares” está organizado, bem como os resultados do diagnóstico realizado do caderno.

3.1 A organização do caderno de documentário da OLP

O caderno “*Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*” do gênero documentário está dividido da seguinte maneira, a saber: o **sumário** interativo, no qual o leitor consegue visualizar quais são as oficinas e as etapas contempladas em cada Bloco. Na **introdução** do caderno, encontramos uma definição dos cadernos docentes e sua organização para o trabalho dos professores com os cinco gêneros adotados pela Olimpíada.

Logo mais, há argumentação que aproxima os diálogos dos cadernos com as competências e habilidades da BNCC, apresentando um mapeamento completo das competências e habilidades presentes nas oficinas do caderno “*Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*”. E, por fim, esclarece que o componente curricular de Língua Portuguesa pode ser trabalhado juntamente a outros, como Arte, História e Geografia.

A introdução também apresenta a importância e as razões de se trabalhar com o gênero documentário em sala de aula, ampliando a visão do professor sobre a importância dos multiletramentos e a inserção desse gênero em sala de aula. São elencadas, assim, oito razões para o professor trabalhar com o gênero. Depois, temos a apresentação da estrutura do caderno, o qual é dividido em quatro grandes blocos e, dentro dos blocos, temos números específicos de oficinas, além das suas etapas.

Em seguida, o caderno apresenta uma entrevista com a professora Roxane Rojo da Unicamp, abordando a temática dos multiletramentos e multisemiose. Na sequência, temos a **coletânea** com todos os curtas-metragens que foram trabalhados no caderno. Estes foram divididos em quatro blocos, sendo o bloco 1, com 25; bloco 2, com 57; bloco 3, com 18 e bloco 4, com 14. Em seguida, temos o **glossário** que, de forma interativa, apresenta e reforça o significado dos termos técnicos, exemplificando-os com imagens.

Após isso, há **autorizações** com as orientações referentes aos direitos autorais e os direitos de personalidade. A seção apresenta as noções básicas ao leitor sobre direitos autorais e direitos da personalidade (direito de imagem), previstos no Código Civil. O objetivo desta seção é evitar problemas futuros com os participantes do documentário e a possível eliminação de estudantes.

Na seção das **referências bibliográficas**, mencionam-se as obras que foram citadas no caderno ao longo dos blocos, com as seguintes indicações: leituras de obras sobre a temática abordada; revistas sobre documentário e cinema; sites de curta metragem, sites de documentário, sites de filmes independentes, além de entrevistas com realizadores de vários documentários.

No *sumário*, há indicação dos Blocos e de suas respectivas Oficinas, como é apresentado na figura 2.

Figura 2: Sumário do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.

Sumário	
Introdução	pág. 5
Bloco 1 - Situando o gênero documentário	pág. 10
Oficina 1 - E esse tal de documentário, o que é mesmo?.....	pág. 13
Oficina 2 - O documentário e seus vários modos de existência.....	pág. 25
Oficina 3 - Quais as estratégias do documentário para abordar o real?.....	pág. 50
Bloco 2 - A linguagem audiovisual	pág. 57
Oficina 1 - Para início de conversa.....	pág. 60
Oficina 2 - Enquadramento.....	pág. 64
Oficina 3 - Movimentos de câmera.....	pág. 77
Oficina 4 - Montagem.....	pág. 81
Oficina 5 - O som no cinema.....	pág. 88
Bloco 3 - Pré-produção de documentário	pág. 94
Oficina 1 - O que vem antes da elaboração do projeto.....	pág. 97
Oficina 2 - O processo de escrita.....	pág. 107
Bloco 4 - Produção e pós-produção	pág. 135
Oficina 1 - Produção.....	pág. 142
Oficina 2 - Filmagem.....	pág. 146
Oficina 3 - Edição e pós-produção.....	pág. 161
Oficina 4 - Exercitando o olhar.....	pág. 173
Glossário	pág. 183
Autorizações	pág. 199
Referências	pág. 203

Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

De acordo com a figura 1, o conteúdo principal está dividido em quatro grandes blocos. O Bloco 1, com 3 oficinas, de caráter mais teórico-conceitual; os Blocos 2, contendo 5 oficinas; 3, contendo 2 oficinas; 4, contendo 4 oficinas, de caráter prático. Cada um desses blocos contempla um número específico de oficinas que, por sua vez, subdividem-se em diferentes Etapas e Atividades, as quais visam o esclarecimento da temática principal do bloco em questão.

A *introdução* do caderno tem como objetivo dialogar com os componentes da BNCC e com as atividades dos blocos. Argumenta para o professor sobre a importância e as razões de se trabalhar com o gênero documentário em sala de aula, ampliando a visão do professor sobre a importância dos multiletramentos e a inserção desse gênero em sala de aula. São elencadas, assim, oito razões para o professor trabalhar com o gênero, de acordo com a figura 3.

Figura 3: - Bloco1- Mapa das habilidades e competências da BNCC para o Caderno.

Blocos	Oficinas	Campo/Área	Habilidades	Competências
Bloco 1: Situando o gênero documentário	1. E esse tal de documentário, o que é mesmo?	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		Jornalístico-midiático	EM13LP45	1 e 3
	2. O documentário e seus vários modos de existência	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
			EM13LP14	1
			EM13LP15	1 e 3
			EM13LP16	1 e 4
	3. Quais as estratégias do documentário para abordar o real?	Todos os campos de atuação social	EM13LP02	1
			EM13LP13	1
			EM13LP14	1

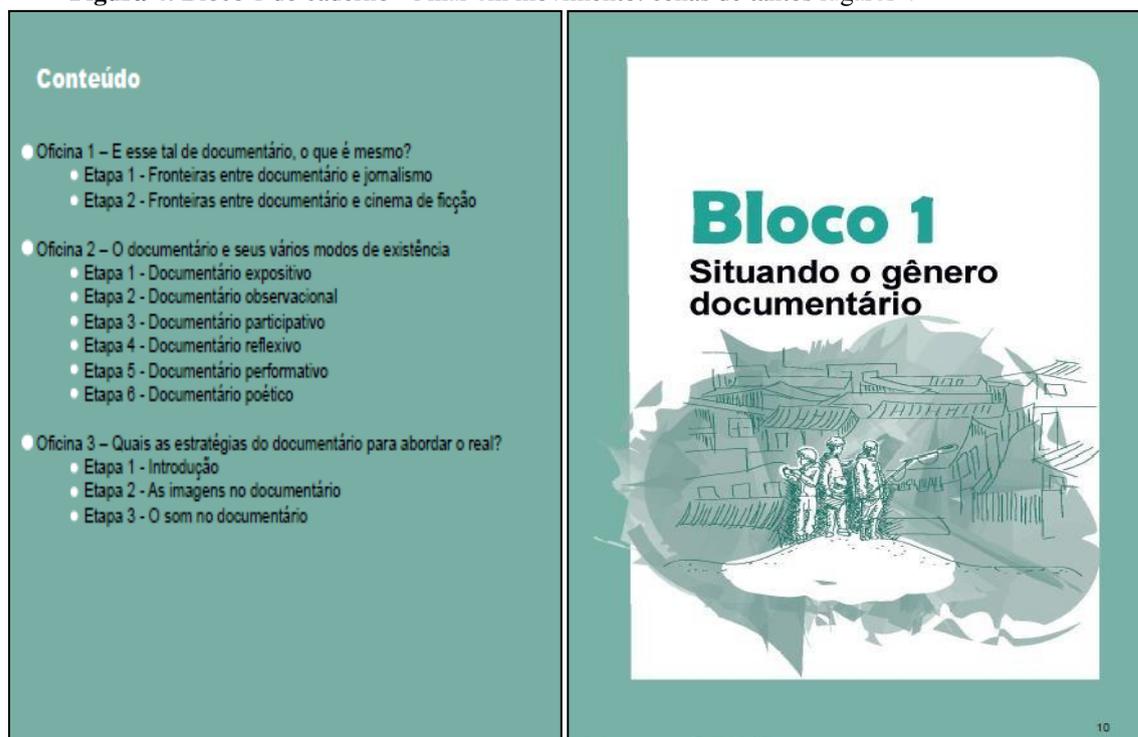
Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

As oito razões para se trabalhar com o documentário em sala de aula são apresentadas como estratégias de convencer os professores a ampliarem a inserção desse gênero multissemiótico na prática escolar. Observamos, também, a indicação da importância de uma leitura prévia de todo o material, familiarizar-se com a estrutura e propostas do Caderno para utilizá-lo da melhor forma. O caderno, então, sugere que o professor realize uma leitura de todo o material e reflita sobre possibilidades de adaptação das atividades às práticas de sua turma.

Na sequência, o caderno apresenta uma entrevista com a professora Roxane Rojo da Unicamp que aborda a temática dos multiletramentos e multisemiose. Na concepção da autora, são necessárias novas ferramentas e novas práticas para dar conta da multiplicidade de linguagens dos textos em circulação. O professor não pode mais se ater à escrita manual e impressa. As metodologias de ensino devem incluir o uso de vídeos, áudios, tratamento da imagem, edição e diagramação.

Antes de introduzir as oficinas, o caderno faz um resumo do bloco, informando o conteúdo e o objetivo do bloco, bem como a finalidade das oficinas. Por exemplo, no Bloco 1, apresenta o tema “Situando o documentário”, com os conteúdos para as oficinas, o que pode ser exemplificado na figura 4.

Figura 4: Bloco 1 do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.



Fonte: Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

O Bloco 1 tem como objetivos apontar relações entre documentário, cinema e jornalismo; discutir o status de verdade e do real no documentário; mostrar a dificuldade de se definir o que é o documentário; indicar a existência de vários tipos de documentário; apontar as principais características de cada tipo. Para a compreensão da organização dos blocos, passamos a apresentar os 4 blocos, com as oficinas, seus objetivos, suas etapas, encaminhamento e materiais.

Quadro 10: Bloco 1, situando o gênero documentário.

BLOCO 1: SITUANDO O GÊNERO DOCUMENTÁRIO
OFICINA 1: E ESSE TAL DE DOCUMENTÁRIO, O QUE É MESMO?
OBJETIVOS DA OFICINA:
<ul style="list-style-type: none"> - Apontar relações entre documentário, cinema e jornalismo; - Discutir o status da verdade e do real no documentário; - Mostrar a dificuldade de se definir o que é documentário; - Indicar a existência de vários tipos de documentário; - Apontar as principais características de cada tipo.
ETAPAS DA OFICINA
<p>ETAPA (1): Fronteiras entre documentário e jornalismo</p> <p>Nesta etapa, o caderno introduz as fronteiras entre o jornalismo e o documentário, com o objetivo de mostrar que os discursos de ambos buscam oferecer acesso ao real, à verdade. Aborda a diferença entre os discursos, mostrando que, no jornalismo, predomina a imparcialidade, enquanto, no documentário, o discurso é fortemente marcado pela subjetividade do autor. Depois, faz-se a discussão sobre a transformação social do jornalismo e documentário; ambos, pois, conseguem mobilizar a opinião pública com reportagens e documentários de denúncia social. Por fim, explica-se a diferença das personagens, diferenciando o ator social do jornalismo para o ator social/personagem do documentário.</p>

ENCAMINHAMENTOS:

Nesse momento, há a ativação dos conhecimentos prévios, perguntando se os alunos costumam assistir ou se já assistiram a um documentário. Depois, investigar, caso já tenham assistido algum documentário, em qual mídia: E quais foram as mídias, televisão (em canais abertos ou por assinatura), cinema, internet (YouTube, Vimeo etc.)? Perguntar se eles consideram as mídias confiáveis. Por quê? Perguntar aos alunos em quais dessas mídias eles perceberam maior ou menor cuidado estético no tratamento das imagens, do som, da edição etc.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição do curta-metragem *Pescaria de Merda* (Coletivo Santa Madeira, Brasil, 2009, 8 min.), com o intuito de apontar quais são os efeitos causados pelo uso de certos recursos da linguagem audiovisual.
- Descrição e a análise do curta-metragem *Pescaria de Merda*, com o objetivo de inserir, desde a primeira oficina, o contato com os termos técnicos da linguagem audiovisual.
- Exibição do curta-metragem de caráter documental *Santos – Ofício Alfaite*- (Dannyel Leite, Brasil, 2014, 8 min e 36 segs.), com o intuito de explorar a diferença entre a entrevista jornalística e o minidocumentário.
- Leitura do trecho do curta-metragem, *Santos – Ofício Alfaite*, para ajudar na reflexão de como trabalhar o curta-metragem com os alunos.

ETAPA (2): Fronteiras entre o documentário e cinema de ficção

As etapas desta oficina abordam que o documentário não é capaz de reproduzir a realidade, mas de representá-la. Muitos documentários são produzidos com o objetivo de aguçar o olhar do espectador e fazer com que ele duvide do que está vendo, ampliando sua reflexão para a realidade que o cerca. Muitos produtores investem na realização de um cinema autorreflexivo que se distancia de uma realidade automática do mundo, busca mostrar-se como construção discursiva, isto é, como a fabricação de um ponto de vista sobre a realidade.

ENCAMINHAMENTOS:

Exibir imagens de câmeras de segurança;

Discutir com os alunos se as imagens das câmeras de fato, por se tratar de um registro do real, fazem de tais imagens um documentário;

Mostrar que a falta de intencionalidade na captação das imagens, a ausência de argumento, de tese, é o que distancia as imagens do documentário;

Exibir um curta-metragem de 15 minutos, perguntando como ele é classificado: ficção ou documentário?

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição do documentário *Um Homem com uma câmera de Dziga Vertov* (União Soviética, 1929, 80 min);
- Exibição do filme reflexivo *Os dias com ele*, de **Maria Clara Escobar** (Brasil, 2013, 107 min);
- Leitura e comentário detalhado do documentário (*Os dias com ele*) apresentado;
- Link do filme Nanook, o esquimó (1992);
- Link do filme A saída dos operários da Fábrica Lumière (1895).

OFICINA 2: O DOCUMENTÁRIO E SEUS VÁRIOS MODOS DE EXISTÊNCIA**OBJETIVO**

- Discutir sobre as transformações que o documentário vem passando ao longo dos tempos (como qualquer outro gênero, ele não é estático, sofre mudanças para atender as demandas das condições de produção dos discursos).

Neste bloco, o caderno toma como base a definição de documentário proposta por Bill Nichols, um importante estudioso do gênero documentário, professor e crítico de cinema. O professor Bill classificou seis tipos de documentário: Documentário expositivo, observacional, participativo, reflexivo, performativo, poético.

ETAPAS DA OFICINA**Introdução**

Em cada uma das etapas dos modos de documentário, o caderno faz um detalhamento, explicando como surgiu e quais as principais características próprias de linguagem de cada modo de existência. Em suma, os documentários apresentam características bem distintas uma das outras, mas não descarta a possibilidade de um modo conter características de outros modos.

Etapa 1 - Documentário expositivo

O modo expositivo, em geral, as imagens servem somente para comprovar aquilo que é narrado, ou seja, o comentário verbal é de ordem superior às imagens.

Etapa 2 - Documentário observacional

O modo observacional renuncia a qualquer forma de controle sobre os eventos que registra – o filme seria, assim, o “espelho vivo” da realidade.

Etapa 3 - Documentário participativo

O documentário participativo busca mostrar que a verdade de uma entrevista é a verdade do encontro entre quem filma e quem é filmado. Essa verdade não existiria se não fosse a câmera. Assim, o método participativo é o oposto da premissa do modo observacional, segundo a qual o que vemos é o que teríamos visto se estivéssemos presentes no momento da filmagem.

Etapa 4 - Documentário reflexivo

O objetivo maior do modo reflexivo é acabar com a crença cega do espectador na verdade da imagem, fazer com que ele duvide daquilo que vê. Documentários desse tipo mostram-se como representação, são metadiscursivos por excelência, ou seja, falam de si mesmos, de seu processo de realização.

Etapa 5 - Documentário performativo

Os documentários performativos caracterizam-se por uma abordagem essencialmente subjetiva, trazendo o próprio documentarista para o centro do filme. O diretor torna-se personagem, narrador e protagonista da história.

Etapa 6 - Documentário poético

Nos documentários poéticos, as imagens costumam ser usadas de modo bem expressivo, prevalecendo sobre o discurso verbal. São documentários que buscam enfatizar ao máximo sua dimensão plástica, visual, de maneira que as imagens consigam provocar mais sensações, afetos e impressões do que necessariamente transmitir um argumento ou construir uma narrativa clara sobre o mundo histórico.

Encaminhamentos do documentário expositivo:

Exibição do documentário (*Manhã na roça: o carro de bois*), do documentarista Humberto Mauro (Brasil, 1956, 4 min e 10 seg), conhecido por seus filmes educativos.

Discutir com os alunos que os recursos utilizados em 1956 são diferentes de recursos disponibilizados hoje em dia na produção dos documentários.

Chame-lhes a atenção para o fato de a locução formal e a voz impostada do locutor destoarem da narração que se faz hoje em dia.

Instigar à pertinência da expressão a voz de Deus para chamar a atenção da voz do narrador no documentário. Refletir com os alunos sobre as razões de vários documentários educativos e pedagógicos investirem nesse modo de produção documental.

Leitura da resenha do filme *Manhã na roça: o carro de bois*, com o objetivo de refletir melhor sobre o filme. Apresentação das origens pedagógicas do documentário expositivo, com a apresentação do cineasta considerado o pai do documentário, John Grierson (1898 – 1972).

Encaminhamentos do documentário observacional:

Discutir com os alunos se os preceitos do documentário observacional garantem acesso direto à realidade;

Pedir aos alunos que fotografem a sala de aula. Mostrar as fotos tiradas na sala de aula, fazendo uma reflexão que são fotos de ponto de vista diferentes de acordo com o olhar de cada um. Refletir com os alunos que todas as fotos são da sala de aula, mas que cada um registrou o seu ponto de vista, o que pode resultar em várias verdades.

Dinâmica em dupla, sendo que um fica de frente para o outro, olhando nos olhos sem conversar durante 3 minutos; Peça para que todos relatem a experiência. Perguntar se houve dificuldade para olhar o outro. Perguntar se a pessoa se sentiu invadida pelo olhar do outro. Perguntar se, durante a observação, houve dificuldade em ficar olhando para o outro e se, eventualmente, teve vontade de sorrir.

Encaminhamentos do documentário participativo:

Sugerir aos alunos que convidem pessoas desconhecidas ou amigos para participar de uma entrevista gravada no celular. Pedir para prestem atenção em cada detalhe dos entrevistados, como se comportam diante das câmeras, se ficam incomodadas com as câmeras.

Divida a turma em equipes e peça-lhes que realizem uma entrevista com algum morador do bairro onde residem, perguntando, por exemplo: “Há quanto tempo você mora aqui?”, “O que mudou no bairro durante esse tempo?”, “Você avalia essas mudanças positiva ou negativamente?” etc. Oriente os alunos para que busquem extrair respostas individuais e subjetivas dos entrevistados, e não explicações e respostas genéricas.

Na aula seguinte, escolha uma das entrevistas para analisar junto com os alunos. Observe como eles conduziram as perguntas, o nível de envolvimento e intervenção deles nas respostas dos entrevistados, os momentos de silêncio e de tensão etc.

Encaminhamentos do documentário reflexivo:

Apresente para os alunos a propaganda Dove: campanha pela real beleza - evolução (Tim Piper, Reino Unido, 2006, 1 min e 14 seg) e discuta os mecanismos anti-ilusionistas (preparação da modelo e recursos de edição) usados para mostrar o quanto a beleza veiculada nas publicidades é fabricada.

Exibição do curta-metragem *O sanduiche*, de Jorge Furtado (Brasil, 2000, 13 min).

Mostrar como o filme aborda o real e o ficcional, fazendo o público duvidar do que vê.

Encaminhamentos do documentário performativo:

Exibição do trailer do Diário de uma busca (Brasil, 2011, 108 min), de Flávia Castro.

Faça com que os alunos (as) percebam que, logo nos minutos iniciais, importantes características do documentário performativo estão presentes.

Indicação de algumas linhas de abordagens do documentário performativo.

Pedir para que os alunos procurem fotos antigas de família para filmá-las e pedir para que eles gravem um comentário pessoal sobre a imagem.

Analise, em sala, os trabalhos produzidos, prestando atenção à forma como, nos comentários dos alunos, o passado evocado pela imagem fotográfica retorna ao presente.

Encaminhamentos do documentário poético:

Exibição do documentário, *Olhos de ressaca*, já analisado, chame a atenção para a forma como as imagens, a sonoplastia e a montagem contribuem para construção de um tom poético.

Peça aos alunos que realizem um curta-metragem de cunho poético de 1 minuto.

Exibição dos documentários produzidos em sala.

Materiais usados nas oficinas

Materiais usados na oficina do documentário expositivo:

- Exibição do documentário *Aranhas*, exibido pelo Animal Planet, com direção e ano desconhecidos;
- Link do documentário *Ilha das Flores* de Jorge Furtado (Brasil, 1989, 13 min);
- Leitura, descrição e análise do documentário *Ilha das flores*.

Materiais usados na oficina do documentário observacional:

- Exibição de recorte do filme *Justiça*, de Maria Augusta Ramos (Brasil, 2004, 100 min);
- Leitura, descrição e análise do documentário, *Justiça*.

Materiais usados na oficina do documentário participativo:

- Exibição do documentário, *Roupa para tirar retrato* (Sergio Roizenblit, Brasil, 2004, 3 min);
- Leitura descrição e análise do documentário *Roupa para tirar retrato*;
- Exibição da entrevista de Eduardo Coutinho com a personagem Alessandra, (Eduardo Coutinho, Brasil, 2002, 110 min);
- Leitura do texto para saber mais “A potência ficcionalizante da entrevista” de Eduardo Coutinho
- Leitura do texto para saber mais “A intervenção do documentarista no real” de Jean Rouch;
- Exibição do documentário *Um negro* (França, 1958, 70 min).

Materiais usados na oficina do documentário reflexivo:

- Exibição do documentário *Fraternidade* (Jorge Furtado, Brasil, 2004, 3 min);
- Leitura, descrição e análise do documentário *Fraternidade*.

Materiais usados na oficina do documentário performativo:

- Exibição do documentário *Babás* (Consuelo Lins, Brasil, 2010, 20 min);
- Leitura, descrição e análise do curta-metragem *Babás*;
- Sugestão de documentários performativos;
- Leitura do texto para saber mais “Documentários performativos de ativismo político”;
- Sugestão de documentários do Michael Moore para conhecer: *Tiros em Columbine*. Estados Unidos, 2002, 120 min, *Fahrenheit 9/11*. Estados Unidos, 2004, 122 min.

Materiais usados na oficina do documentário poético:

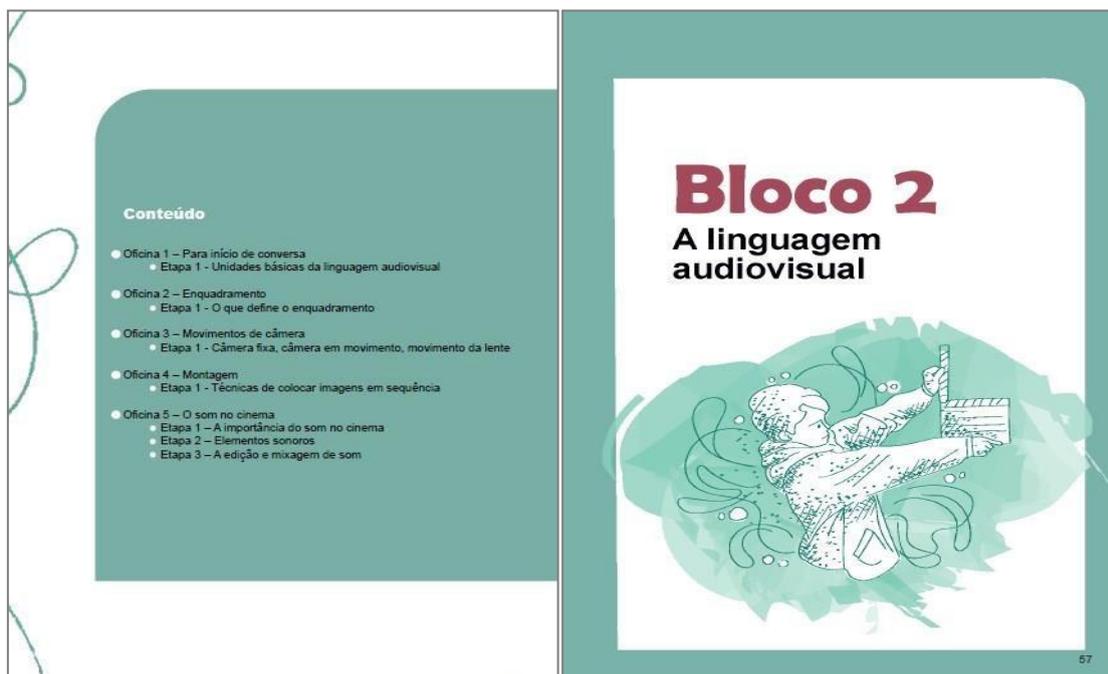
- Exibição do documentário *Olhos de ressaca*, de Petra Costa (Brasil, 2009, 20 min);

<ul style="list-style-type: none"> - Leitura, descrição e análise do documentário, <i>Olhos de ressaca</i>; - Exibição do documentário <i>Janela da alma</i> (Brasil, 2004, 73 min), de João Jardim e Walter Carvalho; - Leitura, descrição e análise do documentário <i>Janela da alma</i>; - Exibição do documentário <i>Seis e um: poesia documentada</i> (Giovanni Rolim Antonelli, Brasil, 2017, 3min e 15 seg); - Leitura, descrição e análise do documentário <i>Seis e um</i>; - Exibição do documentário <i>Veja bem</i> (Brasil, 1994, 6 min e 19 seg), de Jorge Furtado; - Leitura, descrição e análise do documentário <i>Veja bem</i>; - Leitura do texto para saber mais “Origens do documentário poético”; - Sugestão de documentário <i>Berlim, sinfonia da metrópole</i>. Walter Ruttmann. Alemanha, 1927, 65 min, <i>Chuva</i>. Joris Ivens e Manus Franken. Holanda, 1929, 14 min.
OFICINA 3: QUAIS AS ESTRATÉGIAS PARA O DOCUMENTÁRIO ABORDAR O REAL
OBJETIVO
- Detalhar o gênero documentário e seus elementos; personagens, imagens e sons.
ETAPAS DA OFICINA
<p>ENCAMINHAMENTOS:</p> <p>Exibição do curta-metragem <i>Babás</i> (Brasil, 2010, 20 min), de Consuelo Lins. Perguntar aos alunos quais as estratégias seguintes estão presentes no filme, com o objetivo de instigar uma reflexão sobre os personagens, imagens e sons. Pedir aos alunos um ou mais exemplos de cada estratégia. Perguntar qual a intencionalidade e efeito?</p> <p>MATERIAIS USADOS NA OFICINA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exibição do curta-metragem <i>Babás</i> (Brasil, 2010, 20 min), de Consuelo Lins; - O curta <i>A garrafa e a tartaruga</i> (Marcus Farah, Brasil, 2018, 7 min e 51 seg); - O curta <i>Roupa pra tirar retrato</i> (Sergio Roizenblit, Brasil, 2004, 3 min); - O curta <i>Até o céu leva mais ou menos 15 minutos</i> (Camila Battistetti, Brasil, 2013, 13 min); - O curta <i>Braço armado das empreiteiras</i> (Ernesto de Carvalho, Juliano Dornelles, Marcelo Pedroso, Pedro Severien, Brasil, 2014, 3 min e 50 seg); - O curta <i>Gilmar - ofício cabeleireiro</i> (Dannyel Leite, Brasil, 2014, 11 min e 4 seg); - Link do trailer do curta <i>Nós que aqui estamos por nós esperamos</i> (Marcelo Masagão, Brasil, 1999, 73 min); - O curta <i>O Arquivo de Ivan</i> (Fábio Rogério, Brasil, 2008, 15 min); - Link do trailer do documentário <i>Cinema Novo</i> (Eryk Rocha, Brasil, 2016, 90 min); - Trecho do documentário <i>Aranhas</i> (Animal Planet, direção e ano desconhecidos); - Trecho do curta-metragem <i>10 advertências e 01 benção</i> (Kiko Mollica, Brasil, 2005, 7 minutos 48 seg); - O curta-metragem <i>Rapsódia do absurdo</i> (Cláudia Nunes, Brasil, 2007, 15 min).

Fonte: a autora, a partir do Caderno da OLP, 2023.

Quanto ao bloco 2, o foco está na linguagem audiovisual, com 5 oficinas e todos os detalhamentos para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula.

Figura 5: Bloco 2 do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.



Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

Ele tem como objetivo apresentar a linguagem audiovisual e as principais características da gramática audiovisual. As unidades básicas da linguagem audiovisual; mostrar quais as formas usadas para enquadrar uma imagem; indicar os movimentos de câmera corriqueiros no audiovisual; discorrer sobre a importância da montagem para construção de sentido; mostrar a importância do som para o filme.

Quadro 11: Bloco 2, a linguagem audiovisual.

BLOCO 2: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL
OFICINA 1: PARA INÍCIO DE CONVERSA
<p>OBJETIVOS DA OFICINA:</p> <p>Apresentar as principais características da linguagem audiovisual.</p> <p>Conhecer os termos técnicos da linguagem audiovisual, com sua respectiva definição e auxílio de imagens para melhor compreensão.</p> <p>Além da definição, teremos segmentos retirados de filmes cuja função é ilustrar o termo técnico estudado, com atividades para a formação do olhar. A leitura atenta para a linguagem audiovisual deste bloco também auxiliará no entendimento das análises dos documentários feitas ao longo de todo o Caderno. Como sugestão, após a leitura deste bloco, que o professor possa se apropriar da gramática audiovisual e analisar novamente alguns documentários do bloco 1 com um novo olhar.</p>

ETAPAS DA OFICINA

INTRODUÇÃO

Estudar as unidades básicas da linguagem audiovisual com o objetivo de se apropriar da gramática audiovisual. Definição dos termos técnicos: quadro, frame ou fotograma, plano, tomada, cena, sequência e plano sequência.

ENCAMINHAMENTOS:

Exibição do curta-metragem *Faces da Augusta* (Brasil, 2016, 1 min), de Agencia 7, produzido no contexto do Festival do Minuto (<http://www.festivaldominuto.com.br/>).

Exibição do trecho do filme *A marca da maldade* (Estados Unidos, 1958, 95 min), de Orson Welles.

Perguntar aos alunos quantos planos, sequências possui o trecho do filme.

Perguntar aos alunos quais filmagens eles assistem. Debater quais as sensações o filme causou.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Trecho de película cinematográfica, contendo uma série de fotogramas. Crédito: Once More, With Feeling por riviera 2005, licenciada segundo a licença CC BY-NC-SA 2.0;

- Exemplo de plano: exibição do GIF animado, um trecho do filme *Psicose*. Alfred Hitchcock. Estados Unidos, 1960, 109 min, com 3 planos consecutivos da famosa cena do banho;

- Exemplo de cena: trecho do filme Brasileiro *Que horas ela volta?*, Anna Muylaert. Brasil, 2015, 114 min. Cena da piscina;

- Exemplo de sequência: exibição de trecho do filme *Bacurau*. Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Brasil, 2019, 132 min. Cenas do enterro de Dona Carmelina;

- Exemplo de um plano de sequência, com apresentação do trecho do filme *El secreto de sus ojos*. Juan José Campanella. Argentina, 2009, 127 minutos.

OFICINA 2: ENQUADRAMENTO

OBJETIVO DA OFICINA:

Conhecer a importância dos elementos: campo, extracampo, planos, ângulos, câmera objetiva e subjetiva.

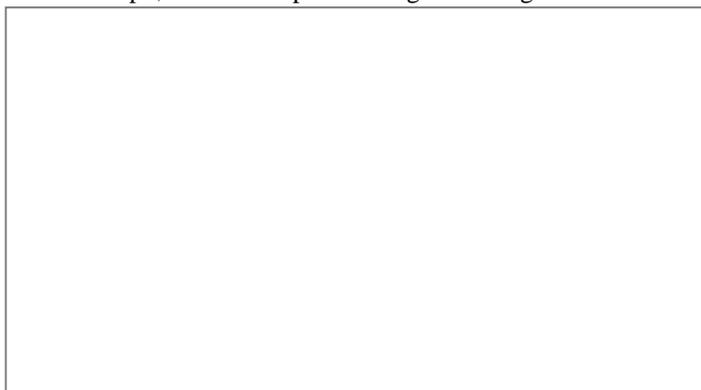
ETAPAS DA OFICINA

ETAPA (1): o que define o enquadramento?

Nesta etapa, temos a definição campo, extracampo, planos, ângulos, câmera objetiva e subjetiva. Como suporte, o caderno apresenta imagens com objetivo de chamar a atenção dos elementos. Pode-se observar que é uma etapa bem ilustrativa que faz uso de imagens dos elementos para comprovar o conceito e facilitar o entendimento da gramática audiovisual. Infere-se que o caderno se utilizou dessas imagens como mais um recurso para reforçar o texto escrito.

Campo e **extracampo** são definidos como aquilo que será visto pelo espectador. Trata-se do chamado “**enquadramento**”.

Para ilustrar o campo e extracampo, o caderno aplicou a seguinte imagem:



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Planos

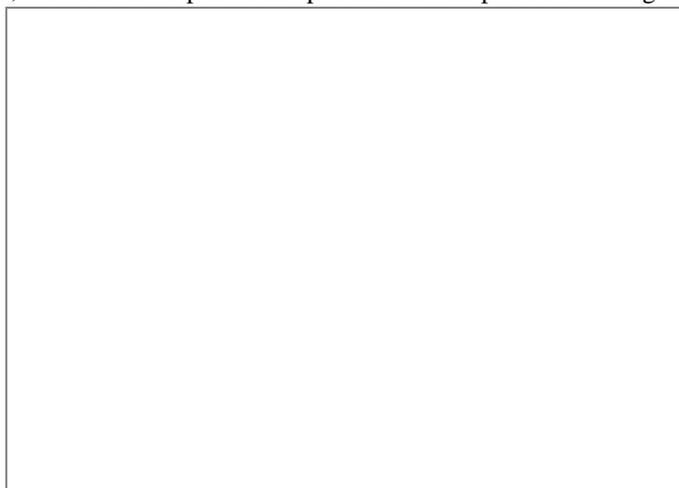
Para o elemento plano, o caderno aponta que, para se enquadrar uma imagem, é necessário acionar dois elementos: planos e ângulos. Para enquadrar as imagens, o caderno mostra os vários planos existentes e com o apoio das imagens descreve um a um.

Plano geral é definido pelo caderno como plano que mostra uma área de ação relativamente ampla. Para exemplificação deste elemento, o caderno utilizou a seguinte imagem, onde a figura humana ocupa espaço reduzido.



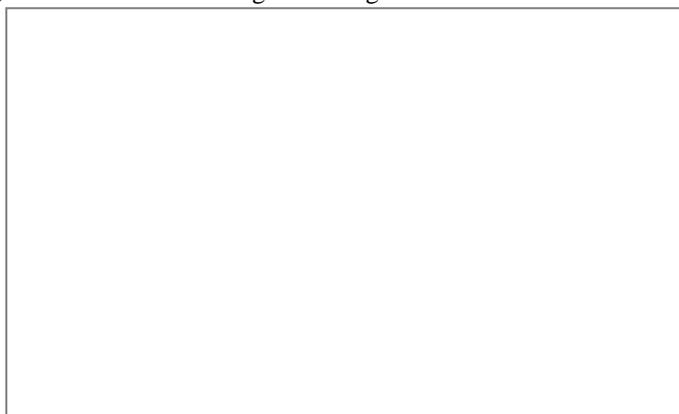
Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Plano de Conjunto é definido pelo caderno como um plano um pouco mais fechado que o plano geral. Quando há mais de uma pessoa em cena, esse plano, frequentemente, enquadra todas essas pessoas, normalmente usando como critério mostrá-las de corpo inteiro. Para exemplificar este elemento, o caderno aplicou várias imagens, selecionamos apenas uma para não ficar repetitivo. A imagem foi a seguinte:



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Plano Americano é definido pelo caderno como plano que enquadra a pessoa dos joelhos para cima. Para ilustrar esse elemento, o caderno utilizou a seguinte imagem:



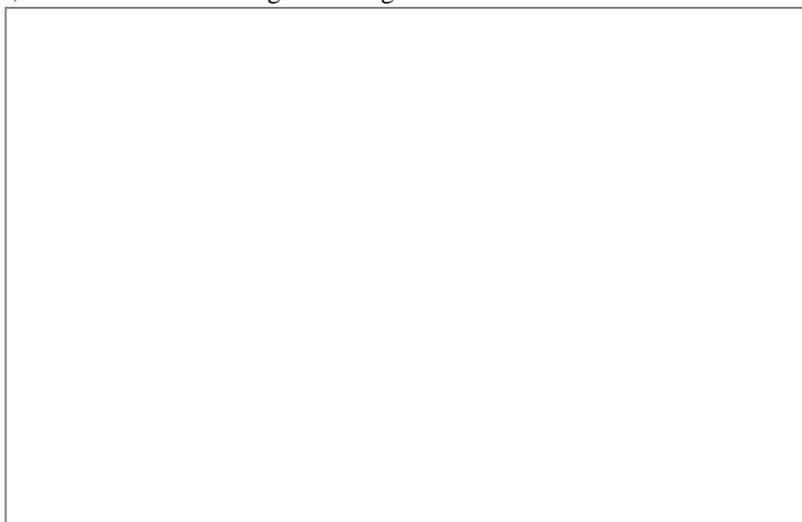
Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Plano médio é definido como plano que enquadra a pessoa da cintura para cima. Para ilustrar esse elemento, o caderno utilizou a seguinte imagem:



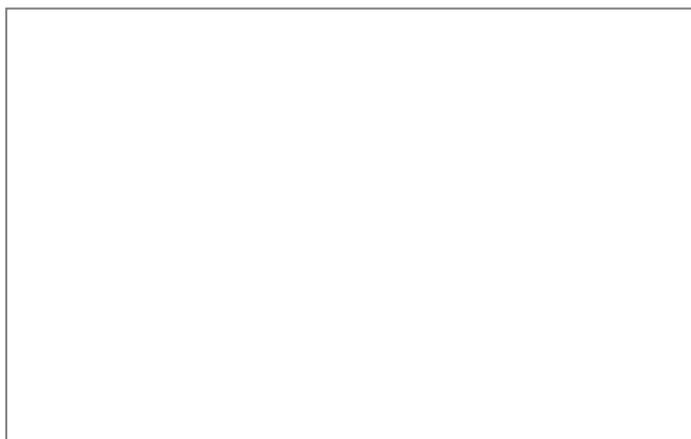
Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Primeiro Plano ou Close-Up é definido pelo caderno como plano que enquadra o rosto da pessoa. Para ilustrar esse elemento, o caderno utilizou a seguinte imagem:



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Plano Detalhe é definido pelo caderno como o plano que mostra apenas um detalhe, ocupando todo o quadro (por exemplo: mãos, olhos, boca etc.). Para ilustrar esse elemento, o caderno utilizou a seguinte imagem:

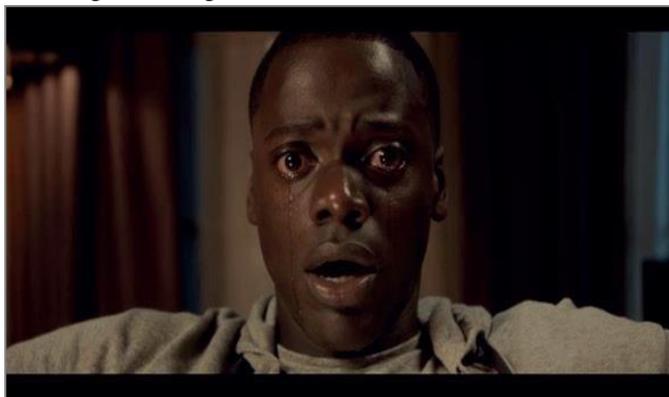


Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Ângulos

Para além dos vários planos existentes, há diferentes ângulos dos quais se pode filmar algo. São eles:

Ângulo Normal – a câmera focaliza a pessoa na altura dos olhos, num plano horizontal. Para ilustrar esse ângulo, o caderno aplicou a seguinte imagem:



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Ângulo Alto ou Plongée – a câmera focaliza a pessoa ou o objeto de cima para baixo. Para ilustrar este ângulo, o caderno aplicou a seguinte imagem:



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Ângulo Baixo ou Contra-Plongée – a câmera focaliza a pessoa ou o objeto de baixo para cima. Para ilustrar este ângulo, o caderno aplicou a seguinte imagem:



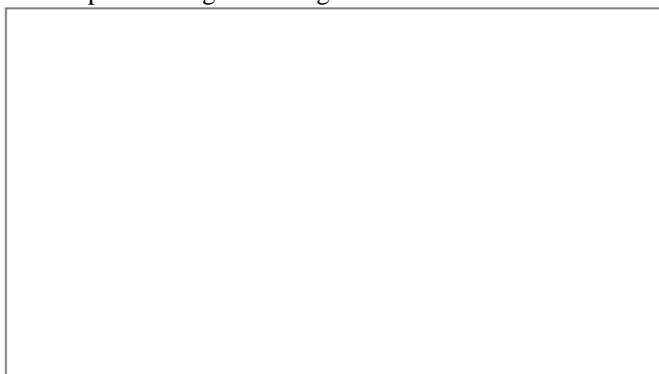
Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Ângulo Frontal - a câmera filma a personagem ou objeto de frente, aproximadamente na altura do nariz. Para ilustrar esse ângulo, o caderno aplicou a seguinte imagem:



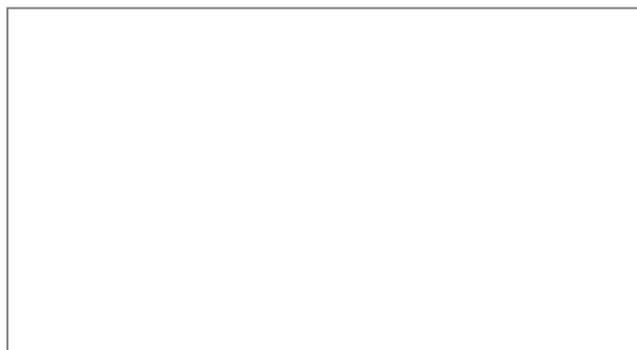
Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Ângulo Lateral – a câmera filma a pessoa de perfil, pode ser tanto o perfil direito quanto o esquerdo. Para ilustrar esse ângulo, o caderno aplicou a seguinte imagem:



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

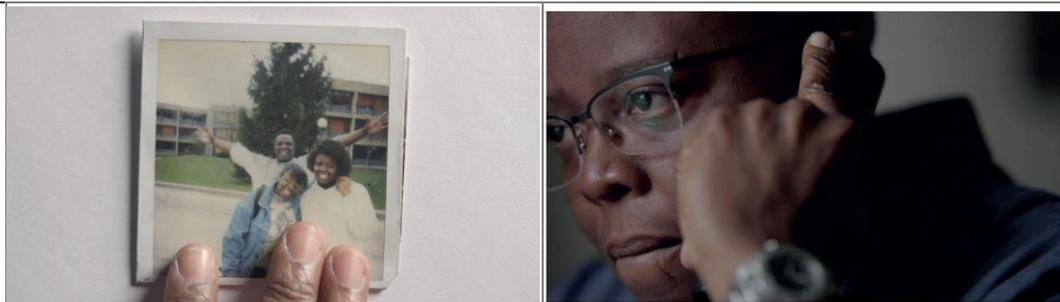
Ângulo Traseiro – a câmera filma a pessoa por trás. Para ilustrar esse ângulo, o caderno aplicou a seguinte imagem:



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Câmera subjetiva e objetiva

Para enquadrar uma imagem, outro aspecto importante diz respeito a câmera subjetiva e objetiva. A câmera subjetiva é definida como a que simula o olhar de uma personagem em cena. A câmera objetiva filma a cena do ponto de vista de um público imaginário. Para ilustrar esses elementos, o caderno aplicou as seguintes imagens:



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

ENCAMINHAMENTOS:

Pedir aos alunos que fotografem ambientes ou uma paisagem, utilizando os três planos.

Pedir aos alunos que fotografem ângulos em plongée e em contra-plongée.

Exibição de imagens com diferenças de enquadramento.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Fotografia com cena do filme *La La Land*: cantando estações, foto do perfil @filmtourismus no Instagram;
- Exibição do trecho do documentário *A Bruxa de Blair* (Eduardo Sánchez, Daniel Myrick, Estados Unidos, 1999, 81 min);
- Imagem do filme- *Intriga internacional*. Alfred Hitchcock. Estados Unidos, 1959, 136 min;
- Imagem do filme *Os Sete samurais*. Akira Kurosawa. Japão, 1954, 207 min;
- Imagem do filme *Guardiões da galáxia*. James Gunn. Estados Unidos, 2014, 125 min;
- Imagem do filme *O Sétimo selo*. Ingmar Bergman. Suécia, 1957, 96 min;
- Imagem do filme *Três homens em conflito*. Sergio Leone. Itália, 1966, 238 min;
- Imagem do filme *Coringa*. Todd Phillips. Estados Unidos, 2019, 122 min;
- Imagem do filme *O Iluminado*. Stanley Kubrick. Estados Unidos, 1980, 146 min;
- Imagem do filme *O Mestre*. Paul Thomas Anderson. Estados Unidos, 2012, 150 min;
- Imagem do filme *Pequena Miss Sunshine*. Valerie Faris, Jonathan Dayton. Estados Unidos, 2006, 102 min;
- Imagem do filme *Corra!*. Jordan Peele. Estados Unidos, 2017, 104 min;
- Imagem do filme *Um Sonho de liberdade*. Frank Darabont. Estados Unidos, 1994, 122 min;
- Imagem do filme *Bastardos inglórios*. Quentin Tarantino. Estados Unidos, 2009, 153 min;
- Imagem do filme *O Grande Hotel Budapeste*. Wes Anderson. Estados Unidos, 2014, 100 min;
- Imagem do filme *Close-up*. Abbas Kiarostami. Irã, 1990, 100 min;
- Imagem do filme *Cidade de Deus*. Fernando Meirelles e Kátia Lund. Brasil, 2002, 135 min;
- Imagens do filme *Strong island*. Yance Ford. Estados Unidos, 2017, 107 min;
- Imagens extraídas da série documental *Wormwood. Errol Morris*. Estados Unidos, 2017, 6 episódios.

OFICINA 3: MOVIMENTOS DE CÂMERA

OBJETIVO DA OFICINA:

Mostrar que, além dos enquadramentos, os movimentos da câmera enriquecem a captação da imagem.

Os principais movimentos são:

Panorâmica (pan) é definida pelo caderno como movimento em que a câmera permanece fixa e faz um giro sobre seu próprio eixo. Há dois tipos básicos de panorâmica: pan horizontal e pan vertical (ou Tilt).

Observação 1: no caderno do professor que (em PDF), verificou-se que os movimentos das imagens Pan horizontal e Pan vertical (ou Tilt) aparecem com links de acesso:



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Observação 2: no caderno virtual, as imagens movimentam-se. A seguir, imagens do caderno virtual, não disponíveis no caderno em PDF.



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

No caderno virtual, a metodologia utilizada para demonstrar os movimentos das câmeras foram demonstração de imagens em movimento, as imagens movimentam-se para completar o sentido horizontal e o sentido vertical das imagens. Observou-se que o caderno utilizou as setas em destaque de vermelho para reafirmar o sentido do movimento da câmera.

Travelling

Movimento em que a câmera efetivamente se desloca no espaço. Durante esse movimento, ela pode manter a mesma distância e o mesmo ângulo em relação ao objeto filmado, aproximar-se ou se afastar do objeto, contornar o objeto.

- **Travelling lateral** – a câmera se desloca em paralelo ao objeto filmado, para direita ou para a esquerda.

- **Travelling frontal** – a câmera avança ou recua em relação ao objeto filmado.

- **Travelling vertical** – a câmera se desloca para cima ou para baixo, em geral, com o auxílio de um equipamento chamado “grua”.

Observação 01 - Para exemplificar esses movimentos da câmera, observou-se que, no caderno do professor na versão em PDF, os movimentos aparecem em formato de link.



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Observação 02 - no caderno virtual, as imagens movimentam-se para completar a definição de cada movimento.

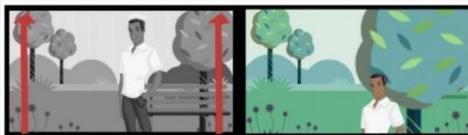


Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

• **Travelling vertical** - a câmera se desloca para cima ou para baixo, em geral, com o auxílio de um equipamento chamado "grua".



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Observou-se que, o caderno virtual, utilizou-se das setas em destaque de vermelho para reafirmar o sentido do movimento da câmera. No caderno virtual, as imagens movimentam-se para exemplificar de maneira clara os movimentos da câmera e também para chamar a atenção do leitor para a direção do movimento. Esses detalhes dos movimentos das imagens estão disponíveis somente no caderno virtual.

O caderno do professor em PDF utilizou-se de um link que dá acesso aos dezesseis movimentos de câmeras para construção de boords: Os 16 tipos de fotos e ângulos da câmera (guia de vídeo).

Zoom

É definido pelo caderno como simulação de movimento da câmera, na realidade um efeito óptico obtido com a lente que altera, gradualmente, o foco de visão de um mesmo plano e ângulo.

Há dois tipos de zoom: Zoom in – movimento de aproximação e Zoom out – movimento de distanciamento.

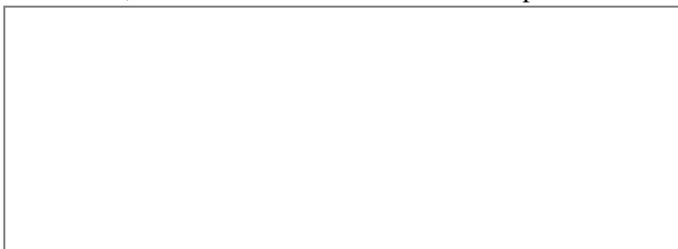
Observação 01: no caderno em PDF, os exemplos de zoom são feitos pela indicação do link.



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Caso o professor tenha acesso à internet e clicar no link, será direcionado para a página boords: os 16 tipos de fotos e ângulos da câmera (guia de vídeo).

Observação 02 - no caderno virtual, as imagens movimentam-se para reforçar o sentido da definição de zoom. Dessa maneira, fica claro como a imagem se aproxima e se distancia por meio do zoom. Caso o professor utilize o caderno virtual, terá acesso aos movimentos em tempo real de zoom.



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

O caderno virtual utilizou-se de setas em vermelho para sinalizar os movimentos de zoom na câmera, facilitando a compreensão.

ENCAMINHAMENTOS:

Exibição da cena de abertura do musical *La La Land: cantando estações* (2016), de Damien Chazelle.

Discutir sobre os movimentos da câmera, quais sensações os travelling provocam.

Exibição da cena do ensaio do musical *La La Land* para conferir de que forma a câmera se movimenta entre as personagens.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Imagem dos movimentos básicos de Câmera: disponível em <https://www.bulbapp.com/u/basic-camera-movement>;

- Trecho do musical *La La Land: cantando estações*. Damien Chazelle. Estados Unidos, 2016, 128 min;

- Ensaio da mesma cena do musical *La La Land* para conferir de que forma a câmera se movimenta entre as personagens.

OFICINA 4 – MONTAGEM

OBJETIVO DA OFICINA:

Mostrar a importância da montagem ou edição para construção do documentário ou filme, pois é exatamente na edição que se constrói a narrativa cinematográfica. É o processo pelo qual se seleciona e se une as cenas filmadas, agora, na sequência desejada para exibição.

Serão abordados um resumo dos tipos de corte e sua importância para a narrativa. É uma oficina bem conceitual, com imagens e vídeos com o intuito de apropriar o leitor com os termos. Além dos tipos de corte, a oficina conceitua os efeitos de transição, definiremos cada um deles nesta oficina.

ETAPA (1): técnicas de colocar imagens em sequência

São muitos os tipos de cortes existentes. Resumimos, a seguir, alguns deles.

Hard cut (também chamado de **Corte Direto**, **Corte Seco**, **Corte Simples**, ou ainda **Corte Propriamente Dito**) – é quando a passagem de um plano a outro ocorre sem qualquer estado intermediário.

Cut on action – é o corte de um plano para o outro, centrado no ponto da ação. Ao assistir à montagem finalizada, tem-se a impressão de continuidade. No **Cutting on action**, a personagem começa a ação em um plano e finaliza no outro.

Jump cut – é um corte seco feito em um trecho de imagem do mesmo plano. Em vez de permitir que um plano mostre por completo uma ação ou uma fala, o jump cut suprime pedaços intermediários do plano, causando o efeito de avanço no tempo por meio de saltos, já que o corte normalmente interrompe a impressão de continuidade.

J cut – ocorre quando o áudio do plano seguinte se sobrepõe à imagem do plano anterior, de tal forma que o áudio do plano posterior começa a ser reproduzido antes de sua imagem. A explicação para o nome do corte vem da disposição das faixas de imagem e som no software de edição.

L cut – acontece quando a imagem muda, mas o áudio permanece o do plano anterior, até ser sobreposto pelo do plano seguinte, de forma não coincidente. De modo semelhante ao anterior, a explicação para o nome do corte vem da disposição das faixas de imagem e som no software de edição.

Cutaway – interrompe a ação principal, inserindo uma imagem no meio dela, momentaneamente, retomando depois o fluxo da ação. É usado para dar contexto à cena e aumentar sua dramaticidade.

Cross cut – também conhecido como **Edição Paralela**, é o corte intercalado entre duas cenas que acontecem em lugares diferentes e ao mesmo tempo. Pode aumentar a tensão e o suspense da cena.

Match cut – transição entre planos diferentes na qual a última imagem do plano anterior se assemelha à primeira imagem do plano seguinte, inclusive em posição e tamanho no quadro. Também conhecido como rima visual, permite a passagem de um espaço para o outro sem perder a coerência e sem desorientar o espectador.

Temos além dos tipos de corte, efeitos de transição.

Vamos conhecer alguns desses efeitos:

Fade – é quando a passagem entre planos ocorre de forma gradual, combinando uma imagem a uma tela neutra (preta, branca ou de qualquer outra cor).

Fade out – é o desaparecimento gradual do plano A até uma imagem neutra.

Fade in – é o aparecimento gradual do plano B a partir de uma imagem neutra.

Fusão – é outra forma gradual de corte, em que o estado intermediário é uma "mistura" entre o plano A e o plano B: no decorrer da fusão (que pode durar alguns fotogramas ou mesmo alguns segundos), a imagem do plano A vai gradualmente desaparecendo enquanto a imagem do plano B vai surgindo.

Sobreposição – é quando dois planos (isto é, duas imagens captadas de forma independente) coexistem na tela durante algum tempo.

Vale falar, ainda, de alguns outros recursos da linguagem cinematográfica que permitem criar distintos efeitos de temporalidade na narrativa fílmica.

Elipse – passagem de tempo.

Flashback – cena que interrompe o fluxo temporal dos acontecimentos para apresentar algo situado no passado.

Flashforward – cena que interrompe o fluxo temporal dos acontecimentos para apresentar algo situado no futuro.

Quick Motion – câmera rápida, movimento acelerado.

Slow Motion – câmera lenta, movimento retardado.

Freeze – congelar, manter estática uma imagem.

Split Screen – divisão da tela, mostrando dois acontecimentos que ocorrem ao mesmo tempo.

Ao final desta oficina, é necessário estar clara a importância de cada conceito de corte, transições e efeitos, bem como eles ajudam a construir efeitos de sentido no trabalho com a edição do documentário ou filme. Informamos que na oficina anterior utilizamos imagens para exemplificar os conceitos, porém, nesta oficina não foi possível exemplificar os cortes, transição e efeitos porque são vídeos explicativos. Indicaremos na seção materiais usados na oficina.

ENCAMINHAMENTOS:

Exibição do trailer do documentário *Nós que aqui estamos, por nós esperamos*.

Discutir sobre quais são os tipos de corte foram observados. Observar com uma cena se conecta a outra. Quais sentidos provocam?

Leitura e comentários sobre o trailer.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Trecho do filme *Lawrence da Arábia*. David Lean. Estados Unidos, 1962, 228 min. Trecho;
- Trecho do filme *Casablanca*. Michael Curtiz. Estados Unidos, 1942, 102 min;
- Trecho do filme *O Fabuloso destino de Amélie Poulain*. Jean-Pierre Jeunet. França, 2001, 120 min;
- Trecho do filme *Missão: Impossível*. Brian De Palma. Estados Unidos, 1996, 110 min;
- Trecho do filme *Os Excêntricos Tenenbaums*. Wes Anderson. Estados Unidos, 2001, 110 min;
- Trecho do filme *Acossado*. Jean-Luc Godard. França, 1960, 103 min;
- Imagem da edição de imagem. Disponível em: <https://vimeoblog.imgix.net/2012/07/JL-Cut-Graphic-2.png?w=300>;
- Trecho do filme *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*. Michel Gondry. Estados Unidos, 2004, 108 min;
- Trecho do filme *O Silêncio dos inocentes*. Jonathan Demme. Estados Unidos, 1991, 138 min;
- Trecho do filme 2001 - uma odisseia no espaço. Stanley Kubrick. Estados Unidos, 1968, 164 min;
- Exibição de *Técnicas de edição: Tipos de cortes*. André Sarti, 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mgxu-L4qZsg>;
- Trecho do filme *Cisne negro*. Darren Aronofsky. Estados Unidos, 2010, 108 min;
- Trecho do filme *Apocalypse now*. Francis Ford Coppola. Estados Unidos, 1979, 153 min;
- Trecho do filme *Cidadão Kane*. Orson Welles. Estados Unidos, 1941, 119 min;
- Trecho do filme *Taxi driver*. Martin Scorsese. Estados Unidos, 1976, 116 min;
- Trecho do filme *Band of Brothers*. Phil Alden Robinson, Richard Loncraine. Estados Unidos, 2001;
- Trecho do filme *Sherlock Holmes*. Guy Ritchie. Estados Unidos, 2009, 129 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bpVfCImnaRQ>;
- Trecho do filme *Réquiem para um sonho*. Darren Aronofsky. Estados Unidos, 2000, 110 min;
- Trecho do filme *Amor à flor da pele*. Wong Kar-Wai. Honk Kong / China / França, 2000, 108 min;
- Trecho do filme *Os incompreendidos*. François Truffaut. França, 1959, 99 min;
- Trecho do filme *Kill Bill – Vol. 1*. Quentin Tarantino. Estados Unidos, 2003, 112 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dWI4G9PB31c>;
- Trailer do filme *Nós que aqui estamos, por nós esperamos*. Marcelo Masagão. Brasil, 1999, 73 min;
- Leitura sobre os comentários do trailer do filme *Nós que aqui estamos, por nós esperamos*.

OFICINA 5: O SOM NO CINEMA

OBJETIVOS DA OFICINA:

Discutir a importância do cinema.
 Conhecer os elementos que compõem a trilha sonora de um filme.
 Conhecer a diferença e a importância entre edição e mixagem de som.

ETAPAS DA OFICINA

ETAPA (1): A importância do som no cinema

Nesta etapa da oficina é abordada a importância do som para a construção de sentido do filme. Imagem e som são dois elementos indissociáveis da experiência audiovisual. O som e a trilha sonora são essenciais para construção de sentidos do filme. Embora o senso comum identifique a trilha sonora como apenas uma música, a trilha sonora da cena é composta por todos os elementos sonoros do universo cinematográfico. A exemplo deles, temos os sons: diálogos, a música do filme, efeitos sonoros (barulho de água, gritos, risadas, ruídos de fundo etc.) ou seja uma gama variada de sons. O caderno sugere dois tipos de sons. São eles: sons diegético e extradiegético. O som diegético é quando ocorre dentro da ação narrativa ficcional do filme. O som extradiegético é quando trilha sonora incidental (isto é, uma música de fundo) que não está inserida no contexto da ação, mas faz parte do filme, é externa à diegese.

ETAPA (2): elementos sonoros

Nesta etapa, o caderno apresenta a definição dos elementos sonoros e a importância dele para o cinema. Os elementos sonoros são responsáveis por compor a trilha sonora de um filme. Os diálogos que são representados pelas falas dos personagens, a trilha musical e os ruídos. O silêncio pode ser usado para dar sentido e realçar situações fundamentais para a compreensão da narrativa. Nesta etapa, o caderno utilizou a metodologia de reprodução do som e cada elemento sonoro é exemplificado com um hiperlink para cessar na íntegra e facilitar a compreensão do elemento abordado.

Etapa (3): a edição e mixagem de som

Nesta etapa é discutida a diferença entre edição e mixagem de som. A equipe de som é responsável por toda captação de áudio nas filmagens. Para essa captação, são utilizados inúmeros cabos, mesas de som e diferentes tipos de microfones. É durante a edição que esses sons são capturados, escolhidos e organizados em consonância com a edição de imagem. O profissional que faz todo esse trabalho é o editor de som. Logo após a edição de som, vem o trabalho de mixagem de som que é equilibrar e nivelar os sons escolhidos e organizados na edição para construir a identidade sonora final do filme.

ENCAMINHAMENTOS:

Exibição de um trecho de algum filme sem o som e pedir aos alunos que imaginem sons que poderiam compor o filme. Nesta atividade, todos os elementos sonoros deverão ser abordados e imaginados. Logo após, exibir o trecho do filme com som para que possam comparar suas propostas. Nesta atividade, o caderno sugeriu o filme *Psicose*, mas caso queira, o professor pode utilizar outro filme e adaptar conforme necessidades da turma.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição da cena do banheiro do filme *Psicose* (Estados Unidos, 1960, 109 min);
- Trecho do filme *Tubarão*, de Steven Spielberg (Estados Unidos, 1975, 130 min);
- Exemplo da música do filme *2001-Uma Odisseia no espaço*. Stanley Kubrick. (Estados Unidos, 1968, 161 min);
- Trilha musical de John Williams. *Star Wars*. George Lucas. Estados Unidos, 1977, 125 min;
- *Três homens em conflito*. Sergio Leone. Estados Unidos, 1966, 238 min. Música: *The Ecstasy of Gold*. Ennio Morricone. Estados Unidos, 1966;
- Trecho de abertura do filme *Apocalypse now* (Francis Ford Coppola, Estados Unidos, 1979, 153 min);
- Exibição do vídeo *Como São Criados Os Efeitos Sonoros dos Filmes?* (ENTREPLANOS 1, 2017);
- Exibição do curta-metragem *E* (Alexandre Wahrahaftig, Helena Ungaretti, Miguel Antunes Ramos, Brasil, 2014, 17 min e 51 seg);
- Leitura, descrição e análise do curta-metragem *E*.

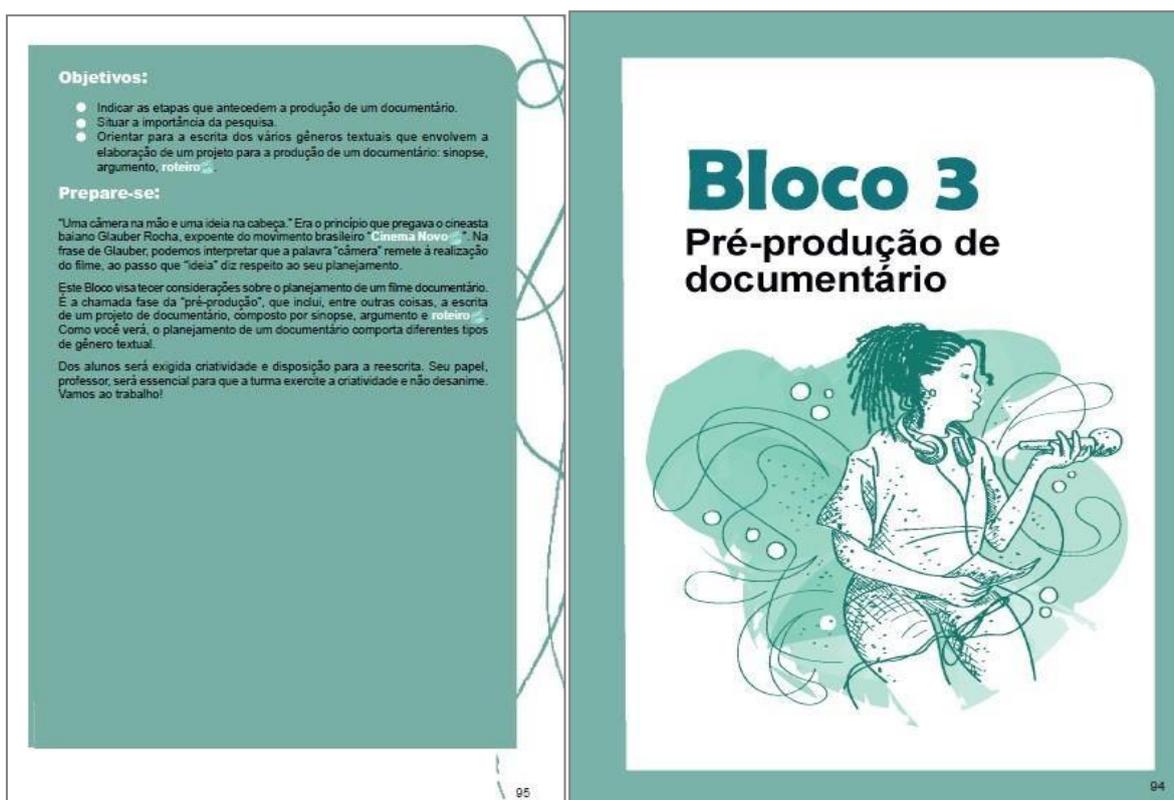
Fonte: adaptado de *escrevendo o futuro*, 2023.

O Bloco 3 tem como objetivos indicar as etapas que antecedem a produção de um documentário; situar a importância da pesquisa para a produção do documentário; orientar para

a escrita dos vários gêneros textuais que envolvem a elaboração de um projeto para a produção de um documentário: sinopse, argumento e roteiro. Dentro do bloco (3), identificamos 2 oficinas que trabalharam com a análise linguística. Identificamos que o caderno sugere o trabalho com os conteúdos gramaticais, mas não mostra como desenvolver essas atividades, deixando aberto para que os professores possam trabalhar de acordo com a realidade e necessidades de cada turma.

Para ilustrar a abertura do bloco 3, segue figura 6.

Figura 6: Bloco 3 do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.



Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

Os aspectos linguísticos e gramaticais foram encontrados no trabalho com gêneros sinopse, argumento e roteiro. Como exemplo de atividades, o caderno orienta o professor que revise o texto para checar a ortografia, pontuação, sintaxe e estilo. Verificamos também que não apresenta uma sequência didática de como trabalhar a pontuação, sintaxe e estilo. Certificamos que não houve um trabalho de leitura em perspectiva dialógica para ampliação do entendimento sobre o gênero e os tipos de documentário.

Quadro 12: Bloco 3, Pré-produção de documentário.

BLOCO 3 - PRÉ-PRODUÇÃO DE DOCUMENTÁRIO
OFICINA 01: O QUE VEM ANTES DA ELABORAÇÃO DO PROJETO
<p>OBJETIVOS DA OFICINA: Discutir as ideias sobre a pré-produção do documentário. Abordar questões sobre o que fala, o que registrar, como fazer o registro e quais os propósitos.</p>
<p>ETAPA (1): uma ideia que caiba em 5 minutos Nesta etapa, são abordadas questões como o valor das imagens e a importância do olhar. O professor é orientado a sensibilizar os alunos sobre as diferentes formas de ver, de sentir e de ser. A temática da olimpíada “o lugar onde vivo” começa a ser debatida, e o professor mediador entra em cena, questionando, chamando à atenção para as possibilidades e impossibilidades de realização do filme. A discussão sobre a temática é o foco central desta etapa, o professor precisa voltar o olhar dos alunos para o lugar onde vivem. Como inspiração para “o lugar onde vive”, o caderno sugere, inicialmente, que os alunos assistam ao documentário, <i>Flores do meu bairro</i>, um dos vencedores da Olimpíada, realizada em 2019. Para aprofundar os conhecimentos, o caderno disponibilizou a descrição e análise do documentário, <i>Flores do meu bairro</i>.</p>
<p>ENCAMINHAMENTOS: Perguntar aos alunos sobre o que eles gostariam de abordar nos documentários. O objetivo desta atividade é discutir sobre os temas. Debater e orientar a importância da escolha de temas originais, diferentes dos que circulam na tv. Pedir que os alunos observem o lugar onde vivem, o bairro, as pessoas com quem vivem a fim de encontrar uma temática menos óbvia e mais singular. Pedir para observem os mais variados lugares da cidade, nas ruas, nas casas, nos bairros, em todas as partes e em todas as horas, há inúmeras possibilidades para um documentário. Formação de equipes de até 3 alunos para iniciar a produção do documentário.</p>
<p>MATERIAIS USADOS NA OFICINA: - Exibição do documentário: <i>Flores do meu bairro</i>. Iana Marinho, João Vitor, Kauany Vitória. Brasil, 2019, 5 min. Um dos vencedores da olimpíada de língua portuguesa de 2019.</p>
<p>ETAPA (2): a importância da pesquisa, material de arquivo e pré-entrevista. Nesta etapa, a ideia sobre o que filmar precisa estar definida para iniciar a pesquisa. O pesquisador Sérgio Puccini (2009) afirma que, nessa etapa, almeja-se descobrir tudo aquilo que for importante, atraente e interessante sobre o tema. Entre outras possíveis ações, deve-se: - Procurar informações sobre o assunto na internet, bibliotecas, museus e instituições públicas e privadas que permitam pesquisas e consultas. Lembrete: é importante orientar os alunos a buscarem informações em fontes confiáveis. - Ler tudo o que for possível e separar as informações relevantes que possam ser aproveitadas no documentário (não se esquecer de anotar as referências bibliográficas das fontes de consulta para referenciá-las). - Fazer levantamento do material audiovisual, iconográfico e sonoro a respeito do tema do documentário. - Realizar pré-entrevistas com pessoas envolvidas na questão a ser explorada. - Visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço e as condições de gravação.</p> <p>A pesquisa é importante para definir quais os modos de documentário serão produzidos e quais os recursos de linguagem serão utilizados no filme. Material de arquivo são materiais descobertos e selecionados durante a fase da pesquisa. É importante advertir que, no intuito de evitar problemas legais, é necessário ter permissão para usar os arquivos nos documentários. Para tanto, o proprietário dos documentos deve assinar um termo que permite o uso dos arquivos para o filme. No menu Autorizações, podemos obter mais orientações a respeito, bem como acessar um modelo de autorização para ser utilizado nos projetos, acesso ao link da lei de direitos autorais entre outras orientações. Há modelo de autorizações retiradas do menu autorizações do caderno do professor. Vale lembrar aos alunos que, hoje, a cultura digital está flexibilizando a questão dos direitos autorais. Por exemplo, na plataforma Creative Commons (CC), há uma série de materiais de uso liberado.</p>
<p>PRÉ-ENTREVISTA: Esse momento é marcado pelo primeiro contato da equipe com os possíveis participantes do documentário. Nesta etapa, há algumas orientações importantes: - Observar o comportamento, a desenvoltura, articulação verbal, pois os entrevistados podem ter uma boa história para contar, mas não ser bom para contá-la, nem ser um bom narrador.</p>

- Alguns podem resistir e ficar constrangido ou até mesmo se recusar a conceder uma entrevista. São momentos delicados que é preciso convencer a pessoa a falar sem coagi-la, quanto não gerar expectativas de que o entrevistado irá aparecer no filme.

ENCAMINHAMENTOS:

Reúna os alunos em equipes de três pessoas, solicite-lhes que discutam entre si a divisão de tarefas para buscar informações sobre o tema do documentário. Onde vão pesquisar? Quais informações buscar? Quem vai fazer pesquisa de dados? Quem vai atrás de personagens? Quem vai visitar os locais de filmagem?

Definir qual o ponto de vista a ser defendido? Qual a estratégia de linguagem utilizar? Qual modo de documentário irá produzir, quais os materiais de arquivo vão utilizar?

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- **Acesso a plataforma:** <https://br.creativecommons.org/>;
https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-2-a-importancia-da-pesquisa/#:~:text=https%3A//br.creativecommons.org.

OFICINA 2: O PROCESSO DE ESCRITA

OBJETIVOS DA OFICINA:

Discutir sobre as práticas de linguagem e, especificamente, as práticas contemporâneas.

Discutir o conceito de sinopse, argumento e roteiro para construção de documentário.

Etapa (1): a escrita de documentário, palavra e imagem

Nesta etapa, o caderno faz uma introdução sobre as práticas de linguagem priorizadas pela escola: leitura e escrita. Entretanto, as práticas contemporâneas de linguagem fazem parte do dia a dia desses estudantes e até mesmo dos professores, como a forte e marcante presença cotidiana das redes sociais, bastante visuais e interativas, como Instagram, Facebook, Twitter e, mais recentemente, o Tik Tok, um aplicativo voltado à edição de vídeos que tem se tornado uma febre mundial. Sendo assim, o objetivo desta etapa é mostrar a importância fundamental de compreender o ensino de Língua Portuguesa como um processo atravessado por múltiplas linguagens e códigos que extrapolam a escrita, mas não prescindem dela, como é o caso do gênero Documentário.

O trabalho com o gênero documentário em sala de aula possibilita a inserção das práticas de linguagem contemporâneas de maneira consciente. A escolha do gênero documentário também é uma forma de usar as práticas contemporâneas para contar de maneira diferente uma história sobre uma pessoa, um lugar, um momento histórico, um problema social a partir da palavra, do som e, especialmente, da imagem. Além disso, considerando a facilidade que os jovens têm de manejar a tecnologia, mesmo quando não sabem, têm facilidade em aprender.

Para produzir o documentário, é necessário utilizar imagens que expressam as ideias, intenções e objetivos do documentarista que estejam no projeto escrito.

Sendo assim, o uso da imagem precisa ser coerente com a escrita do projeto, para que o processo de construção de sentido possa materializar as ideias e conceitos que foram descritos e pensados na parte da escrita. Dessa maneira, a escrita serve como uma espécie de bússola do documentário, permitindo orientar o processo de produção.

ENCAMINHAMENTOS:

Verificar os conhecimentos prévios dos alunos em relação à produção de imagens e vídeos.

Convocá-los a uma reflexão sobre palavra e imagem e os efeitos de sentidos em redes sociais.

Considerando a dinâmica de curtidas (*likes*), comentários e compartilhamentos que marcam essas redes, que intenções eles têm quando postam ou compartilham algum conteúdo? O que eles percebem sobre a relação entre o texto que escrevem e a imagem ou vídeo que acompanha a postagem? É necessário ter alguma coerência? Há muita diferença ao postar uma foto ou gravação sem ser acompanhado por algum texto? A partir disso, é possível começar a falar sobre a importância da escrita para o gênero Documentário.

Dividir a sala em grupos e distribuir os seguintes temas das redações do Emem:

- *Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil (2016)*;
- *Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil (2017)*;
- *Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet (2018)*;
- *Democratização do acesso ao cinema no Brasil (2019)*.

Orientar os grupos que, ao invés de escrever um texto dissertativo-argumentativo, terão que planejar um documentário. Como esse tema e esse ponto de vista seriam trabalhados? Que imagens eles trariam e/ou produziram com uma câmera? Qual o objetivo do documentário?

Dar um título para o documentário. Escrever um texto de no máximo 30 linhas.

NA AULA SEGUINTE:

Na aula seguinte, peça para que cada grupo leia em voz alta a proposta elaborada e proponha uma reflexão para a sala de aula sobre a diferença entre escrever um artigo de opinião e propor um documentário sobre os temas trazidos.

Algumas perguntas que podem nortear a reflexão:

- Há diferença na elaboração/concepção do ponto de vista sobre o tema, embora em ambos os casos seja utilizada a escrita?
- Qual é a função/força das imagens para apresentar um tema e expressar determinado ponto de vista?
- Escrever ajudou a pensar sobre o documentário? Como? Qual é a importância da escrita para a concepção de um projeto de documentário?

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

Distribuição de textos que foram temas de redação do Enem;

- Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil (2016);
- Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil (2017);
- Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet (2018);
- Democratização do acesso ao cinema no Brasil (2019).

ETAPA (2): o que é a sinopse?

Sinopse é uma descrição sintética da ideia do filme. Deve deixar claro o que será abordado no documentário, quem são as personagens e onde se passa, também pode trazer, sucintamente, por que é importante contar aquela história. Ela não precisa especificar como o filme será feito, nem trazer detalhes do que se quer contar, apenas as partes mais interessantes ou importantes. A sinopse deve, então, mostrar todo o potencial da história, inclusive por ser geralmente o primeiro contato que o público tem com o documentário, e possibilitar que as pessoas se interessem ou não por assistir ao filme.

Para melhor explicar esse gênero sinopse, o caderno utilizou como metodologia a reprodução e comentários de dois documentários e uma produzida no contexto da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2019, quando houve a estreia da categoria Documentário. A metodologia utilizada nesta oficina serve para aproximar os alunos desse gênero por meio de documentários e sinopses já produzidos, bem como fazer com que eles tenham um contato mais próximo com o gênero para que, posteriormente, possam produzir suas próprias sinopses.

ENCAMINHAMENTOS:

Pedir aos alunos que assistam ao documentário finalista da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, elaborada pelos estudantes João Vyctor de Paula de Lima, Nathalia Rocha Campos e Raphael Dias Câmara, da Escola Ruy Pereira dos Santos, São Gonçalo do Amarante – RN.

Pedir para os alunos que leia a sinopse do documentário *O lugar onde vivo tem dona Militana*.

Após a leitura da sinopse, pedir para que imaginem o filme, as hipóteses e as possibilidades.

Após essa etapa, reproduza o filme e pergunte: quais expectativas foram atendidas? O que surpreendeu? O que eles não gostaram? O que lhes chamou atenção?

Peça para os alunos que reescrevam uma nova sinopse para o documentário *O lugar onde vivo tem dona Militana*, à luz do próprio documentário. Explique que eles têm toda liberdade para modificar o texto, mas sem desconsiderar o tema central e a perspectiva de tratamento desse tema.

Na próxima aula, verificar com os alunos o que eles mudaram e propor no quadro uma sinopse coletiva.

Apresente o curta-metragem *Deus* (2017) e peça aos alunos que produzam uma sinopse deste documentário.

Na próxima aula, distribua as sinopses feitas pelos alunos e peça que eles avaliem a sinopse feita pelo colega, tendo os seguintes critérios em mente:

- Estão claros o tema e o ponto de vista do documentário?
- Os personagens estão especificados?
- O lugar e o período estão bem delimitados?
- A linguagem é objetiva e, ao mesmo tempo, desperta a curiosidade?
- A sinopse é coerente com o documentário que assistiram? Há alguma distorção?

Depois, divida a classe em trios e peça aos alunos que escrevam a sinopse de seus documentários.

Orientações para a escrita da sinopse:

- Deixe claro para o (a) leitor (a) o assunto do documentário e a perspectiva pela qual o tema será abordado.
- Especifique quem são as personagens que dele participam.
- Defina onde se passa a história.
- Escreva um texto numa linguagem simples e objetiva.
- Não ultrapasse dez linhas.
- Dê um título para o documentário e escreva-o acima do texto.
- Revise o texto para checar ortografia, pontuação, sintaxe e estilo.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição do documentário *Anamnese*. Clementino Junior. Brasil. 2017. 15 min;
- Exibição do documentário *Do alto da ladeira*. Camila Mota. Brasil. 2014. 6 min;
- Exemplo da sinopse produzida no contexto da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2019. *Meu lugar, Ubaranas*, de Francisco André Silva de Moura, Lucas Cauã de Lima da Silva e Bruna Santos Vitalino Almeida, sob orientação do professor Francisco Márcio Pereira da Silva, da Escola Barão de Aracati, da cidade de Aracati/CE;
- Exibição do documentário *O lugar onde vivo tem dona Militana*. João Vyctor de Paula de Lima, Nathalia Rocha Campos e Raphael Dias Câmara. Escola Ruy Pereira dos Santos, São Gonçalo do Amarante/RN, Brasil. 2019. 5 min;
- Exibição do curta-metragem *Deus*. Vinicius Silva. Brasil. 2017. 25 min.

ETAPA (3): o argumento

Na linguagem audiovisual, chama-se “argumento” o gênero textual que descreve como será o filme, trazendo em detalhes a história. Além de repetir as informações contidas na sinopse (o quê, quem, onde, quando), deve expandir trazendo o “por que” e o “como”, indicando as motivações e as estratégias de abordagem do tema. Por exemplo, definir onde serão feitas as filmagens, como será o tratamento sonoro, de que forma as personagens aparecerão no filme. Elas serão entrevistadas? Não haverá entrevistas, apenas o registro de suas ações e interações com outras personagens? Caberá a uma narração apresentá-las? Elas serão solicitadas a encenar ações de seu cotidiano? Tudo isso deve constar no argumento. A partir de sua leitura, qualquer pessoa deve conseguir visualizar como a história será contada na tela.

Abaixo, seguem os aspectos que precisam ser contemplados na escrita do argumento, os quais, assim como na sinopse, não devem ser respondidos diretamente, na forma pergunta-resposta, mas desenvolvidos em um texto em prosa.

Resumindo, o argumento deve abordar os seguintes aspectos:

- O quê – Delimitação do tema.
- Quem – Indicação das personagens.
- Quando – Demarcação do tempo histórico do evento.
- Onde – Especificação das localidades.
- Como – Definição das estratégias de abordagem.
- Por quê? – Justificativa para a realização do documentário.

Segundo Luiz Carlos Lucena (2018), em seu livro *Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção*, o argumento atua como um esboço do documentário, descrevendo o conteúdo do filme e o estilo de filmagem. Nesse sentido, esse gênero textual tem também a função de explicitar o processo criativo do documentário, desenvolvendo as ideias, intenções e as escolhas estéticas. O argumento funciona, assim, como um espaço de elaboração conceitual, criativa e reflexiva do documentário, permitindo que os (as) autores (as) apresentem com mais detalhes sua proposta e a justifiquem.

Nesta etapa, o caderno aplicou como metodologia o conceito de argumento adotado pelo autor Luiz Carlos Lucena (2018), trazendo um documentário como exemplo para analisar o objetivo e responder as perguntas “por que e como” a história acontece. Outra metodologia utilizada nesta etapa, é a exibição do documentário *Nunca é noite no mapa*. Ernesto de Carvalho. Brasil. 2016. 6 min, com o objetivo de que os alunos comecem a exercitar a escrita, respondendo às perguntas sobre o documentário: o quê – delimitação do tema; quem – Indicação das personagens; quando – demarcação do tempo histórico do evento; onde – especificação das localidades; como – definição das estratégias de abordagem; por quê? – justificativa para a realização do documentário.

Essa metodologia fará com que os alunos se aproximem cada vez mais do gênero argumento por meio das perguntas, a ideia é que, ao responder as perguntas sobre o filme, o aluno comece a perceber detalhes da obra, a importância da história e porque ela foi escrita e como foi escrita.

O argumento deve ser escrito na forma de um texto em prosa sem a explicitação das questões.

ENCAMINHAMENTOS:

Exibição do documentário *Deus* (2017), de Vinicius Silva. Proponha uma escrita de argumento coletiva. Próxima aula pedir que formem grupos (de três pessoas) para a escrita do argumento dos documentários. Oriente a escrita dos alunos, anote no quadro as seguintes orientações para a escrita do argumento:

- Informe o tema do documentário.
- Indique quem são as personagens.
- Justifique a importância da história.
- Aponte as formas de abordagem do tema.

Por exemplo:

- Assinale se haverá entrevistas e se elas serão individuais e/ou coletivas.
- Sugira em quais locais serão feitas as filmagens;
- Delibere se os acontecimentos do mundo real serão filmados no momento em que ocorrem ou se as personagens encenarão para a câmera suas ações cotidianas.
- Decida se haverá uso de materiais de arquivo e com que intenção eles aparecerão no documentário. Para ilustrar o passado? Para contrastar com o que é dito?
- Escreva um texto numa linguagem simples e objetiva.
- Use cerca de uma página para elaborar o argumento.
- Dê um título para o documentário e escreva-o acima do texto.
- Revise o texto para checar ortografia, pontuação, sintaxe e estilo.

Na aula seguinte, proponha uma revisão dos textos e anote as orientações no quadro para nortear os alunos na revisão:

- Você deixou claro para o leitor o assunto do documentário?
 - Especificou quem são as personagens da história?
 - Justificou por que essa história é importante?
 - No caso de uso de entrevistas, assinalou se elas serão individuais e/ou coletivas?
 - Sugeriu em quais locais serão feitas as filmagens?
 - Indicou se os acontecimentos do mundo real serão filmados no momento em que ocorrem ou se as personagens encenarão para a câmera suas ações cotidianas?
 - Mencionou o uso de material de arquivo, se ele for uma opção de filmagem?
 - Verificou se os materiais de arquivo pretendidos precisam de autorização para serem usados, e qual a dificuldade para a obtenção da(s) autorização(ões)?
 - Escreveu um texto com uma linguagem simples e objetiva?
 - O argumento tem cerca de uma página?
 - Deu um bom título para o documentário e foi escrito acima do texto?
 - Checou se a pontuação está correta?
 - Corrigiu os erros de ortografia?
 - Substituiu palavras repetidas e eliminou as desnecessárias?
- Ao final da aula, defina uma data da entrega da versão final do argumento.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Trechos do argumento do filme *Vigias* (2010), de Marcelo Lordello;
- Exibição do curta: *Nunca é noite no mapa*. Ernesto de Carvalho. Brasil. 2016. 6 min;
- Análise do argumento curta-metragem premiado na 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, *Meu lugar, Ubaranas*, de Francisco André Silva de Moura, Lucas Cauã de Lima da Silva e Bruna Santos Vitalino Almeida, da escola Barão de Aracati, de Aracati/CE;
- Proposta de uma escrita coletiva do documentário *Deus* (2017), de Vinicius Silva.

ETAPA (4): roteiro

Nesta etapa, o caderno começa definindo o que é o roteiro e como é construído. Conforme o caderno do professor, o roteiro organiza-se em cenas e sequências das imagens e sons que irão **construir o discurso do filme**, em conformidade com o que foi concebido e apresentado no argumento. E deve apontar como personagens, objetos, estratégias de abordagem – entrevistas, material de arquivo, narração, etc. – se articulam para a construção de um documentário original. É por estar diretamente relacionado à linguagem audiovisual que o roteiro do documentário constrói esse discurso a partir da descrição das imagens e sons que vão compor a obra, já na ordem em que se pretende que elas apareçam no filme. É como se, ao ler o roteiro, nós já conseguíssemos “ver” o filme na nossa cabeça, imaginá-lo, parte por parte, até a imagem do todo.

A metodologia utilizada para o trabalho com o gênero roteiro foi a mesma que o caderno manteve com nas etapas anteriores trabalhadas com os gêneros sinopse e argumento. Utilizou-se de exibição de filmes para escrita de roteiro, perguntas de leitura para orientar a escrita do gênero, leitura de roteiros dos documentários que participaram da olimpíada de língua portuguesa para que o aluno mergulhe na forma composicional do gênero e perceba elementos interessantes que permitam imaginar a obra.

ENCAMINHAMENTOS:

Reproduza o documentário, *Fotográfica*. Tila Chitunda. Pernambuco, Brasil. 2016. 25min. Depois, peça aos alunos que observem elementos visuais e sonoros. Peça que eles revejam a obra e tentem escrever o roteiro do filme como exercício.

Anote no quadro as seguintes orientações:

Para sua elaboração, é importante pensar no objetivo de cada cena e/ou sequência, bem como no encadeamento dessas cenas, e discutir esses objetivos com o grupo.

Algumas perguntas podem ajudar nessa reflexão e escolhas, à exemplo:

- Qual será a primeira imagem e som do filme e por quê?
- Quais sensações, ideias e emoções essa imagem e som podem provocar no espectador?
- Qual será a segunda imagem do filme? E o segundo som? E como essa imagem e esse som se conectam com a imagem e som anteriores? E com os seguintes? Que sentidos constroem juntos?
- Haverá entrevistas? Qual será o/a primeiro(a) entrevistado(a) e por que essa pessoa e não outra? Quais perguntas serão feitas e o que queremos saber com essas perguntas?
- Serão utilizados materiais de arquivo, como fotografias, documentos e vídeos caseiros? Com qual propósito e em quais momentos?
- Haverá música? Qual? Quais sensações essa música pode gerar? Ela traz outra camada de informação/sentido ao que está sendo visto? Reforça ou se contrapõe à imagem?
- Como o filme termina? A imagem escolhida para fechar o filme deixa qual impressão no espectador? Ela colabora para o ponto de vista que o filme pretende apresentar?

Na próxima aula, forme grupos com (3 pessoas) e peça para que eles construam o roteiro dos seus documentários. Coloque no quadro as seguintes orientações para a escrita do roteiro:

Descreva o conteúdo imaginado para compor cada cena/sequência e as apresente na ordem sequencial de sua aparição (cena 1/sequência 1, cena 2/sequência 2, cena 3/sequência 3, etc.).

Dicas:

- Na descrição de cena/sequência, indique o local de gravação; sugira que tipos de imagens devem ser captadas para cada cena/sequência; no caso de uso de narração ou cartelas, escreva o conteúdo do texto que acompanhará as imagens correspondentes; se a cena/sequência inclui entrevista, indique quem será a pessoa entrevistada e coloque as perguntas que serão feitas.

- Utilize uma linguagem simples e objetiva.

- Use cerca de uma página para elaborar o roteiro.

- Dê um título para o documentário e escreva-o acima do roteiro.

- Revise o texto para checar ortografia, pontuação, sintaxe e estilo.

Na próxima aula, distribua os roteiros e peça para façam uma revisão e aprimoramento do roteiro.

Orientações para a revisão do roteiro:

- Descreveu o conteúdo de cada cena?

- Definiu em quais locais serão feitas as filmagens?

- No caso de uso de entrevistas, indicou o nome do entrevistado e disponibilizou o roteiro da entrevista?

- Redigiu o texto da narração e/ou cartelas?

- Escreveu um texto com uma linguagem simples e objetiva?

- O roteiro tem cerca de uma página?

- Você deu um bom título para o documentário e colocou-o acima do roteiro?

- Checou se a pontuação está correta?

- Corrigiu os erros de ortografia?

- Substituiu palavras repetidas e eliminou as desnecessárias?

- Por fim, definiu uma data com os alunos para a entrega da versão final do roteiro.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição do curta-metragem *Favela da Central*. Michael Miranda. Brasil, 2015, 3 min e 28 seg;

- Leitura do roteiro simplificado do curta-metragem *Favelada da central*.

- Exibição do documentário *Meu lugar, Ubaranas*. Bruna Santos Vitalino, Francisco André Silva de Moura e Lucas Cauã de Lima da Silva. Escola Barão de Aracati, Aracati/CE, Brasil. 2019. 5 min;

- Leitura do roteiro do documentário *Meu lugar, Ubaranas*.

- Exibição do curta-metragem *Fotográfica*. Tila Chitunda. Pernambuco, Brasil. 2016. 25 min.

ETAPA (5): o projeto escrito

No Brasil, muitos documentários buscam financiamento por meio de editais públicos ou privados. Em geral, os editais fornecem um modelo para formatação dos projetos, o que facilita o julgamento dos avaliadores, já que as propostas precisam se adequar ao mesmo padrão.

Nesta oficina, o objetivo é a elaborar o projeto escrito que inclui sinopse, argumento e roteiro. É uma sugestão da Olimpíada de língua portuguesa para a formatação do projeto em si, lembrando que o projeto não é entregue para o concurso da olimpíada, mas contribui para que os estudantes possam planejar e refletir sobre seus documentários.

Como metodologia, o caderno utilizou o modelo de projeto proposto pela Olimpíada, em que contém sinopse, o argumento e o roteiro. Como exemplo, utilizou-se o curta-metragem *Ilha das Flores*, objeto de estudo do Bloco 1, abordando e exemplificando cada gênero.

2. Título: Ilha das Flores

3. Sinopse: deixar claro, dentro da área temática na qual o documentário se insere, qual o assunto específico a ser abordado e qual o ponto de vista a ser defendido (até 10 linhas).

O documentário faz uma denúncia social sobre o modo de funcionamento do sistema capitalista. A partir de estratégias de ficcionalização do real, mostra como à população mais pobre e desassistida restam as sobras do que é consumido pelos mais abastados. Para tanto, foca na trajetória de um tomate, seguindo-o desde o momento de sua plantação até o seu descarte num lixão. Esse tomate passará pelas mãos de um agricultor, uma dona de casa, para finalmente chegar às mãos de mulheres e crianças catadoras de lixo.

2. Argumento: descrever de forma completa como será a estrutura narrativa do documentário, bem como de que modo os diferentes recursos de linguagem serão empregados, os principais personagens, a justificativa, o objetivo (cerca de uma página).

3. Roteiro: descrever as principais cenas que compõem o filme, indicando sua ordem sequencial de aparição. A descrição de cena deve se preocupar em detalhar tanto as imagens que o espectador verá na tela quanto a narração e/ou entrevistas que ele ouvirá (cerca de uma página). Abaixo reproduzimos um trecho do roteiro de *Ilha das Flores*.

Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario.

Logo mais, o caderno ressalta entre projeto e o documentário deixando claro para o leitor que são linguagens diferentes, mas que possuem uma relação de interdependência, uma vez que precisa manter a coerência entre aquilo que foi concebido, proposto e planejado e o que foi, efetivamente, produzido e desenvolvido.

ENCAMINHAMENTOS:

Construção do projeto escrito, que deve incluir sinopse, argumento e roteiro.

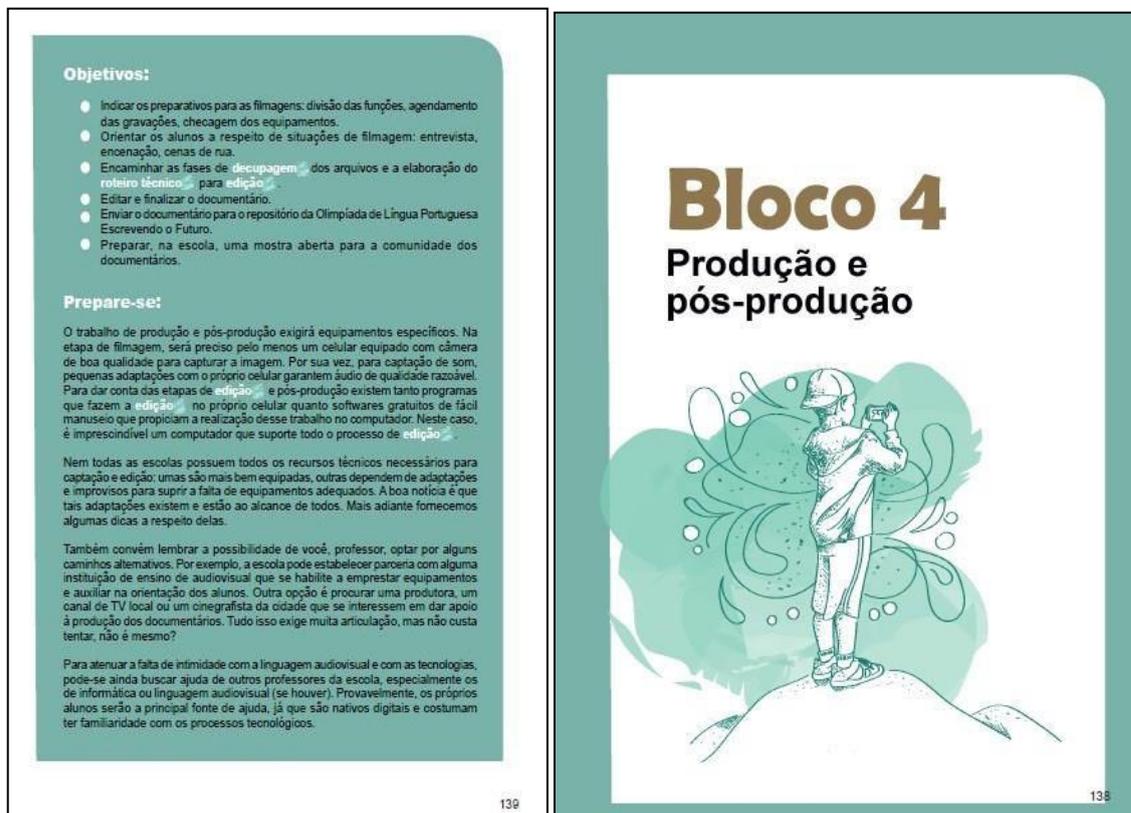
MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

O modelo de projeto escrito proposto pela Olimpíada, contendo sinopse, o argumento e o roteiro do curta-metragem *Ilha das Flores*.

Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

No Bloco 4, podemos encontrar aspectos importantes da produção e pós-produção do documentário, como exemplificados na figura 7.

Figura 7: Bloco 4 do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.



Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

No bloco 4, os objetivos são: indicar os preparativos para a filmagem, divisão das funções, agendamento das gravações e checagem dos equipamentos para as filmagens; orientar os alunos a respeito das situações de filmagem, entrevista, encenação e cenas de rua; encaminhar as fases de desocupação dos arquivos e a elaboração do roteiro técnico para a edição; editar e finalizar o documentário; enviar o documentário para o repositório da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro; preparar, na escola, uma mostra aberta para a comunidade dos documentários.

Percebemos que o foco do bloco 4 e das quatro oficinas é o trabalho com a produção e pós-produção do documentário, contemplando a edição e divulgação do documentário na escola.

Quadro 13: Bloco 4, Produção e pós-produção.

BLOCO 4 - PRODUÇÃO E PÓS-PRODUÇÃO	
OFICINA 01 - PRODUÇÃO	
OBJETIVO DA OFICINA:	
Indicar os preparativos para as filmagens: divisão das funções, agendamento das gravações, checagem dos equipamentos.	

Etapa (1): preparativos para a filmagem

Nesta etapa, o caderno sugere a formação das equipes e divisão das tarefas. Como forma de organizar o planejamento das filmagens, o caderno sugere o seguinte modelo de planejamento, deixando claro que o professor pode adaptar da forma mais conveniente para a turma.

Funções	Atribuições
Produção	Planejamento, execução e acompanhamento do projeto do filme. Em virtude da abrangência e da variedade de atribuições, a produção audiovisual comporta áreas específicas: produção executiva (aspectos administrativos e financeiros) e direção de produção (que se subdivide em produção de set, produção de elenco, produção de figurino, produção de locação, produção de alimentação). No caso dos documentários a serem realizados pelos alunos para a Olimpíada, imaginamos que caberá à produção as seguintes tarefas: elaboração do cronograma, levantamento de custos (por exemplo, gastos com transporte, alimentação e eventuais pequenos serviços), contato com entrevistados e marcação das entrevistas, obtenção de autorização de uso de imagens e de filmagem em locais públicos e privados.
Direção de fotografia / Operação de câmera	Iluminação, movimentação das câmeras, enquadramento, composição da cena.
Direção de áudio / Operação de som	Captação do som direto, nas filmagens, dos diálogos e dos ruídos ambientes (fase de produção).
Edição de som	Mixagem das vozes, ruídos e músicas (fase de pós-produção).
Edição de imagem	Recorte e tratamento das imagens. A edição visa dar ritmo e sentido à narrativa. Mais do que operar um programa ou software de edição com fluência, o editor precisa pensar criticamente as imagens e fazer bom uso das diferentes possibilidades de montagem.
Direção	Cabe à direção não apenas o controle das filmagens, mas a articulação entre as áreas e as pessoas que trabalham no filme. O diretor é responsável pela orientação argumentativa e artística da produção e está presente em todas as etapas de elaboração da obra.
Direção de Arte	Responsável por criar e definir a cenografia, os objetos de cena, o figurino, a maquiagem, seguindo o conceito proposto pela direção.

Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Logo mais, o caderno também sugere visita às locações antes das filmagens, visando prevenir quaisquer possíveis problemas técnicos.

Para o planejamento das gravações, o caderno sugere um cronograma de filmagens para gerenciamento do tempo. O cronograma inclui as datas de gravação de cada evento, estimar tempo de gravação, recursos humanos e materiais.

A ideia é otimizar as gravações de forma que não haja necessidade de voltar à mesma locação. Assim, pode-se marcar a gravação das entrevistas de várias personagens num mesmo dia e local. É imprescindível sempre ter à mão as informações de contato de cada entrevistado, bem como das pessoas responsáveis pelos locais onde se realizará a gravação.

A produção é a responsável pelo agendamento das gravações, obtenção de autorizações de filmagem e deslocamento da equipe.

O equipamento para as filmagens deve variar de acordo com cada turma, verifique com as equipes quem tem uma câmera de celular com melhor qualidade de imagem para fazer as filmagens.

Segue modelo de cronograma de gravação.

Data	Evento	Locação	Recursos Humanos	Recursos Materiais
5/11	Entrevista com o professor(a) 'X'.	Sala de aula da escola 'Y'.	- Operador de câmera. - Operador de som. - Produtor. - Diretor.	- Equipamentos: câmeras, tripé, microfone de lapela, rebatedor de luz etc. - Objetos de cena: computador, quadro negro etc.
6/11	Cerimônia de inauguração da biblioteca da cidade.	Auditório da biblioteca.	- Operador de câmera - Operador de som - Produtor - Diretor	- Equipamentos: câmeras, tripé, microfone de lapela, rebatedor de luz etc. - Objetos de cena: livros, mesa de apoio etc.

Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

ENCAMINHAMENTOS:

Nesta oficina, os encaminhamentos foram voltados para confecção do planejamento das filmagens e cronograma das gravações.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Planejamento escrito das filmagens;
- Cronograma escrito das gravações.

OFICINA 02 - FILMAGEM

OBJETIVO DA OFICINA:

Nesta oficina, o foco são as filmagens para produção do documentário.

Etapa (1):

Na introdução da etapa, o caderno alerta para o tempo das filmagens, lembrando que o documentário da olimpíada não pode ultrapassar 5 minutos. O caderno também destaca a importância da montagem de um diário, anotando os erros e acertos para alinhar o que ainda falta fazer conforme foi planejado. Contém dicas para que as filmagens ocorram tudo conforme o planejamento: checar os equipamentos e documentação; conferir o status do celular; posicionar corretamente o celular; iluminar o ambiente; cuidar da limpeza da lente; estabilizar o celular com um tripé ou objetos para que a câmera fique firme; acerte o posicionamento da câmera; cuidado quando for gravar o áudio, evite ruídos e locais com muito barulho; providencie uma filmagem-teste; bater a claquete para sincronização entre imagem e som, fazendo *upload* dos arquivos.

ENCAMINHAMENTOS:

Nesta etapa, o caderno trabalhou com dicas importantes para que ocorra conforme foi planejado.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição do vídeo *Manual do Mundo*. “Tripé caseiro para celular”, 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qu5gvQEzh-4>;
- Exibição do vídeo *Manual do Mundo*. “Tripé caseiro para câmera fotográfica – How to make a tripod for câmera”. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HQNkJs2DUxY> .

ETAPA (2): filmagem em situação de entrevista

Nesta etapa, o caderno faz algumas importantes considerações para as filmagens durante a entrevista.

Roteiro flexível

Neste momento, o entrevistador não deve ficar preso ao script, não enviar as perguntas previamente. Deve-se apenas informá-lo sobre o tema a ser abordado e deixar as perguntas para a hora da entrevista.

Escuta sensível

O entrevistar deve ficar atento as respostas e ao silêncio, pois o silêncio pode ser significativo.

Direcionamento do olhar

O olhar para a câmera, além de passar a impressão de que se fala diretamente com o espectador, transmite uma sensação de autoridade. É o que ocorre com repórteres e apresentadores de TV.

Voz do entrevistador

O realizador tem três possibilidades de mostrar uma entrevista:

- revelar o entrevistador em interação com o entrevistado, ou seja, o entrevistador é visto e ouvido;
- ocultar/cortar a imagem do entrevistador e deixar que o espectador ouça apenas a voz off fazendo perguntas e comentários;
- veicular somente as respostas do entrevistado às perguntas anteriormente feitas pelo entrevistador. Nesses casos, para garantir a compreensão das respostas, muitos entrevistadores costumam pedir ao entrevistado que repita a pergunta ao responder. Apesar de eficiente, essa estratégia pode desvirtuar a naturalidade da conversa.

Enquadramentos mais comuns

Neste momento, o caderno selecionou alguns que mais são utilizados nas entrevistas. São eles:

Plano Americano – Mostra a personagem do joelho para cima.



Jogo de cena. Eduardo Coutinho. Brasil, 2007, 100 min.

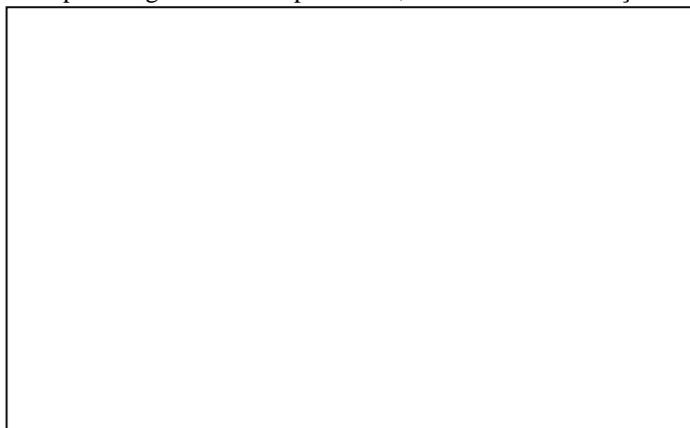
Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Plano Médio – Mostra a personagem da cintura para cima.



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Primeiro Plano – Mostra a personagem do tórax para cima, com ênfase na cabeça.



Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Plano Fechado ou **big close** – Mostra um detalhe ocupando todo o quadro – pode ser o rosto.



Jogo de cena. Eduardo Coutinho. Brasil, 2007, 100 min.

Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

Ambientes de gravação

Os ambientes podem ser internos e externos, sendo assim o caderno do professor sugere que evite ruídos durante as gravações.

Autorização de uso de imagem

Lembre aos alunos que eles não devem se esquecer de pedir a todos aqueles que aparecerão no documentário uma autorização de uso de imagem. Isso é muito importante para evitar problemas judiciais no futuro. Nesta etapa, o caderno usou como metodologia, várias dicas importantes para que ocorresse tudo conforme o planejamento escrito, e também utilizou-se de imagens para exemplificar melhor os planos de imagens como forma de fixar o conteúdo.

ENCAMINHAMENTOS:

Peça aos alunos para realizarem uma filmagem-teste de uma entrevista. Pode ser alguém da turma ou até mesmo um colega da equipe. O objetivo dessa atividade é que possa trabalhar com os todas as dicas da oficina.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exemplo de como direcionar olhar *jornal Nacional*. Ali Kamel, Fátima Baptista. Brasil, 2002, 1 min;
- *SBN Interativo*. Bárbara Rocha. Brasil, 2017, 3 min e 43 seg;
- Exibição do trailer - *jogo de cena*. Eduardo Coutinho. Brasil, 2007, 105 min. Disposição entre entrevistadas, diretor e câmera;
- Imagens dos enquadramentos mais comuns.

ETAPA (3): ações reencenadas para a câmera

Em documentários, muitas vezes, solicita-se às personagens que encenam para a câmera aquilo que seriam suas atividades diárias. Além da função primeira de mostrar o cotidiano das personagens, essas imagens servem para ilustrar um depoimento e quebrar a monotonia da imagem estática da entrevista.

ENCAMINHAMENTOS:

Exibição do documentário *Gilmar - ofício cabeleireiro*. Dannyel Leite. Brasil, 2014, 11 min e 4 seg, para demonstrar na prática a cena encenada.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição do curta-metragem *Gilmar - ofício cabeleireiro*. Dannyel Leite. Brasil, 2014, 11 min e 4 seg.

Etapa (4): filmagem em regime de urgência

Nesta etapa, o objetivo é alertar sobre as filmagens, pois, na ficção, as imagens podem ser repetidas, mas no documentário corre o risco do real.

Em filmagens de conflitos, podem ocorrer que não se consiga enquadrar a imagem corretamente, não conseguir estabilizar corretamente a câmera e obter imagens tremidas, não conseguir filmar toda a ação corretamente até o fim. Durante a filmagem de manifestações, conflitos urbanos e guerras, o cinegrafista que filma no meio do povo corre o risco de registrar imagens insatisfatórias, além de colocar em risco sua própria vida.

ENCAMINHAMENTOS:

Pedir aos alunos que façam uma filmagem teste em situação simples, realizada por uma pessoa da equipe e que tenha começo, meio e fim.

Os alunos precisam filmar a mesma situação duas vezes, de maneiras distintas:

- na primeira, a personagem realiza as ações por conta própria, sem levar em conta o ritmo da equipe, que precisa se adaptar e registrar a situação "a quente", como se fosse "em regime de urgência";
- na segunda, a personagem reencena a mesma situação para a câmera, respeitando seu ritmo; a equipe dirige cada ação para registrá-la da melhor maneira que lhe aprouver.

Depois de concluídas as filmagens, reúna a turma e exiba os resultados.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição do curta-metragem *Braço armado das empreiteiras*. Ernesto de Carvalho, Juliano Dornelles, Marcelo Pedroso, Pedro Severien. Brasil, 2014, 3 min e 50 seg;
- Dicas de gravação.

OFICINA 3 - EDIÇÃO E PÓS-PRODUÇÃO**OBJETIVO DA OFICINA:**

Encaminhar as fases de decupagem dos arquivos e a elaboração do roteiro técnico para edição.

ETAPA (1):

O objetivo desta etapa é apresentar um modelo de roteiro técnico para edição. A construção do roteiro facilita a busca das sequências durante a montagem.

Para os documentários realizados no contexto da Olimpíada de Língua Portuguesa, imagina-se que, em razão de a duração máxima do filme ser de 5 minutos, o material bruto não será tão extenso.

Exemplo de um roteiro técnico para edição:



Fonte: Portal *Escrevendo o Futuro* (www.escrevendoofuturo.org.br).

- A primeira coluna destina-se ao número da sequência a ser utilizada no documentário de acordo com a ordem final do filme.
- A segunda coluna contém a descrição resumida do conteúdo de cada sequência.
- A terceira coluna mostra a identificação do arquivo que contém o material bruto em que se encontra a sequência em foco.
- A quarta coluna informa o *time code* de entrada e saída, ou seja, o tempo em que começa e termina a sequência.
- Pode haver ainda uma quinta coluna, como no exemplo acima, para informar o tempo de duração de cada sequência, possibilitando ao montador conhecer o tempo total do filme.

ENCAMINHAMENTOS:

Confecção do roteiro técnico para facilitar as sequências das filmagens.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exemplo de um roteiro técnico para edição.

ETAPA (2): edição de imagens

Neta oficina, o objetivo é, com base no roteiro técnico de edição, o editor começa a montar o filme. Diz-se, frequentemente, que é só nesse momento que, de fato, se “encontra” o filme. Cabe à edição juntar o material filmado num todo coerente, o filme. Não se trata simplesmente de conectar uma imagem à outra mecanicamente, mas de sequenciá-las de forma que adquiram um significado que, isoladamente, não possuem.

Na etapa de edição, além de juntar e ordenar as sequências selecionadas para o documentário (entrevistas, cenas de ação, material de arquivo, animação gráfica etc.), os alunos deverão limpar o material bruto até chegar a uma versão de 5 minutos que corresponda à ideia inicial do projeto.

ENCAMINHAMENTOS:

Fazer *backups* das versões ainda não acabadas, o que evita o risco de perder todo o material justo na reta final.

Indicação de editores gratuitos:

- Windows Movie Maker (Iniciante – Windows). Disponível em <https://www.microsoft.com/pt-br/p/movie-maker-10-free/9mvfq4lmz6c9#activetab=pivot:overviewtab>.

- iMovie (Iniciante – Mac). Disponível em <https://www.apple.com/br/imovie>.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Indicação de programas gratuitos que auxiliam a edição de documentários.

ETAPA (3): edição de áudio

O áudio do documentário também exige edição. Além do som captado nas gravações (chamado “som direto”), na etapa da edição, podem ser acrescentados ao material filmado efeitos sonoros e trilha musical. Esses elementos transmitem maior carga de dramaticidade à obra.

Nesta etapa o caderno disponibiliza um tutorial no YouTube Studio (Beta), onde se podem encontrar todos os tipos de trilha, organizadas por compositor, estilo e até clima.

ENCAMINHAMENTOS:

Convidar os alunos para conhecerem e acessar as bibliotecas das chamadas “trilhas brancas”, que são trilhas sonoras prontas para serem inseridas em qualquer obra, sem a necessidade de pagamento de direitos autorais ou qualquer outro custo.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Indicação de acesso às bibliotecas das chamadas “trilhas brancas”, que são trilhas sonoras prontas para serem inseridas em qualquer obra, sem a necessidade de pagamento de direitos autorais ou qualquer outro custo.

ETAPA (4): narração e intertítulos

Nesta etapa, um recurso bastante usado para dar coesão às sequências de um documentário é a narração.

Narração em terceira pessoa

Muitos documentaristas contemporâneos não gostam da narração em voz over/ em terceira pessoa. Provavelmente, porque ela está associada ao caráter onisciente da narração do documentário clássico.

Mas a narração continua sendo recurso importante do documentário. Ela é muito recorrente em documentários de arquivo, históricos e biográficos.

Narração em primeira pessoa

A narração pode ser feita também em primeira pessoa, o que ajuda a criar um vínculo entre o narrador e as imagens, caso típico dos relatos de viagens, diários filmados, documentários autobiográficos e de caráter reflexivo. Nesse caso, costuma-se chamar a narração de “narração em off”. Geralmente, os filmes em primeira pessoa adotam narração informal como maneira de evidenciar a expressão pessoal do autor.

Intertítulos

Cartelas de textos e intertítulos são utilizados como recurso de síntese, bem como estratégia para substituir a narração em voz over. Além de informar, servem para titular blocos temáticos, dar ritmo ao filme e propiciar a exploração de efeitos estéticos através da formatação do texto na tela.

ENCAMINHAMENTOS:

Antes de começar a editar o filme, peça aos alunos que assistam a tudo o que está gravado e armazenado nas pastas específicas do computador ou HD. Solicite-lhes que façam anotações sobre o conteúdo das sequências, o *time code* de cada uma delas e eventuais problemas técnicos.

Instrua-os a elaborar, com base nessas anotações, o roteiro técnico do documentário. Utilize o modelo apresentado anteriormente.

Avalie se a narrativa construída a partir do roteiro técnico está de acordo com o ponto de vista do projeto inicial do documentário.

Com o roteiro técnico em mãos, oriente os alunos para que iniciem a edição do documentário.

Lembre-lhes as diferentes etapas que uma edição comporta:

- passar as cenas na ordem em que elas aparecerão no filme para um diretório de um programa de edição de vídeo;
- editar efetivamente as imagens;
- criar as animações gráficas e as transições;
- inserir os materiais sonoros (narração em voz over, efeitos, trilha);
- sincronizar imagem e som;
- mixar o áudio.

Verifique se os itens que necessitam de autorização (materiais de arquivo visuais ou sonoros, músicas existentes) foram devidamente autorizados; caso contrário, providencie as autorizações e, se necessário, excluir ou substituir algum item, revise a edição.
Finalize a edição e salve o documentário.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição do trailer *Os pioneiros* – São Paulo. Fabricio Leminski. Brasil, 2010, 1 min e 13 seg;
- Exibição do trailer *Os pioneiros* – Valadares. Fabricio Leminski. Brasil, 2010, 5 min e 45 seg;
- Exibição do trecho do filme *Elena*. Petra Costa. Brasil, 2012, 80 min;
- Exibição de trechos do curta-metragem *Nós que aqui estamos por nós esperamos* (1999), do diretor Marcelo Masagão.

OFICINA 4 - EXERCITANDO OLHAR

OBJETIVO DA OFICINA:

Exercitar o olhar para o documentário.

ETAPA (1): aprimoramento

Avalie com os alunos, em sala, a versão editada dos documentários. Se forem necessários ajustes, volte à ilha de edição com eles.

ENCAMINHAMENTOS:

Orientações para a revisão do documentário:

- O documentário fala a respeito do lugar onde você vive?
- Fica claro que o documentário retrata algo do mundo real?
- Foi feito bom uso das entrevistas? Elas esclarecem a personagem entrevistada ou o assunto abordado pela personagem?
- As personagens são tratadas com respeito?
- A locução está adequada?
- O texto da narração é claro, tem ritmo?
- A relação que você estabelece entre imagem e texto verbal é pertinente?
- Os recursos sonoros são apropriados?
- A qualidade técnica da imagem e do som está boa?
- O trabalho de edição está bem feito?
- O documentário deixa claro seu ponto de vista a respeito do tema abordado?
- A maneira como o documentário utiliza os recursos da linguagem audiovisual é inovadora?
- Você se lembrou de dar crédito a todos os participantes do trabalho e agradecer àqueles que o ajudaram?
- O título resume bem a ideia do documentário?

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

Nesta oficina, o caderno apresentou orientações para revisão do documentário.

ETAPA (2): exposição ao público

Nesta etapa, o professor pode sugerir aos alunos (as) que socializem os documentários através de outros meios. Por exemplo, ajude-os a organizar uma pequena mostra na escola, aberta ao público, com a participação daqueles que se envolveram no filme. Essa prática aproxima a escola da comunidade. E a mostra poderia incluir também um debate com os realizadores. Nesse caso, exibe-se o filme e depois um mediador conduz o debate, controlando o tempo de fala dos participantes.

Outra ação voltada para ampliação da circulação dos documentários é enviá-los para plataformas on-line de compartilhamento, como Vimeo e YouTube, ou para sites específicos de divulgação de filmes.

Não se deve esquecer dos festivais que aceitam curtas-metragens feitos por estudantes. Essa seria uma terceira forma de fazer os documentários circularem e ganharem visibilidade.

ETAPA (3): avaliação

Nesta etapa, o caderno recomenda utilizar a grade de avaliação para fazer uma auto avaliação do trabalho realizado e encaminharem, juntos, aprimoramentos possíveis, se julgarem necessário.

Documentário Proposta de descritores		
Critérios	Pontuação	Descritores
Tema "O lugar onde vivo"	1,0	O documentário retrata a realidade (conflitos, questões relevantes, acontecimentos etc.), a história, a cultura ou a vida de uma personagem do local?
Adequação ao projeto	1,0	O documentário consegue realizar, mesmo parcialmente, o que foi proposto no projeto? Ou seja, mesmo com as mudanças e adaptações diante do "risco de real", ele se aproxima do objetivo anunciado?
Adequação ao gênero	1,0	Adequação discursiva O documentário retrata algo do mundo real?
	2,0	Modos de representação Os modos de representação utilizados para abordar o real no eem o espectador no universo do filme documental? Dependendo das estratégias escolhidas, o documentário as aproveita bem? Por exemplo: • Ao utilizar entrevistas, elas: – Devem transparecer de forma satisfatória o tema e/ou a personagem? – Tratam as personagens de forma respeitosa? Evita reduções e estereótipos de classe, gênero, etnia? • Ao utilizar a narração: – Ela é adequada? Ela opera de forma eficiente ao lado das imagens, seja para explicá-las, seja para contradizê-las? • Ao utilizar material de arquivo: – Ela contribui para esclarecer e ampliar o assunto? • Ao utilizar reconhecções: – Elas se justificam? Estão adequadas? • Ao utilizar estratégias de reflexão: – Elas estão bem desenvolvidas? • Ao utilizar estratégias de performance: – O realizador deixa claro por que volta a câmera para si?
	2,0	Recursos de linguagem • Os recursos utilizados ao filmar e editar são os mais apropriados para se obter os efeitos desejados? Ou seja, o documentário faz uso adequado de gramática audiovisual ao enquadrar uma imagem, movimentar a câmera, cortar o filme? • Até que ponto os recursos escolhidos, ou a combinação entre eles, são as melhores opções para abordar o assunto (do ponto de vista da imagem, do som, da edição etc.)? • Tecnicamente, imagem e som estão bem cuidados?
Marcas de autoria	2,0	• O documentário sustenta um ponto de vista claro sobre o registro audiovisual que fez? • Ele se posiciona, toma partido diante do assunto abordado? • Ele expressa um olhar pessoal dos realizadores a respeito do assunto? • Ele é inovador no tratamento do tema? Consegue usar de maneira criativa os recursos audiovisuais escolhidos (narração, imagens de arquivo, entrevistas, efeitos sonoros etc.)?
Posicionamento ético	1,0	• O documentário é ético na maneira que filma/entrevista as pessoas? • Quais consequências ele pode trazer para a comunidade/pessoas filmadas? Positivas ou negativas?

Fonte: www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario

ENCAMINHAMENTOS:

Primeiro, assista ao curta-metragem *A garrafa e a tartaruga* e depois avalie-o com base na grade de avaliação proposta.

MATERIAIS USADOS NA OFICINA:

- Exibição do curta-metragem *A garrafa e a tartaruga*. Marcus Farah. Brasil, 2018, 7 min e 51 seg;
- Grade de avaliação do documentário;
- Grade de pontuação sugerido pela olimpíada de língua portuguesa.

Fonte: [escrevendoofuturo](http://escrevendoofuturo.org.br), 2023.

Dentro de cada bloco, após introduzir o conteúdo de trabalho com o gênero, o caderno do professor conta com outras subseções a fim de contribuir com o entendimento da temática abordada. São elas: “para saber mais”, “agora, leia uma breve descrição e análise”, “agora, leia um breve comentário sobre o filme”, “Agora, leia uma breve análise do curta-metragem”.

Na subseção “Pra saber mais”, o conteúdo vem abordando aspectos sociais como e onde surgiram os acontecimentos, da forma do gênero, são ampliações de informações que complementam o entendimento da forma e surgimento do gênero.

Figura 8: Seção para saber mais do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.



Para saber mais

As origens pedagógicas do documentário expositivo



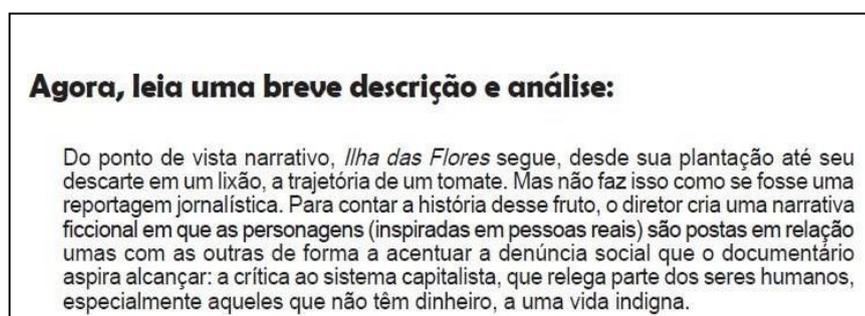
O cineasta escocês **John Grierson** (1898 – 1972) é chamado de “pai do documentário”. Isso pode causar estranhamento quando se sabe que ele dirigiu apenas um filme, *Drifters* (1928), sobre a pesca de arenque no Mar do Norte.

Fonte: [escrevendoofuturo](http://escrevendoofuturo.org.br), 2023.

Na subseção “agora, leia uma breve descrição e análise”, o objetivo é a descrição e análise da produção do documentário ou filme apresentado. Apresentam aspectos e linguagem técnica, a seção também mostra o passo a passo de como foi a forma de produção do documentário, sempre buscando situar o espaço e o tempo em que ocorreram as filmagens, duração, personagens, sons, imagens, entre outros.

Na subseção, “agora, leia uma breve descrição sobre o filme”, verificamos que ocorre a uma resenha da obra a fim de antecipar os acontecimentos para o leitor e, em algumas páginas, encontramos o convite para assistir ao filme completo.

Figura 9: Descrição e análise do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.



Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

Na subseção, “Agora, leia uma breve análise do curta-metragem”, verificamos que se trata de uma análise bem detalhada e explicativa do curta-metragem. Nessa seção, verificamos que o foco é a análise dos efeitos de sentido dos elementos centrais de produção do filme, imagens, som, personagens, cena e etc.

Figura 10: Breves comentários do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.



Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

Na seção *coletânea*, estão os links de todos os vídeos indicados no caderno dividido por bloco, os links podem ser acessados na íntegra no caderno virtual. No caderno virtual, ao clicar no link, é possível assistir e compartilhar os vídeos, mas é necessário ter acesso à internet.

Figura 11: Coletânea do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.



Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

Na seção *glossário*, estão os termos técnicos usados em todo caderno. Alguns termos estão ilustrados com fotografias, facilitando a definição de cada item.

Figura 12: Glossário do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”.



Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

3.1.1 Diagnóstico das práticas de leitura, escrita e linguístico-gramaticais, realizados no caderno do documentário

Neste diagnóstico, buscou-se identificar no caderno “*Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*”, quais as oficinas e os blocos em que havia indicação de trabalho com leitura, escrita e aspectos linguísticos-gramaticais.

Quadro 14: Aspectos de leitura, escrita e linguístico-gramaticais por oficinas no caderno

Aspectos linguístico-gramaticais	Bloco	Oficina	Etapa
1-Atividade com o gênero sinopse; apresenta a sugestão de trabalho com ortografia, pontuação, sintaxe e estilo.	03	02	02
2-Atividade com o gênero argumento; apresenta a sugestão de trabalho com ortografia, pontuação, sintaxe e estilo.	03	02	03
3-Atividade com o gênero roteiro; apresenta o trabalho a sugestão de trabalho com pontuação, ortografia, substituição e eliminação de palavras	03	02	04
práticas de escrita			
1- Orientações para a atividade: Definir inicialmente o recorte temático do documentário e o ponto de vista a partir do qual o assunto será abordado, isto é, o que será focalizado no tocante, por exemplo, aos caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil. Como esse tema e esse ponto de vista seriam trabalhados? Que imagens eles trariam e/ou produziriam com uma câmera? Qual o objetivo do documentário? Dar um título para o documentário. Escrever um texto de no máximo 30 linhas	03	02	01
2-Divida a classe em trios e peça aos alunos que escrevam a sinopse de seus documentários. Escreva na lousa ou prepare um cartaz com orientações para a escrita. Orientações para a escrita da sinopse: Deixe claro para o(a) leitor(a) o assunto do documentário e a perspectiva pelo qual o tema será abordado. Especifique quem são as personagens que dele participam. Defina onde se passa a história.	03	02	02

<p>Escreva um texto numa linguagem simples e objetiva. Não ultrapasse dez linhas. Dê um título para o documentário e escreva-o acima do texto. Revise o texto para checar ortografia, pontuação, sintaxe e estilo.</p>			
<p>3-Retomando o filme trabalhado em uma das atividades sobre sinopse, <i>Deus</i> (2017), de Vinicius Silva, proponha uma escrita coletiva do argumento, atentando-se para os nomes das personagens e os locais filmados, além de refletir com os alunos sobre a justificativa e o objetivo do curta, bem como as estratégias de abordagem utilizadas, que precisam aparecer no argumento.</p>	03	02	03
<p>4-Debata com os alunos a presença dos elementos citados acima no documentário Fotográfica, e peça que eles revejam a obra e tentem escrever o roteiro do filme como exercício.</p>	03	02	04
práticas de leitura			
<p>1-Exiba o curta-metragem Babás, de Consuelo Lins. A seguir, peça para os alunos identificarem quais das seguintes estratégias estão presentes no filme:</p> <p>Personagens: estão desempenhando ações aparentemente não solicitadas, ou seja, independentes do filme? Em situação de entrevista? Encenando para a câmera?</p> <p>Imagens: há registros de eventos autônomos, ou seja, que ocorrem independente da realização do filme? Registro de eventos integrados, ou seja, que foram produzidos por ocasião do filme? Uso de material de arquivo, como fotografias e filmes domésticos? Criadas por meio de recursos gráficos, como</p>	01	03	03

<p>animações, cartelas, legendas etc. ?</p> <p>Som: há uso de som direto? De som de arquivo? Voz over?</p> <p>Efeitos sonoros? Trilha musical?</p>			
<p>2-Assista ao curta-metragem Faces da Augusta (Brasil, 2016, 1 min), de Agencia7, produzido no contexto do Festival do Minuto. Depois assista a um trecho do filme A marca da maldade (1958), de Orson Welles.</p> <p>Agora responda às seguintes perguntas:</p> <p>Quantos planos compõem o curta-metragem?</p> <p>Quantos planos compõem a sequência do filme?</p> <p>Qual tipo de filmagem você está mais acostumado a assistir?</p> <p>Levando em consideração especialmente a quantidade de planos, qual a sensação que o curta-metragem e o trecho do filme lhe provocaram? É a mesma sensação? Em qual dos vídeos seu olhar parece se confundir com o da câmera?</p> <p>Você se sente mais “dentro” da cena em qual dos dois tipos de filmagem?</p>	02	01	01
<p>3-Para fixar as diferenças de enquadramento, atente para a seguinte imagem, extraída da série documental Wormwood de Errol Morris.</p> <p>Na série, o cineasta registra situações de entrevista utilizando múltiplas câmeras. Por vezes, como no exemplo acima, ele apresenta os vários pontos-de-vista simultaneamente filmados numa única composição.</p> <p>Utilizando a classificação de planos, enquadramentos e ângulos proposta, como você classificaria cada uma das 6 imagens?</p>	02	02	01

<p>4-Assista à cena de abertura do musical La La Land: cantando estações (2016), de Damien Chazelle.</p> <p>Peça aos alunos que discutam entre si as seguintes questões: De que forma o movimento da câmera contrasta com o cenário do congestionamento de carros? Quais sensações o uso do travelling provoca?</p>	02	03	01
<p>5-Assista com seus alunos(as) ao trailer do documentário Nós que aqui estamos, por nós esperamos: Depois, discuta com os alunos(as) que tipo de corte e quais transições estão presentes no trailer. Observe as relações de continuidade estabelecidas entre as cenas de Fred Astaire e as de Garrincha. A forma como uma cena se conecta à outra é característica de que tipo de corte cinematográfico? Que efeitos as fusões e sobreposições de imagens adquirem nas cenas do alfaiate? E as fusões entre as cenas da cidade e as de fábrica quais sentidos provocam?</p>	02	04	01
<p>6-Na aula seguinte, peça para que cada grupo leia em voz alta a proposta elaborada e proponha uma reflexão para a sala de aula sobre a diferença entre escrever um artigo de opinião e propor um documentário sobre os temas trazidos.</p> <p>Algumas perguntas que podem nortear a reflexão:</p> <p>Há diferença na elaboração/concepção do ponto de vista sobre o tema, embora em ambos os casos seja utilizada a escrita? Qual é a função/força das imagens para apresentar um tema e expressar determinado ponto de vista? Escrever ajudou a pensar sobre o documentário? Como? Qual é a importância da escrita para a concepção de um projeto de documentário?</p>	03	02	01

<p>7-Na aula seguinte, distribua as sinopses produzidas entre os alunos, de maneira que cada um fique responsável por ler e avaliar a sinopse feita pelo colega, tendo os seguintes critérios em mente:</p> <p>Estão claros o tema e o ponto de vista do documentário? Os personagens estão especificados? O lugar e o período estão bem delimitados? A linguagem é objetiva e, ao mesmo tempo, desperta a curiosidade? A sinopse é coerente com o documentário que assistiram? Há alguma distorção?</p>	03	02	02
<p>8-Orientações para a revisão da sinopse:</p> <p>Você deixou claro para o(a) leitor(a) o assunto e o ponto de vista pelo qual ele é abordado? Especificou quem são as personagens da história? Definiu onde se passa a história? Escreveu um texto com uma linguagem simples, objetiva? Ficou no limite das dez linhas? Deu um bom título para o documentário e o escreveu acima do texto? Checou a pontuação? Corrigiu os erros de ortografia? Substituiu palavras repetidas e eliminou as desnecessárias?</p>	03	02	02
<p>9-Orientações para a revisão do argumento</p> <p>Você deixou claro para o leitor o assunto do documentário? Especificou quem são as personagens da história? Justificou por que essa história é importante? No caso de uso de entrevistas, assinalou se elas serão individuais e/ou coletivas? Sugeriu em quais locais serão feitas as filmagens? Indicou se os acontecimentos do mundo real serão filmados no</p>	03	02	03

<p>momento em que ocorrem ou se as personagens encenarão para a câmara suas ações cotidianas? Mencionou o uso de material de arquivo, se ele for uma opção de filmagem? Verificou se os materiais de arquivo pretendidos precisam de autorização para serem usados, e qual a dificuldade para a obtenção da(s) autorização(ões)? Escreveu um texto com uma linguagem simples e objetiva? O argumento tem cerca de uma página? Deu um bom título para o documentário e dispôs-o acima do texto? Checou se a pontuação está correta? Corrigiu os erros de ortografia? Substituiu palavras repetidas e eliminou as desnecessárias?</p>			
<p style="text-align: center;">Roteiro</p> <p>10-Algumas perguntas podem ajudar nessa reflexão e escolhas, como por exemplo:</p> <p>Qual será a primeira imagem e som do filme e por quê? Quais sensações, ideias e emoções essa imagem e som podem provocar no espectador? Qual será a segunda imagem do filme? E o segundo som? E como essa imagem e esse som se conectam com a imagem e som anteriores? E com os seguintes? Que sentido constroem juntos? Haverá entrevistas? Qual será o/a primeiro(a) entrevistado(a) e por que essa pessoa e não outra? Quais perguntas serão feitas e o que queremos saber com essas perguntas? Serão utilizados materiais de arquivo, como fotografias, documentos e vídeos caseiros? Com qual propósito e em quais momentos? Haverá música? Qual? Quais sensações essa música pode gerar? Ela traz outra camada de informação/sentido ao que está</p>	03	02	04

<p>sendo visto? Reforça ou se contrapõe à imagem? Como o filme termina? A imagem escolhida para fechar o filme deixa qual impressão no espectador? Ela colabora para o ponto de vista que o filme pretende apresentar?</p>			
<p>11-Na aula seguinte, distribua aos alunos os roteiros para que eles revisem e aprimorem o texto. Novamente, escreva na lousa ou prepare um cartaz com orientações para direcionar o trabalho de autoavaliação.</p> <p>Orientações para a revisão do roteiro:</p> <p>Descreveu o conteúdo de cada cena? Definiu em quais locais serão feitas as filmagens? No caso de uso de entrevistas, indicou o nome do entrevistado e disponibilizou o roteiro da entrevista? Redigiu o texto da narração e/ou cartelas? Escreveu um texto com uma linguagem simples e objetiva? O roteiro tem cerca de uma página? Você deu um bom título para o documentário e colocou-o acima do roteiro? Checou se a pontuação está correta? Corrigiu os erros de ortografia? Substituiu palavras repetidas e eliminou as desnecessárias?</p>	03	02	04

Fonte: a autora, 2023.

Ao analisar o caderno do gênero documentário, percebemos que as oficinas de trabalho com os aspectos linguístico-gramaticais estão contempladas somente no bloco (3), nos gêneros sinopse, argumento e roteiro, conforme indicado no quadro. O caderno sinaliza o trabalho com aspectos linguístico-gramaticais, porém, não mostra como fazer esse trabalho de maneira reflexiva.

Ao indicar o trabalho com aspectos linguístico-gramaticais no bloco 3, o aluno é orientado da seguinte maneira: “*revise o texto para checar ortografia, pontuação, sintaxe e*

estilo” (https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-2-argumento/).

Assim, não encontramos uma reflexão sobre os aspectos ortográficos, pontuação, sintaxe e estilo. Não houve uma orientação ao aluno que propiciasse comparar as expressões, experimentar modos de construção do discurso e que empregasse as formas linguísticas com novas significações, em razão da prática circunstanciada de linguagem.

O ensino de língua deve ser direcionado de uma forma que o aluno possa refletir sobre a língua e compreender os textos produzidos nas diversas situações interacionais, fazendo a relação dos conceitos gramaticais com as práticas de leitura e escrita, resultando, assim, em um aluno que utiliza e reflete bem acerca de sua língua na realidade concreta.

A prática da escrita, diagnosticada no caderno no bloco 03, foi trabalhada de maneira diversificada. Houve indicações de trabalho com a escrita das seguintes maneiras: escrita com criação coletiva, planejamento, revisão e reescrita. Exemplo:

*“Escreva na lousa ou prepare um cartaz com **orientações** para a escrita.*

***Orientações** para a escrita da sinopse:*

Deixe claro para o(a) leitor(a) o assunto do documentário e a perspectiva pelo qual o tema será abordado.

Especifique quem são as personagens que dele participam.

Defina onde se passa a história.

Escreva um texto numa linguagem simples e objetiva.

Não ultrapasse dez linhas.

Dê um título para o documentário e escreva-o acima do texto.

***Revise** o texto para checar ortografia, pontuação, sintaxe e estilo”.*

Fonte:

https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-2-argumento/.

A prática de leitura foi encontrada nos blocos 01, 02 e 03, trabalhadas de maneiras distintas. No bloco 01 e 02, a análise é direcionada por questões que levam o aluno a perceber aspectos voltados para a linguagem audiovisual. O foco é conhecer e sistematizar as características da gramática audiovisual fortemente explorada nos blocos. Por exemplo:

“De que forma o movimento da câmera contrasta com o cenário do congestionamento de carros?”

*“Quais sensações o uso do **travelling** provoca?”.*

Quantos planos compõem o curta-metragem?

Quantos planos compõem a sequência do filme?

Fonte:

https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-1-camera-fixa-camera-em-movimento-movimento-da-lente/.

As perguntas levam o aluno a perceber os efeitos de sentidos acionados na gramática audiovisual.

No bloco 03, as perguntas de leitura são utilizadas para avaliação (critérios de correção) do texto dos colegas, revisão, escrita e reescrita dos textos sinopse, argumento e roteiro.

Exemplo 1:

*“Na aula seguinte, distribua as sinopses produzidas entre os alunos, de maneira que cada um fique responsável por **ler e avaliar a sinopse feita pelo colega**, tendo os seguintes critérios em mente:*

Estão claros o tema e o ponto de vista do documentário?

Os personagens estão especificados?

O lugar e o período estão bem delimitados?

A linguagem é objetiva e, ao mesmo tempo, desperta a curiosidade?

A sinopse é coerente com o documentário que assistiram? Há alguma distorção?”.

Fonte: (https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etap_a-2-argumento/).

Exemplo 2:

“Orientações para a revisão do roteiro:

Descreveu o conteúdo de cada cena?

Definiu em quais locais serão feitas as filmagens?

No caso de uso de entrevistas, indicou o nome do entrevistado e disponibilizou o roteiro da entrevista?

Redigiu o texto da narração e/ou cartelas?

Escreveu um texto com uma linguagem simples e objetiva?

O roteiro tem cerca de uma página?

Você deu um bom título para o documentário e colocou-o acima do roteiro?

Checou se a pontuação está correta?

Corrigiu os erros de ortografia?

Substituiu palavras repetidas e eliminou as desnecessárias?”.

(https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-4-projeto/)

Durante as análises, não encontramos atividades de leitura que possibilitasse ao aluno uma compreensão sobre o discurso vivo, produzido em função dos contextos socio-histórico-ideológico, que contribuísse com a ampliação da consciência sócio-ideológica do aluno. O bloco1 é teórico-conceitual sobre os vários modos de existência do documentário e suas estratégias para abordar o real. Os demais blocos (2, 3, 4) são de caráter prático onde trabalham planejamento da construção do documentário, abordando a linguagem utilizada no documentário, o processo de escrita e edição do arquivo.

O caderno deixa claro que não segue a ordem de sequência didática, que tem como foco a produção de um texto escrito. O objetivo é a produção de um documentário, gênero discursivo constituído pela linguagem audiovisual e que a escrita atua ativamente na concepção e organização de ideias, valores e perspectivas sobre um aspecto do real que se deseja concretizar por meio de imagens, sons, movimento e palavras.

Nesta pesquisa, optamos por contribuir com propostas de atividades de leitura no decorrer do caderno, tendo em vista que escolhemos o bloco 3, pois foi o que mais sinalizou o

trabalho com as práticas de leitura, escrita e aspectos linguístico-gramaticais. Cada atividade sugestiva da proposta pode ser adaptada à realidade da turma de acordo com as necessidades e dificuldades. Caberá ao docente fazer as devidas adaptações, conforme os conhecimentos prévios detectados.

Na seção 5, apresentaremos uma proposta de trabalho com leitura no Caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”, na perspectiva dialógica de linguagem. Nosso objetivo é propor atividades de leitura em perspectiva dialógica, a fim de contribuir com a ampliação da consciência sócio-ideológica dos alunos, tendo em vista que a olimpíada se tornou política pública e o concurso é voltado para a formação dos professores e também para melhoria da leitura e da escrita dos alunos das escolas públicas do país.

Nas seções anteriores, buscamos discutir sobre a natureza dialógica da linguagem, argumentando sobre as concepções de linguagem ancoradas as de leitura, os gêneros do discurso na perspectiva dos estudos de Bakhtin e o Círculo; elucidamos sobre os multiletramentos e, especificamente, sobre o gênero documentário. Apresentamos considerações importantes sobre o documentário no contexto da OLP, apresentando sua dimensão social e verbo-visual do documentário. Apresentamos os resultados do diagnóstico feito no caderno com as práticas de leitura, escrita e aspectos linguístico-gramaticais.

Na seção seguinte, apresenta-se a Metodologia, de modo a detalhar os encaminhamentos da pesquisa.

4 METODOLOGIA

Nesta seção metodológica, constam os métodos e os procedimentos que direcionaram esta pesquisa. Ela está dividida em duas subseções, sendo que, na primeira, temos a apresentação do tipo de pesquisa e, na segunda, a proposta teórico-metodológica. Ressaltamos que a pesquisa não implementada em sala de aula, visto que teve início em setembro de 2020, durante a Pandemia da Covid-19. No período de isolamento social, as escolas fecharam e as aulas aconteceram remotamente. Nesse sentido, destacamos que esta pesquisa foi pensada para o trabalho com o gênero documentário após a pandemia e retorno das aulas presenciais.

4.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como documental, de abordagem qualitativa, segundo Ander-Egg apud MARCONI; LAKATOS, 2003), Rúdio (1999), Deslandes, Gomes e Minayo (2009), Paiva, Oliveira e Hillesheim (2021), Sousa e Santos (2020), Gil (2002), (PHILIPS, 1974), Cellard (2008), Suassuna (2008), Ludke e André (1986), Minayo (1994, 2000), Cavalcanti e Moita Lopes (1991).

Pesquisa é um processo de investigação que se interessa em descobrir as relações existentes entre os aspectos que envolvem os fatos, fenômenos, situações ou coisas. Para Ander-Egg (apud MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 155), é um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Para Rúdio (1999, p. 9), “é um conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento”. Para Deslandes, Gomes e Minayo (2009, p. 16), pesquisa é atividade da ciência em que se busca a indagação e construção da realidade.

A pesquisa tem um papel fundamental na atualização e nas descobertas das informações sobre um determinado assunto. Para Paiva, Oliveira e Hillesheim (2021, p. 17), “pesquisar é investigar, é a possibilidade de descobrir novos caminhos a partir dos desdobramentos dos estudos realizados sobre determinada temática”. Independentemente do tipo de pesquisa a ser desenvolvida, para que se alcance o objetivo e sucesso de uma determinada pesquisa, é preciso que o pesquisador explore todas as fontes e opções de informações disponíveis.

De acordo com Sousa e Santos (2020, p. 1397), “a pesquisa qualitativa centraliza-se na linguagem e, por assim dizer, tudo que é dito, é dito para alguém em algum lugar, de algum

lugar ou para algum lugar”. Dessa forma, percebemos que as respostas para esse tipo de pesquisa devem ser claras e concretas e o foco é o discurso, são “capazes de lançar luz sobre questões reais”.

Gil (2002, p. 46) aponta as seguintes vantagens da pesquisa documental: a) os documentos consistem em fonte rica e estável de dados; b) baixo custo; e c) não exige contato com os sujeitos da pesquisa. Esta última vantagem justifica o motivo pelo qual escolhemos a pesquisa documental, pois, no momento em que a iniciamos, em 2020, o mundo estava vivendo a pandemia da Covid-19, sendo necessário o isolamento social. As escolas estavam de quarentena e não era possível aplicar as atividades propostas em sala de aula. Sendo assim, optamos por propor atividades de leitura em perspectiva dialógica, a fim de contribuir com o caderno da OLP e, futuramente, aplicá-las.

Nesta pesquisa, caracterizada como documental, qualitativa, o *corpus* de análise é o caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”, da OLP do programa Escrevendo o Futuro. O caderno é um documento público e de fácil acesso, fonte inesgotável de dados, disponível em formato digital e em PDF. São considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILIPS, 1974, p. 187). Os documentos se constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações ou declarações do pesquisador.

De acordo com Ludke e André (1986), é preciso valorizar o estudo dos documentos em pesquisa, pois, a pesquisa documental se constitui numa valiosa ferramenta de abordagem qualitativa, por complementar informações obtidas por outras técnicas, desvelando aspectos novos de um problema ou tema. Por isso, optamos em desenvolver esta pesquisa com essa metodologia, bem como por considerar o caderno da Olimpíada um documento público e de fácil acesso.

Segundo Cellard (2008, p. 296), definir a questão do documento é considerado um desafio pelo fato de o “documento constituir uma de suas principais ferramentas, a história, de todas as ciências sociais”. Ainda de acordo com o autor, “tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou fonte”.

Segundo Suassuna (2008), a pesquisa qualitativa em educação não se preocupa em quantificar fatos e fenômenos, mas explicar as relações sociais, considerando que as ações humanas dependem dos significados que lhes são atribuídos pelos atores sociais. Para a autora, o potencial da pesquisa qualitativa reside na possibilidade de formular e reformular teorias e conhecimentos. Ressalta, também, que a pesquisa qualitativa demanda do pesquisador abertura e flexibilidade para novas formulações, bem como a mobilização de conhecimentos integrados.

Para Suassuna (2008, p. 349), a diversidade de pontos de vista, na pesquisa qualitativa, não é vista como limitação. Uma possível categorização não esgota a análise, é preciso, depois dela, fazer um esforço, ultrapassar os dados em si mesmo, tentar estabelecer conexões e relações que tornem possível a proposição de novas explicações e interpretações do fato estudado. Nas palavras da autora, mesmo após a análise dos dados qualitativos, a pesquisa qualitativa não se esgota, é passível de novas interpretações, conexões e relações do resultado encontrado, ou seja, a pesquisa qualitativa abre possibilidades de ampliação do conhecimento sobre o assunto pesquisado, articula-se com outras pesquisas e também ao contexto cultural do qual faz parte.

Ludke e André (1986), em parceria, também escreveram sobre a pesquisa qualitativa. As autoras esclarecem que, na pesquisa qualitativa, o pesquisador atento à multiplicidade de dimensões de uma determinada situação problema e, após análise de dados, lança possibilidades de explicações sobre a realidade. Para elas, o pesquisador tenta situar suas descobertas num contexto mais amplo para que o fenômeno possa ser interpretado e compreendido.

Minayo (1994, 2000) salienta que pesquisa qualitativa responde à questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A autora defende que qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto, que é o aspecto qualitativo.

Cavalcanti e Moita Lopes (1991) caracterizam a pesquisa qualitativa como exploratória, não exigindo categorias rígidas da análise, permite ao pesquisador tomar decisões ao longo do estudo, preocupa-se com o particular e possibilita uma teorização calcada nos dados.

A escolha do documento a ser analisado deu-se por conta da iniciação científica, durante a graduação no curso de Letras na UFT, em que analisamos outro material da OLP, a revista Na Ponta do Lápis. O contato com os materiais didáticos do programa Escrevendo o Futuro fez surgir a ideia da pesquisa e a escolha do *corpus* de análise.

O trabalho com as leituras do caderno do professor foi bastante positivo, pois percebemos que poderíamos potencializar as atividades de leitura em perspectiva dialógica. Verificamos a necessidade de haver um trabalho mais reflexivo acerca da leitura do gênero documentário no caderno do professor, o que corrobora com a proposta geral desta pesquisa: leitura em perspectiva dialógica de linguagem, ancorada nos pressupostos de Bakhtin e o Círculo.

Logo depois da escolha do *corpus*, o caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”, começamos a pesquisar em várias bases de dados, verificando, atentamente, os trabalhos com o gênero documentário no contexto da OLP. Os resultados foram poucos,

conforme descrito na seção 2. Foi, então, que tivemos a certeza de que estávamos no caminho certo e passamos para o próximo passo da pesquisa.

A formulação das análises deu-se da leitura minuciosa do caderno da OLP, da qual evidenciamos lacunas nas atividades voltadas para a análise linguística. Durante a pesquisa, foram feitas muitas leituras e releituras do caderno para que pudéssemos observar em quais momentos as atividades de leitura, em perspectiva dialógica, poderiam ser sugeridas. Buscamos analisar como o caderno estava organizado, especificamente, sua estrutura interna, como ele organizava cada bloco e cada seção, bem como compreender como cada oficina estava organizada, quais as etapas e os encaminhamentos para o trabalho com o gênero documentário.

Sugerimos e ampliamos as propostas de atividades de leitura sob o viés da teoria de Bakhtin e o Círculo para se trabalhar com o gênero documentário, a fim de ampliar as discussões sobre a temática e contribuir com o ensino de língua portuguesa. Com essa proposta, esperamos que os professores da educação básica possam ampliar o trabalho com os gêneros discursivos multissemióticos na escola. Entendemos que é possível despertar o interesse do aluno pela pesquisa por meio do olhar reflexivo sobre os acontecimentos da vida real, além de perceber o potencial do documentário como um instrumento de transformação social, capaz de inventar novos sujeitos e novas cenas políticas. Ao filmar o lugar onde vive, o aluno tem uma nova possibilidade de mostrar onde vive, novos pontos de vista sobre a comunidade a qual pertence, deslocando o olhar para algo transformado pelas câmeras.

5 PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE ATIVIDADES DE LEITURA

Nesta subseção, apresentamos as atividades que compõem a proposta em perspectiva dialógica para o gênero documentário da OLP. As atividades propostas para o caderno “*Olhar em movimento: cenas de tantos lugares*” seguem os encaminhamentos dos autores Menegassi, Fuza e Angelo (2022) e Rojo (2004). Segundo os autores, uma proposta em perspectiva dialógica contempla 1) Exploração do Contexto de Produção; 2) Leitura Silenciosa, Oral e Entonacional; 3) Recuperação do contexto sócio-histórico do enunciado: relações intertextuais e interdiscursivas; 4 e 5) Compreensão e relações dialógicas; 6 e 7) Reconhecimento das apreciações valorativas; 8) Avaliação responsiva, as quais serão detalhadas a seguir.

Foram desenvolvidas duas propostas, sendo a primeira voltada ao documentário: “Flores do meu bairro”; a segunda ao documentário “Veja bem”.

5.1 Documentário “*Flores do meu bairro*”

Os encaminhamentos dialogam com os modos de produção de sentidos e suas relações com a temática “O lugar onde vivo” da OLP. Em complemento ao Bloco 3 - Pré-produção de documentário, selecionamos o documentário “Flores do meu bairro”, que está localizado na oficina 01 e na etapa 01 do caderno do professor “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”. No caderno, o documentário “Flores do meu bairro” vem como inspiração para que os alunos percebam e entendam a temática o lugar onde vivo.

A justificativa para a escolha do documentário “*Flores do meu Bairro*” ocorre, primeiramente, pelo motivo de que ele foi um dos vencedores da Olimpíada em 2019, na categoria do gênero documentário, primeiro ano em que o gênero foi adotado pelo programa. Outro motivo está relacionado ao fato de os documentários finalistas em 2019 terem duração de 5 minutos, o que pode facilitar o trabalho do professor em sala de aula.

Percebemos que as atividades de leitura do caderno da OLP não contemplam questões valorativas em relação ao tema, à composição e ao estilo. Não identificamos o trabalho com a reflexão sobre as relações sociais, históricas e ideológicas, as quais podem contribuir para a compreensão dos efeitos de sentido e de valor do texto.

Face ao exposto e em complemento ao Bloco 3, pré-produção, acreditamos ser o momento de aguçar a curiosidade dos alunos sobre o gênero documentário e a temática “O lugar onde vivo”, por meio da proposta de leitura em perspectiva dialógica. Acreditamos que, após o trabalho de leitura na perspectiva dialógica com o gênero documentário, o aluno pode

desenvolver competências e habilidades suficientes para a produção de outros documentários para além da sala de aula, para além da OLP.

5.1.2 Exploração do contexto de produção do documentário

Nesta fase, propomos a análise da capa do documentário, o portador textual social e seu meio de circulação; Reflexão sobre aspectos verbais e visuais da capa: nome do autor, título da obra, ilustração apresentada, cores; Percepção das relações entre os elementos visuais e verbais; Leitura e compreensão da biografia do autor; Percepção da intenção do autor e sua intenção discursiva na capa e na biografia.

No momento de exploração dos aspectos da composição, sugerimos o trabalho com alguns aspectos visuais, a saber: imagens, layout de página (dimensionalidade - plano de frente e plano de fundo; as cores; tipografias grandes e pequenas, caixa alta e baixa, distribuição, fonte e tamanho das letras no espaço, alinhamento das palavras no texto), legendas, sons, links, gramática audiovisual e formatos de tela.

Análise da capa do documentário

Conforme Menegassi, Fuza e Angelo (2022), a leitura das informações materializadas na capa permite a ampliação sócio-ideológica do repertório intertextual e interdiscursivo do leitor. Assim, é possível elaborar enunciados individuais e singulares, carregados de sentidos, a manifestar compreensão responsiva do gênero trabalhado, a designar características certas da leitura dialógica. Diante disso, sugerimos alguns encaminhamentos para a leitura do gênero, ou seja, será exibido para a turma o documentário com o título “Flores do meu bairro”, que está disponível na coletânea do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares” e, também, na plataforma online YouTube, dos autores Iana Marinho, João Vitor, Kauany Vitória.

Iniciamos com a leitura da capa do documentário a fim de conhecermos como o gênero manifestará seus efeitos de sentido no leitor. Nesta etapa, é necessário que o professor pause o vídeo com a imagem da capa.

Quadro 15: Cenas do documentário “Flores do meu bairro” da OLP.

<i>Cena 1 (00:01)</i>



Flores do meu bairro

Assistir m... Compartilh...

FLORES DO MEU BAIRRO

MAIS VÍDEOS

0:01 / 5:20

Cena 2 (0:04)



Flores do meu bairro

Assistir m... Compartilh...

FLORES DO MEU BAIRRO

MAIS VÍDEOS

0:04 / 5:20

Cena 3 (00: 04)



Flores do meu bairro

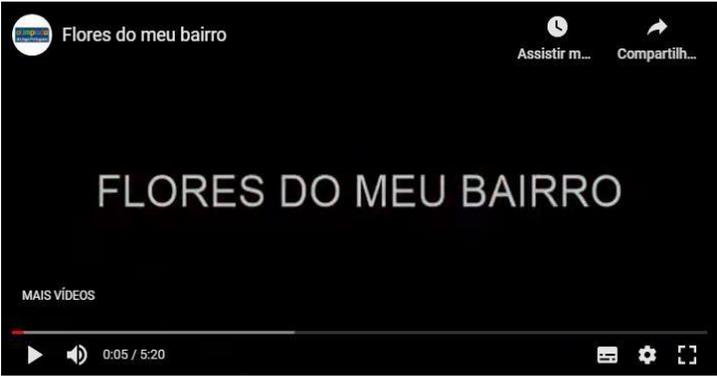
Assistir m... Compartilh...

FLORES DO MEU BAIRRO

MAIS VÍDEOS

0:04 / 5:20

Cena 4 (00: 05)



Flores do meu bairro

Assistir m... Compartilh...

FLORES DO MEU BAIRRO

MAIS VÍDEOS

0:05 / 5:20

Fonte: flores do meu bairro, 2019.

Para a capa do documentário, apresentamos os seguintes questionamentos

- 1. Por que o nome “Flores do meu bairro” está em destaque no centro do vídeo?*
- 2. Quais as cores predominam na capa, da cena 1 à cena 4?*
- 3. Por que o título está grafado com letras maiúsculas e na cor branca, com fundo vermelho e, depois, preto?*
- 4. Na cena 4, no título, há fundo preto com título na cor branca, isso representa alguma pista sobre o documentário? Qual?*
- 5. Qual cor chama mais a atenção do leitor?*
- 6. Qual a imagem de destaque na capa do documentário?*
- 7. Durante a apresentação do documentário (cenas 1 a 4), a imagem da rosa aparece estática ou em movimento?*
- 8. Qual é o significado da rosa vermelha na literatura?*
- 9. Quais valorações os autores usam para falar do lugar onde vivem?*
- 10. Quais valores você leitor atribui às rosas vermelhas?*
- 11. Como funcionam os dois links que aparecem na capa do lado direito da tela?*

Essas intersecções caracterizam a capa como um texto multissemiótico, composto por um conjunto de signos e linguagens (ROJO, 2012), a serem explorados na **construção dos sentidos valorativos**. Sendo assim, a capa do documentário possui múltiplas linguagens que podem ser exploradas pelos alunos com o objetivo de ampliar o seu repertório intertextual. O aluno vai atribuir sentidos linguísticos/sonoros e visuais, sendo capaz de fazer inferências ao texto e de entender o significado do letramento digital, além de manifestar sua compressão responsiva sobre o tema da obra.

Dados dos autores

Neste momento, vamos conhecer um pouco mais sobre os autores do documentário vencedor da Olimpíada de língua portuguesa 2019, “Flores do meu bairro”. O trabalho com a biografia tem como objetivo ampliar as condições sócio-ideológica do leitor/espectador sobre o documentário.

Figura 13: Autores do documentário vencedor em 2019 "Flores do meu bairro".



Fonte: escrevendoofuturo, 2023.

O documentário “Flores do meu bairro” foi produzido pelos participantes da Olimpíada de língua português em 2019, a saber, Iana Daise Alves da Silva Marinho, João Vitor de Moura Vasconcelos e Kauany Vitória Batista da Silva – da Escola Estadual Joaquina Lira, situada em Aliança -PE, sob a orientação da professora Itânia Flávia da Silva. O gênero documentário no âmbito da OLP é produzido por alunos das 1ª e 2ª séries do Ensino Médio.

“Flores do meu bairro” conta a história da Rua do Rosário, ou Rua da Palha, uma comunidade pobre de Aliança (PE), que sofre com o preconceito de outros moradores do município. O documentário é um dos vencedores da categoria, que estreou na Olimpíada de Língua Portuguesa na edição 2019 e, por esse motivo, nós escolhemos esse documentário para a proposta de atividade.

Fonte: disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/videos/a-olimpiada/artigo/2783/documentario-discute-preconceito-contra-bairro-de-alianca-pe>

1. Qual o nome dos autores do Documentário? Qual o papel social deles?
2. Qual o nome da professora que supervisionou a produção dos alunos?
3. Por que os autores resolveram falar do lugar onde vivem?
4. Qual a intenção dos autores ao intitular documentário em “Flores do meu” bairro?

As questões sobre os dados dos autores auxiliam o aluno na compreensão do documentário, tendo em vista que os acontecimentos sociais da vida dos autores e da própria realidade, no caso o lugar onde vivem, influenciam na escolha temática a ser explorada. Neste caso, os autores foram participantes da OLP, em 2019, com a temática “O lugar onde vivo”. Dessa forma, o gênero selecionado Documentário revelará algo do local onde vivem os autores. Possibilitará o contato com uma nova realidade do lugar onde vivem, transmitindo ideias

importantes, construindo e desconstruindo olhares a quem sabe pouco sobre o lugar onde vivem.

5.1.3 Leitura silenciosa, oral e entonacional do documentário

De acordo com os autores Menegassi, Fuza e Angelo (2022), de início, é sugerida uma leitura silenciosa do gênero, ressaltando que a leitura silenciosa inicial é um momento em que o leitor/espectador constrói sentidos individuais para a leitura. Logo mais, os autores sugerem duas possibilidades de leitura, a leitura oral pelos alunos e a leitura entonacional pelo professor, depois, uma leitura coletiva com os alunos.

Ainda de acordo com Menegassi, Fuza e Angelo (2022), a leitura entonacional valorativa pelo professor é um primeiro exemplo de como o valor da leitura em voz alta se apresenta ao texto. Os autores ressaltam que:

não é apenas a transposição do escrito para o oral, é a manifestação de valores entonacionais a partir dessa oralização. Nessa fase, demonstra-se a entonação valorativa (VOLÓCHINOV, 2019[1926]) pertinente, a dar ênfase aos traços descritos da personagem, seus modos de agir e pensar (MENEGASSI, FUZA, ANGELO, 2022, p. 392).

Conforme os autores, na fase da leitura entonacional em voz alta pelo professor, vários aspectos podem ser acionados, como a descrição dos personagens, o modo como as personagens agem e o que pensam. No caso do gênero documentário, podem ser acionados também aspectos como: dá ênfase a gramática audiovisual, as imagens, aos personagens, as cenas, as expressões faciais, a voz das personagens, a música, o modo de agir e de pensar do narrador, e valorar o olhar do outro no documentário etc.

O professor pode também assumir o papel de eu lírico na posição de narrador, lendo o texto em voz alta e apontando para os alunos as possibilidades distintas de entonações valorativas:

Voz tranquila, pausada com sorriso no rosto, expressão fácil de felicidade;

Voz grave como a de alguém nervosa e inconformada com o preconceito e a discriminação com as pessoas que moram na Rua da Palha, com a expressão fácil de raiva;

Voz dengosa carinhosa como a de alguém que está feliz por morar no Bairro, lendo de forma pausada a sinopse, em posição corporal ereto, lendo as cenas como se estivesse a olhar para uma possível pessoa na Rua do Rosário.

Tais aspectos somente poderão ser contemplados com a leitura entonacional em voz alta pelo professor, pois ele é quem conduz o aluno à construção de variadas possibilidades de leitura e compreensão. Despertar no aluno a ampliação da consciência discursiva, dando autonomia que ele mesmo construa suas próprias impressões e sentidos.

Concordamos com o autor Menegassi quando ele diz que “ao abordar a leitura em situação de ensino, é fundamental considerar que diferentes gêneros discursivos acionam distintas atividades de compreensão textual, até mesmo de interpretação”, (MENEGASSI, 2010). Nas palavras do autor, cada texto é diferente, não se lê um texto literário da mesma forma que uma notícia. Por isso, ao indicar a leitura do gênero documentário, sugerimos, primeiramente, a leitura silenciosa, depois a oral pelos alunos, leitura entonacional em voz alta pelo professor e, depois, exibição do documentário.

Neste trabalho com o gênero documentário, sugerimos, inicialmente, a leitura individual silenciosa da sinopse do documentário, com objetivo de que os alunos passem construir suas primeiras impressões e sentidos sobre a obra. Após a leitura oral pelos alunos, e depois a leitura entonacional em voz alta pelo professor.

Leitura silenciosa

a) Neste momento, o professor pode entregar cópia da sinopse, do documentário para toda turma, e logo após iniciar a leitura silenciosa.

Após a leitura silenciosa, é o momento de iniciar uma leitura oral pelos alunos. Professor, caso queira poderá intercalar os parágrafos, cada aluno fará a leitura de um parágrafo, ou, peça aos alguns alunos que que se manifestem para leitura.

b) Após a leitura oral, é o momento da leitura entonacional valorativa pelo professor. A cada leitura realizada pelo professor, você deve dizer qual o sentido ficou mais expresso, por exemplo, tom romântico, nervoso, calmo, etc. Para essa atividade, deve-se atentar para a voz, os gestos, as expressões faciais, as pausas, a postura corporal da professora. A leitura entonacional pelo professor possibilitará um novo olhar para texto

c) Após a leitura entonacional do professor é o momento da exibição da obra por completo.

Exibição da obra

Neste momento, o professor fará a exibição do documentário com pausa das cenas para efetuar algumas perguntas e conectar os elementos que constituem o gênero documentário, reafirmando que o documentário é composto por início, meio e fim. É importante frisar a

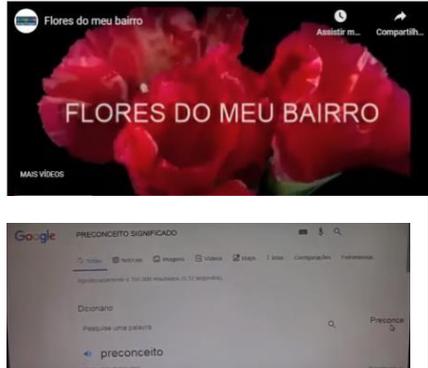
composição do gênero documentário e ilustrar por meio das imagens como cada elemento é importante para construção do discurso. A leitura das imagens implica na compreensão, entendimento e significado do discurso.

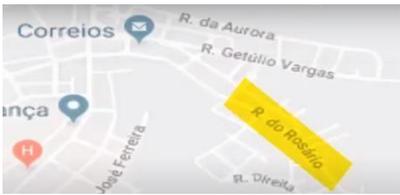
Caro professor, ao exibir o documentário para a turma, chame a atenção dos alunos para as imagens, fotografias e personagens. Instigue sobre as legendas, o texto escrito pode ajudar na compreensão da história e dos personagens. Chame a atenção dos alunos para a gramática audiovisual, como usá-la no discurso para construir sentido. O audiovisual possui uma gramática própria, fruto não apenas do desenvolvimento tecnológico dos equipamentos de captação e edição de imagens, mas do uso que se faz dos recursos existentes. Para que o trabalho com o audiovisual ofereça resultados satisfatórios, em todos os níveis, é muito importante que professor e aluno sejam capazes de realizar a leitura de imagens de forma crítica e aprofundada, levando em consideração além dos aspectos estilísticos relativos à imagem, aspectos socioculturais e históricos. Uma outra possibilidade de exibição é disponibilizar o link com o endereço do documentário para que os alunos acompanhem pelo próprio celular.

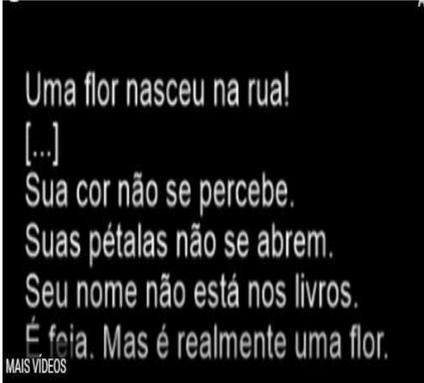
Diante do exposto, segue encaminhamento para o trabalho com gênero documentário.

Ao abordar a temática “O lugar onde vivo”, o objetivo do quadro abaixo é colaborar com a interpretação e compressão do documentário em sala de aula. Esse olhar para a composição dos elementos que constituem o gênero fará com que os alunos reconheçam um texto multimodal e multissemiótico. Sugerimos o trabalho, primeiramente, com o tema, reconhecendo quais recursos foram utilizados para significar e valorar as “Flores do meu bairro”. Logo após, a composição, ressaltando que o documentário é fruto de um processo composto por começo, meio e fim, e o estilo utilizando-se da gramática audiovisual, das imagens, do som e entrevistas para compor o relato e construir a composição do gênero.

Quadro 16: Exibição e análise do documentário “Flores do meu bairro”.

INÍCIO	<p>CENA DO MINUTO 00:01 AO MINUTO 01:02</p> 	<p>O QUE É TRATADO/APRESENTADO? É apresentada a temática do documentário.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da rua do Rosário pelo morador do bairro Josias. - Uso do navegador de internet google para identificar o significado da palavra “Preconceito”. - Uso do navegador de internet google maps para localizar, geograficamente, a cidade e a rua do Rosário. - Uso do termo técnico da linguagem audiovisual “voz over”. - Câmera em movimento. <p>Esses elementos foram utilizados para construção do tema.</p>	<p>Qual é a importância das imagens para a construção do tema?</p>
--------	---	---	--

			
MEIO	<p>CENA DO MINUTO 01:03 AO MINUTO 03:23</p>  <p>Josias Emanuel dos Santos - Engenheiro civil Morador da comunidade</p>  <p>Inalda Maria de Azevedo - Agente Moradora do bairro</p>  <p>Ana Maria Albuquerque Professora da escola do bairro</p>  <p>AMBRE - Associação dos Moradores do Bairro do Rosário e Engenhos</p>	<p>O QUE É TRATADO/APRESENTADO?</p> <ul style="list-style-type: none"> - A principal estratégia de composição do filme é a entrevista. - O documentário reúne depoimentos variados de moradores e trabalhadores do bairro. - Entrevista com Josias Emanuel dos Santos - Engenheiro civil e morador do bairro. - Entrevista com Inalda Maria de Azevedo, Agente de saúde e moradora do bairro. - Entrevista com Ana Maria Albuquerque, Professora de uma escola do bairro. - Entrevista com as participantes da associação dos moradores - Associação dos moradores do bairro do rosário e engenhos (AMBRE). <p>Foram utilizadas estratégias, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Zoom da câmera no rosto das pessoas para exaltar o sentimento da personagem; - Temos as imagens em movimento do telhado das casas da rua, para refirmar o modelo que, anteriormente, eram de palhas. - Temos a utilização recursos da gramática audiovisual "voz over", usada quando não vemos e não sabemos quem está falando. - Temos Travelling (deslocamento da câmera). - Temos o uso da imagem panorâmica (movimento que a câmera fica fixa e gira para os lados). <p>Para a composição, foram utilizados vários recursos estilísticos, porém a entrevista foi a que teve maior recorrência.</p>	<p>Qual é a importância das imagens para a construção da composição e do estilo?</p>
FIM	<p>CENA DO MINUTO 03:23 AO MINUTO 05:00</p>	<p>O QUE É TRATADO/APRESENTADO?</p> <p>Neste momento para concluir o filme o narrador apresenta a biografia de Josias Emanuel dos Santos, "Meu nome é Josias Emanuel dos Santos, tenho 24 anos e sou engenheiro civil". Josias é alguém que conseguiu, através do status que o diploma</p>	

	<p>de ensino superior, desconstruir o preconceito da rua da palha. Infere-se que essa estratégia foi utilizada para finalizar e desconstruir o preconceito da rua da palha, afirmando que as pessoas do bairro são cidadãos do bem com profissão e não cabe mais esse julgamento de bairro de gente ruim.</p>	
	<p>Utilizaram-se também de um mosaico com as imagens dos moradores da rua da palha e também participantes do documentário. Infere-se que as pessoas do mural representam os moradores e as várias vozes existentes na comunidade.</p>	
	<p>-Trechos em tela preta que funcionam como pequenas pausas dramáticas; -Utilizaram-se de uso da música, que adiciona uma camada sentimental aos depoimentos. -Utilizaram-se de recursos da gramática áudio visual fade-outs (desaparecimento gradativo da visibilidade de uma imagem no final de uma sequência; escurecimento). O fade out normalmente é aplicado no fim da narração, às vezes acompanhado de música/trilha sonora para indicar que o filme chegou ao fim. -E por fim temos a narração com legendas do poema de Carlos Drummond de Andrade “A flor e a náusea”. Infere-se que no poema a “flor” é um símbolo de construção em meio a um mundo que inspira a “náusea”, ou seja, um mundo preconceituoso. Podem ser pessoas com poucos recursos financeiros, mas com direitos a dignidade da pessoa humana.</p>	

Fonte: a autora, a partir do documentário “Flores do meu bairro”, 2019.

Após a exibição, esperamos que os alunos percebam que os autores se utilizaram da entrevista dos moradores do bairro para desconstruir a imagem preconceituosa de bairro de gente ruim. Ao exibir somente o filme na íntegra, infere-se que esses detalhes das cenas não seriam percebidos com profundidade. Sendo assim, os objetivos da atividade proposta são analisar como cada cena foi construída e quais recursos da multimodalidade foram utilizados, e contribuir para o desenvolvimento do aluno como leitor de discursos sociais.

Concordamos com Fuza e Menegassi (2020, p. 65), ao salientar que “as perguntas são uma das ferramentas de ensino, [e] torna-se viável estudá-las, pois possibilitam a fluência crítica na leitura dos alunos-leitores, denominação que significa o leitor no papel social de aluno em situação de aprendizagem”. Seguindo a linha de pensamento dos autores, as perguntas

contribuem para a criticidade do aluno, aguçam a curiosidade e o tornam mais reflexivo diante dos discursos sociais.

5. 1. 4 Recuperação do contexto sócio-histórico do enunciado

Após as atividades de leitura descritas, associam-se os gêneros trabalhados, a partir das relações de intertextualidade e interdiscursividade, a respeito da capa do Documentário e da biografia dos autores, como abordagem para se retomar o contexto mais amplo de produção, a permitir que o aluno-leitor amplie seus conhecimentos com as relações estabelecidas com o diálogo entre os textos – intertextualidade – e seus discursos – interdiscursividade.

A intertextualidade chama a atenção para as maneiras potencialmente complexas como os sentidos (como sentidos linguísticos) se constituem por meio de relações com outros textos (reais ou imaginários), tipos de texto (discurso ou gêneros), narrativas e outros modos de significação (como design visual, posicionamento arquitetônico ou geográfico) CAZDEN et al., (2021, p. 48).

Ao fazer a intertextualidade entre a capa do documentário e a biografia dos autores, o leitor passa a conhecer os conteúdos expressos nos dois enunciados trabalhados, esse contato facilita não só a compreensão responsiva sobre os elementos constitutivos do gênero, como a etapa de compreensões e valoração temática. Eis algumas perguntas:

1. *Por qual motivo o documentário: “Flores do meu bairro” está vinculado à Olimpíada de Língua Portuguesa?*
2. *O documentário trabalha temática de interesse dos autores que o produziram?*
3. *Qual posição social os autores do documentário ocupam?*

O objetivo das perguntas é atribuir sentido aos textos, um depende do outro para significar. A intertextualidade atua como uma pré-leitura da obra para se obter uma ideia inicial do que tratará o texto/filme.

5.1.5 Compreensão e relações dialógicas

A temática “O lugar onde vivo” torna-se o norte do trabalho nas atividades. Sendo assim, o **conteúdo temático** do documentário “O lugar onde vivo” é o lugar, que, além de **ideológico** e **valorativo**, é engendrado por **relações dialógicas**, uma vez que o objeto do discurso é atravessado e valorado por diferentes vozes: do autor-enunciador, do eu lírico, do espectador e sua idiossincrasia sobre o tema, do papel social da Olimpíada, entre outras possibilidades de produção de sentidos.

Dessa forma, as questões culminam na elaboração de **apreciações éticas, estéticas, afetivas e emotivo-valorativas** referentes ao texto e à sua temática, a requisitar do leitor analisar, compreender e avaliar o tema abordado, a manifestar **compreensão responsiva**, a permitir sua **ampliação sócio ideológica** sobre o **tema**, sobre o **enunciado concreto** e sobre o seu autor e a multimodalidade do documentário.

Além dos aspectos descritos e explorados na materialidade linguístico-textual do documentário, a exploração da multimodalidade é uma possibilidade de levar o aluno à “percepção de linguagens” (ROJO, 2004, p. 6), que configuram a compreensão global do enunciado.

1. *O documentário “Flores do meu bairro” trata de um preconceito. Qual a definição da palavra preconceito de acordo com o documentário exibido?*
2. *Como o narrador desconstrói esse preconceito?*
3. *Quais aspectos sociais da rua da Palha contribuíram para que ocorresse o preconceito?*
4. *Por que o bairro do Rosário ficou conhecido como “lugar de gente ruim”?*
5. *Após a exibição do documentário, o encerramento apresenta um poema do poeta Carlos Drummond de Andrade com o tema “A flor e a náusea”, quais os efeitos de sentidos o poema traz para o documentário?*
6. *Você já foi vítima de algum preconceito? Como enfrentou o preconceito?*

5.1.6 Reconhecimento das apreciações valorativas

Para Bakhtin (2003[1979]), em uma determinada esfera social, o discurso é refratado pela ideologia e pelas valorações, a materializar-se na forma de enunciados concretos. Para o autor, o discurso é ideológico, valorado e materializado por meio dos gêneros do discurso. Neste momento, é necessário perceber qual o entendimento tem-se do sentido o texto, e como ele valorado pelos autores.

1. *Qual é o valor atribuído pelo personagem Josias à rua da palha?*
2. *Qual é o posicionamento de Josias sobre o preconceito aos moradores da rua da palha?*
3. *Qual argumento Josias utiliza para desconstruir o preconceito sobre a rua da palha?*
4. *Como você valora o documentário “Flores do meu bairro” com o poema “A flor e a náusea” de Carlos Drummond de Andrade?*

O objetivo das perguntas é explorar a apreciação valorativa dos alunos sobre o documentário “Flores do meu bairro”, que vem com tema da OLP “O lugar onde vivo”, contribuindo para ampliação das relações dialógicas para que o aluno seja capaz de responder ativamente e construir seus próprios sentidos sobre a temática. O aluno é levado a participar ativamente da leitura a compreender o discurso vivo. O professor é peça chave para esse trabalho, ou seja, o mediador do processo de leitura, ao elaborar perguntas de leitura, o professor pode trazer um novo olhar para o texto, um novo sentido ao texto ainda não explorados pelos alunos.

5.1.7 Documentário poético “Veja bem” - Exploração do contexto de produção do documentário

Nesta subseção, apresentamos a proposta 2, com atividades de leitura em perspectiva dialógica para o documentário poético “Veja bem”. Para iniciar, sugerimos a análise de aspectos verbais e visuais do primeiro fotograma em que aparece a abertura do documentário e análise do título do documentário “Veja bem”.

Professor, caso não tenha recurso para projetar o documentário em sala de aula, sugerimos a impressão colorida do poster do documentário para trabalhar com o título da obra. Sendo assim, é necessário que disponibilize para a turma o link do documentário, para que aos alunos possam acompanhar pelo próprio aparelho celular.

Iniciamos com a leitura dos primeiros fotogramas onde aparece o título da obra para conhecermos como o gênero manifestará seus efeitos de sentido no leitor. Nesta etapa, é necessário que o professor pause o vídeo com a imagem do título do documentário.

Quadro 17: Cenas da capa do documentário poético “Veja bem”, de Jorge Furtado.





Fonte: Documentário veja bem, 1994.

Nesta primeira parte, o curta apresenta imagens diversas, seja para ilustrar de maneira literal o poema de Drummond, seja para criar ironia, por exemplo, quando a narração fala em "máquinas de furar" e surgem na tela revólveres; ou quando fala em "coletores de resíduos" e vemos cemitérios. A montagem nesse trecho é bastante fragmentada, há forte descontinuidade entre os elementos narrativos, assim como sucede no poema. Essa fragmentação é o que caracteriza a montagem descontínua.

Na segunda parte, apenas duas sequências de imagens se alternam: trabalhadores da construção civil derrubando uma parede e subindo uma escada carregando baldes e uma empregada limpando o chão. A partir do estranhamento que essas imagens podem causar e de um exercício interpretativo, o espectador percebe a chave central de entrada para leitura do curta, substituindo a ocorrência da palavra "amor", no poema, pela palavra "trabalho", atividade em que as imagens fazem referência direta. Assim, num jogo de oposição entre texto e imagem, pode haver um deslocamento de interpretação. Por exemplo, em vez de ler "o amor comeu

minha altura, meu peso, a cor de meus olhos e de meus cabelos”, ele lerá “o trabalho comeu minha altura, meu peso, a cor de meus olhos e de meus cabelos”. Jogando com essas possibilidades de complementação entre texto, som e imagem, o curta opera uma interessante releitura dos poemas. Para essa relação entre poema e imagens, apresentamos alguns direcionamentos.

1. *Quais cores aparecem na capa?*
2. *Como funcionam os dois links que aparecem nas imagens do lado direito?*
3. *Qual é a cor de maior destaque na tela? Para você o que representa a cor de maior destaque na tela com o tema do documentário “Veja bem”?*
4. *Durante a apresentação da capa, as imagens aparecem estáticas ou em movimento?*
5. *O documentário “Veja bem”, de Jorge Furtado, pode ser classificado como qual tipo de documentário? Quais recursos são mais utilizados para caracterizá-lo?*
6. *Quais termos da gramática audiovisual você conhece?*
7. *Você conhece a composição do gênero documentário?*

Biografia do autor

As questões sobre os dados do autor auxiliam o aluno na compreensão do documentário, tendo em vista que os acontecimentos sociais da vida dos autores e da própria realidade que circunda influenciam na escolha temática a ser explorada. O autor Jorge Furtado é um cineasta brasileiro com extenso trabalho na Televisão e no Cinema, é um dos mais importantes e premiados roteiristas e diretores do país. Embora tenha iniciado, mas não concluiu outras profissões, o cinema é algo que ele sempre almeja, a paixão pela profissão de cineasta e roteirista pode ser comprovada pela vasta coletânea de trabalhos e premiações do autor.

Figura 14: Autor do documentário “Veja bem”.



Fonte: https://www.ebiografia.com/jorge_furtado/

Jorge Furtado (1959) é um cineasta brasileiro, com extenso trabalho na Televisão e no Cinema, é um dos mais importantes e premiados roteiristas e diretores do país.

Jorge Furtado (1959) nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 9 de junho de 1959. Ingressou no curso de Medicina, mas logo se transferiu para o curso de jornalismo. Ainda na faculdade, já escrevia um material que misturava ficção e documentário. Começou sua carreira profissional na TV Educativa de Porto Alegre, no início dos anos 80. Foi repórter, apresentador, editor, roteirista e produtor. Entre 1982 e 1983, apresentou o programa “Quizumba”.

Em 1984, criou a “Luz Produções”, nesse mesmo ano, produziu seu primeiro curta-metragem, “Temporal” (1984), uma adaptação de um conto de Luís Fernando Veríssimo. O filme recebeu o prêmio de Melhor Direção de Curta-metragem Gaúcho no 12º festival do Cinema Brasileiro, em Gramado. Recebeu também os Prêmios de Melhor Curta, Melhor Direção de Curta e Melhor Fotografia de Curta no 2º Festival Nacional de Cinema, no Rio de Janeiro.

Entre 1984 e 1986, dirigiu o Museu de Comunicação Social de Porto Alegre. A partir de 1986, trabalhou na área de publicidade, quando dirigiu vários comerciais para a Televisão. Em 1987, foi um dos fundadores da “Casa de Cinema de Porto Alegre”. Nessa época, produziu diversos curtas, premiados em festivais nacionais e internacionais, entre eles, “Barbosa” (1988) e “Ilha de Flores” (1989) que recebeu prêmios na França e na Alemanha.

Jorge Furtado foi professor de “Introdução ao Fazer Cinema” do 1º (1989) e do 2º (1990) cursos de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fez palestras sobre cinema, em seminários, cursos e oficinas. Foi professor convidado do curso de Pós-Graduação em cinema da Universidade de Curitiba e da PUC do Rio Grande do Sul.

Desde 1990, Jorge Furtado passou a se envolver com roteiros de séries, minisséries e especiais para a televisão, entre elas, “Comédia da Vida Privada”, “A Invenção do Brasil” e “Cena Aberta”, “Agosto”, “Memorial de Maria Moura”, “Cidade dos Homens”, nos episódios “A Coroa do Imperador” e “Uólace e João Vitor”.

Em 2002, Jorge Furtado estreou como diretor do longa-metragem “Houve Uma Vez Dois Verões”, que recebeu o prêmio de Melhor Filme do Festival do Cinema Brasileiro de Paris. Depois vieram: “O Homem Que Copiava” (2003), um grande sucesso de público, “Lisbela e o Prisioneiro” (2003), “Meu Tio Matou um Cara” (2005), “O Coronel e o Lobisomem” (2005), “Antes Que o Mundo Acabe” (2010), “Homens de Bem” (2011), “O Mercado de Notícias”, documentário (2014) e “Real Beleza” (2015).

Vários países já realizaram mostras e retrospectivas da obra de Jorge Furtado, entre eles, Hamburgo, Alemanha (1994), Rotterdam, Holanda (1995), Tóquio, Japão (1995), São Paulo, Brasil (1997), Santa Maria da Feira, Portugal (1998), Toulouse, França (2004), Paris, França (2005), Londres, Inglaterra, (2006), Lisboa, Portugal (2007) e Harvard, Estados Unidos (2008), que fez uma retrospectiva com 2 longas e 9 curtas, organizada pela Harvard Film Archive.

Fonte: disponível em: https://www.ebiografia.com/jorge_furtado.

Para o tópico Biografia do autor, elaboramos e sugerimos as seguintes perguntas de leitura.

- 1. De acordo com os dados sobre o autor, ele iniciou um curso superior, mas não concluiu e logo descobriu sua verdadeira vocação. Qual foi o curso que ele iniciou antes do jornalismo?*
- 2. Como você define Jorge Furtado? Qual o seu papel social?*
- 3. Em quais outras profissões o autor atuou antes do cinema?*
- 4. Você conhece ou já conhecia Jorge Furtado ou alguma obra de sua autoria? Qual? Em qual veículo de comunicação circulou?*

5.1.8 Leitura silenciosa, oral e entonacional

Nesta fase, é necessário que o professor já conheça o conteúdo do caderno para que possa fazer as adaptações conforme as necessidades da turma.

Leitura silenciosa

Neste momento, o professor pode entregar cópia da sinopse do documentário para toda turma e, logo após, iniciar a leitura silenciosa.

Leitura oral

Após a leitura silenciosa da sinopse, é o momento de iniciar uma leitura oral pelos alunos. Professor, caso queira, poderá intercalar os parágrafos, cada aluno fará a leitura de um parágrafo, ou pode solicitar aos alguns alunos que se manifestem para leitura.

Leitura entonacional

Após a leitura oral, é o momento da leitura entonacional valorativa pelo professor. A cada leitura realizada, o professor pode instigar a turma para dizer qual o sentido ficou mais expresso,

por exemplo, tom romântico, nervoso, calmo, etc. Para essa atividade, deve-se atentar para a voz, os gestos, as expressões faciais, as pausas, a postura corporal da professora. A leitura entonacional pelo professor possibilitará um novo olhar para texto.

Após a leitura entonacional do professor, é o momento da exibição da obra por completa.

Exibição do documentário

Será exibido para a turma o documentário poético, com o título “Veja bem”, que está disponível na coletânea do caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares” e também na plataforma online YouTube, do autor Jorge Furtado, Brasil, 1994.

Quadro 18: Exibição e análise do documentário “Veja bem”.

<p>Início</p>	<p>Cenas por minuto</p>      	<p>O QUE É TRATADO APRESENTADO/APRESENTADO?</p> <ul style="list-style-type: none"> - O filme vem retratando o poema jornal de serviços, de Carlos Drummond de Andrade. - “Jornal” é um significante recorrente nos versos de Carlos Drummond de Andrade. - Durante a exibição do documentário, as imagens serão o foco da apresentação. É preciso evidenciar como cada imagem constrói significado. - Chame a atenção para a gramática audiovisual, o foco é o tipo de corte utilizado, o match cut ou rima visual. Peça aos alunos que observem os cortes entre uma imagem e outra. - As imagens se relacionam com o texto, elas precisam criar alguma relação com as imagens que aparecem imediatamente antes e depois. Chame a atenção para a linguagem verbal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Qual é a importância das imagens na construção do tema? - O produtor Jorge Furtado utilizou-se de imagens para construir sua narrativa? - No documentário poético, as imagens falam mais que palavras? - O som provoca efeitos de sentido?
---------------	--	--	---



<p>Meio</p>	   	<p>Nesse segundo segmento, a princípio, as imagens podem causar estranhamento, pois o poema fala o tempo todo de amor, e as imagens não remetem diretamente a esse sentimento, mas ao trabalho.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Peça aos alunos que façam uma pesquisa sobre a influência de Carlos Drummond de Andrade nas obras de João Cabral de Melo Neto. - Chame a atenção dos alunos para o sentimento que aparece no poema como destruidor. - Pergunte o porquê dos títulos os 3 mal amados. Instigue o tema do poema. - Incentive a turma a perceber quem seriam os três mal amados, observando que João Cabral de Melo Neto era um apreciador da poesia de Drummond. - Exercite uma reflexão com a turma sobre quem são os três mal amados. 	<p>Chame a atenção dos alunos para as imagens e a importância delas construção da composição e estilo.</p>
-------------	--	---	--

Fim	<p>direção e roteiro: Jorge Furtado</p> <p>produção executiva: Nora Goulart</p> <p>direção de arte: Fiapo Barth</p> <p>direção de fotografia: Alex Sernambi</p> <p>assistente de direção: Dainara Toffoli</p> <p>pesquisa de imagens: Ana Braga</p> <p>música: Léo Henkin</p> <p>direção de produção: Moa Batsow</p> <p>montagem: Giba Assis Brasil</p> <p>assist. prod. executiva: Bibi Iankilevich</p> <p>assist. de produção: Rodrigo Pesavento</p> <p>produção de objetos: Denise Zelmanovitz</p> <p>edição de vt: Vanderlei Torbis</p> <p>computação gráfica: Mario Fontanive, Daniela Henriqson e Alexandre Bertoluzzi, da TIPO</p> <p>som: VERSUS Produções</p> <p>still: Fábio Rebelo</p> <p>locuções: Liza Becker, Roberto Birindelli e Carlos Cunha</p> <p>câmera: Fernando Vanelli</p> <p>operador de vt: Maurício Fiusson</p> <p>cinescopia: Renato Bulcão</p> <p>motorista: Reginaldo André</p> <p>cenógrafo: Airton Bolner</p> <p>eletricista chefe: Amaral Júnior</p> <p>eletricista: Zoreia</p> <p>máquina: Cláudio Costa</p>	<p>- Chame a atenção da turma para a produção da obra, som, música, imagens, montagem, e toda a parte gráfica.</p>	
-----	---	--	--

	<p>apoio cultural:</p> <p>ZEPPELIN Produções de Cinema e Televisão</p> <p>QUANTA Porto Alegre</p> <p>RBS TV</p> <p>agradecimentos:</p> <p>Museu de Comunicação Social</p> <p>Centrocópias - Duplicação e Microfilmes</p> <p>Prisma Produções</p> <p>Companhia Carris Portoalegrense</p> <p>Universidade Federal RGS Instituto de Física - Prof. Júlio</p> <p>Corlac</p> <p>Tramontina</p> <p>Livraria Siciliano</p> <p>poema do lado de fora:</p> <p>"Jornal de Serviço" de Carlos Drummond de Andrade</p> <p>copyright 1994 herdeiros de Carlos Drummond de Andrade</p> <p>poema do lado de dentro:</p> <p>"Os Três Mal-Amados" de João Cabral de Melo Neto</p> <p>publicado pela Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro</p> <p>este filme foi realizado pela Casa de Cinema de Porto Alegre para a mostra "Arte Cidade", promovida pela Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo</p>		
--	---	--	--

Fonte: a autora, a partir do documentário “Veja bem”, 1994.

5.2 Recuperação do contexto sócio-histórico do enunciado

Após as atividades de leitura descritas, associam-se os gêneros trabalhados, a partir das relações de intertextualidade e interdiscursividade, a respeito da capa do Documentário e da biografia dos autores, como abordagem para se retomar o contexto mais amplo de produção, a permitir que o aluno-leitor amplie seus conhecimentos com as relações estabelecidas com o diálogo entre os textos – intertextualidade – e seus discursos – interdiscursividade.

A *intertextualidade* chama a atenção para as maneiras potencialmente complexas como os sentidos (como sentidos linguísticos) se constituem por meio de relações com outros textos (reais ou imaginários), tipos de texto (discurso ou gêneros), narrativas e outros modos de significação (como design visual, posicionamento arquitetônico ou geográfico) CAZDEN et al., (2021, p. 48).

Ao fazer a intertextualidade entre a capa do documentário e os dados do autor, o leitor passa a conhecer os conteúdos expressos nos dois enunciados trabalhados. Esse contato facilita não só a compreensão responsiva sobre os elementos constitutivos do gênero, como também a etapa de compreensões e valoração temática.

- *Qual a posição social o autor do documentário ocupa?*
- *Qual é o objetivo da produção do comentário pelo autor?*
- *Qual a intenção do autor ao intitular o filme como “Veja bem”?*
- *Que pistas o autor oferece para você descobrir qual é o tipo de documentário?*
- *Você sabia que “Veja Bem” é um filme e é também um objeto, um Zootrópio, espécie de precursor do cinema. Pesquise o significado da palavra Zootrópio e compartilhe com os colegas a descoberta, se possível leve alguns exemplos para compartilhar com a turma.*
- *Você consegue tecer algumas descobertas sobre o tema “veja bem” e Zootrópio? Compartilhe sua experiência.*
- *Pesquise o cenário do Brasil no ano de 1994, quando o documentário “Veja bem” foi lançado. Compartilhe com a turma as suas impressões sobre os acontecimentos.*

Após a recuperação do contexto sócio-histórico do enunciado, é o momento de ampliar a compreensão sobre o gênero. Nesta etapa, sugerimos a exibição da obra por completa.



Fonte: documentário veja bem, 1994.

A recuperação do contexto sócio-histórico do enunciado não termina após a exibição do documentário, continua na voz dos estudantes.

1. *O que mais chamou a atenção e surpreendeu você na leitura das imagens e exibição do documentário?*
2. *Concordam ou discordam da posição do autor?*
4. *Gostaram do desenrolar da trama? O diálogo entre os textos ficou claro?*
5. *O que tem a dizer sobre o desfecho?*

Caro Professor, impressões, críticas, informações, tomada de posição, avaliação da narrativa e da estratégia utilizada são bem-vindas. Estimule esse diálogo com a turma para que possam ampliar o conhecimento sobre o gênero documentário e o tipo de documentário exibido, principalmente, o poder das imagens para a construção do documentário poético.

5.2.1 Compreensão e relações dialógicas

A temática “Veja bem” torna-se o norte do trabalho nas atividades. Sendo assim, o **conteúdo temático** do documentário “VEJA BEM” é o lugar, que, além de **ideológico** e **valorativo**, é engendrado por **relações dialógicas**, uma vez que o objeto do discurso é atravessado e valorado por diferentes vozes: do autor-enunciador, do eu lírico, do espectador e sua idiossincrasia sobre o tema. Nesse documentário, o sentido é engendrado de laços com as imagens; e, ao enumerar, chama o expectador a completar os sentidos. Podemos entender esta parte como uma crítica materialista à sociedade da mercadoria (Marx, O Capital), ou pelo viés funcionalista (Durkheim, Divisão social do trabalho), que fundamenta que a divisão social do trabalho torna a sociedade mais complexa. O "Lado de fora" pode significar o lado das aparências, das louvações ao capitalismo, entre outras possibilidades de produção de sentidos.

Dessa forma, as questões culminam na elaboração de **apreciações éticas, estéticas, afetivas e emotivo-valorativas** referentes ao texto e à sua temática, a requisitar do leitor analisar, compreender e avaliar o tema abordado, a manifestar **compreensão responsiva**, a permitir sua **ampliação sócioideológica** sobre o **tema**, sobre o **enunciado concreto** e sobre o seu autor e a multimodalidade do documentário.

Além dos aspectos descritos e explorados na materialidade linguístico-textual do documentário, a exploração da multimodalidade é uma possibilidade de levar o aluno à “percepção de linguagens” (ROJO, 2004, p. 6), que configuram a compreensão global do enunciado.

1. *O documentário “Veja bem” trata de uma crítica materialista. Quais imagens e palavras comprovam a crítica?*
2. *Quais os efeitos utilizados nas imagens pelo narrador comprovam essa crítica?*
3. *Na primeira parte, intitulada “Do lado de fora”, Furtado se aproveita de várias imagens para ilustrar o poema “Jornal de serviço”. A palavra máquina é usada para provocar o leitor a completar o sentido, qual a sua impressão sobre a sequência de palavras no documentário?*
4. *Após a exibição o documentário, faça a leitura entonacional dos poemas “Jornal de serviço”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Os três mal-amados”, de João Cabral de Melo Neto. Quais os efeitos de sentidos as imagens produzem no documentário?*

5.2.2 Reconhecimento das apreciações valorativas

Para Bakhtin (2003[1979]), em uma determinada esfera social, o discurso é refratado pela ideologia e pelas valorações, a materializar-se na forma de enunciados concretos.

Neste momento, é necessário perceber qual o entendimento tem-se do sentido do texto, e como ele valorado pelos autores.

1. *Na primeira parte, o curta apresenta imagens diversas, seja para ilustrar de maneira literal o poema de Drummond, seja para criar ironia, cite algumas imagens que comprovam a ironia do autor.*
2. *A montagem no documentário é bastante fragmentada, há forte descontinuidade entre os elementos narrativos, assim como sucede no poema. Essa fragmentação é o que caracteriza a montagem descontínua. Durante a exibição do documentário, você conseguiu ouvir o narrador e acompanhar as imagens ao mesmo tempo? Conte sua experiência.*

3. *O som acompanha o ritmo das imagens. Quais as sensações o som do documentário produziu para você?*

4. *Assim, num jogo de oposição entre texto e imagem, pode haver um deslocamento de interpretação. Por exemplo, em vez de ler “o amor comeu minha altura, meu peso, a cor de meus olhos e de meus cabelos”, ele lerá “o trabalho comeu minha altura, meu peso, a cor de meus olhos e de meus cabelos”. Jogando com essas possibilidades de complementação entre texto, som e imagem, o curta opera uma interessante releitura dos poemas. Faça uma nova leitura do poema, substituindo a palavra amor por trabalho e compartilhe com a turma a experiência.*

5. *Quais efeitos de sentido os temas dos poemas provocam?*

6. *Você percebeu alguma semelhança entre os dois poemas e os dois autores? Qual?*

A partir da proposta apresentada, o professor poderá adaptar conforme as necessidades da turma as perguntas e recursos audiovisuais. Diferente da primeira proposta, o trabalho com o documentário poético tem sua atenção voltada nas imagens e como elas constroem o enunciado e podem significar.

A proposta de trabalho com o documentário poético é uma fonte inesgotável de possibilidades de leitura, reflexão e criticidade nas aulas de língua portuguesa. Ao compreender o documentário como um texto escrito também com imagens, sons e movimento, o aluno vai adquirindo a consciência que poderá produzir esse gênero fora da escola, a fim de transformar a realidade em que ele vive. Essa relação contribui para que ele entenda qual a função social da escrita e que saiba usá-la conforme suas necessidades e demandas que emergem da sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com leitura na perspectiva dialógica de linguagem com o gênero documentário comprova o quanto o pensamento do Círculo de Bakhtin é atual. O mais importante a ser destacado é a forma como o horizonte axiológico se manifesta em textos multissemióticos. Recursos como comentar, compartilhar, concordar e discordar mostra como os ambientes digitais são interativos. Quando recebemos um texto compartilhado, ele está carregado de valoração de quem o compartilhou e, ao fazermos uma nova leitura, esse texto torna-se um novo texto, pois podemos valorar concordando ou discordando. Ou seja, no momento dessa leitura, o leitor passa a ser um novo autor e o texto um novo enunciado.

Durante a realização desta pesquisa, evidenciamos que os elementos que constituem o gênero, o tema, a composição e o estilo são indissociáveis para construção textual. Os textos estão ganhando cores, movimento, sons, imagens etc., como recurso de estilo. Sendo assim, a necessidade de ampliar a inserção dos gêneros multissemiótico em sala de aula é emergente.

A OLP é uma aliada nesta jornada, ofertando o trabalho com o gênero documentário, com o objetivo de ampliar os multiletramentos e atender aos princípios da BNCC.

Durante a realização da pesquisa, o primeiro objetivo foi diagnosticar as atividades/ou indícios de atividades que dão margem para realizar o trabalho com a leitura no caderno “Olhar em movimento: cenas de tantos lugares”, da Olimpíada de Língua Portuguesa. O objetivo foi alcançado, pois evidenciamos que é possível ampliar a proposta, e também utilizada por quem não está participando da Olimpíada, mas que gostaria de atender aos princípios da BNCC. Nessa relação, possibilita a ampliação do letramento escolar com a inserção do gênero multissemiótico em sala de aula, além de acionar o horizonte axiológico do gênero documentário.

O segundo objetivo específico foi propor atividades de leitura em perspectiva dialógica no interior do caderno do professor. Para alcançá-lo, foi necessário fazermos várias leituras minuciosas do material didático para compreendermos como as atividades eram propostas pelos autores e, assim, propor a ampliação de atividades de leitura no interior do caderno.

E, por fim, o terceiro objetivo foi caracterizar o percurso de trabalho com o documentário por meio de atividades em perspectiva dialógica. Para alcançá-lo, foi necessário pensar em uma proposta que potencializasse o caderno e também colaborasse com a melhoria da leitura dos alunos em sala de aula. Utilizamos, durante as propostas, sugestões de como fazer a leitura em perspectiva dialógica e trabalhar com elementos que constituem o gênero.

Logo mais, sugerimos uma segunda proposta de leitura em perspectiva dialógica, desta vez, com um tipo poético, do autor Jorge Furtado, o documentário “Veja bem”. Durante a

proposta, objetivamos evidenciar o poder das imagens na construção do gênero, acionando o horizonte axiológico do texto multissemiótico. Além disso, durante o trabalho com o documentário poético, buscamos acionar vários elementos que constituem o gênero documentário, como a dimensão verbal-visual e dimensão social do enunciado, e descrever o percurso da prospecção de leitura de acordo com perspectiva dialógica. Essa prospecção fundamenta-se nos estudos de Menegassi, Fuza e Angelo (2022).

Em suma, sabemos que hoje a leitura é composta por diferentes modalidades, e cabe à escola proporcionar essa aproximação com os gêneros multissemióticos, com o objetivo de ampliar o letramento dos alunos. Não somente alfabetizar o aluno, mas fazer com que o ele saiba fazer uso da leitura e da escrita na vida, na prática em sociedade.

Na era do audiovisual, em que os sentidos são construídos por meio da utilização de várias modalidades, é fundamental que o professor propicie ao aluno uma leitura crítica de todos os modos de semiose presente no texto. Enfatizamos a importância da formação continuada docente, pautada na reflexão crítica sobre a prática. Para tanto, essa formação pode atender as demandas do contexto social que, ao levar um texto multissemiótico para sala de aula, ele possa refletir não somente a linguagem escrita, mas ler as imagens, o som, os movimentos, todo o conjunto que constitui o texto, formando leitores autônomos, críticos e interativos.

E, por fim, sugerimos futuras pesquisas com o desenvolvimento de competências e habilidades para produção do gênero documentário, pois pesquisas com essa temática, ainda são tímidas. E que essas pesquisas possam ser implementadas em salas de aula, para ampliação dos multiletramentos, visto que, com o avanço da pandemia da COVID 19, não foi possível implementar a proposta em sala de aula. E que essas pesquisas possam levar o aluno a refletir não somente a linguagem escrita, mas ler as imagens, os sons, os movimentos, todo o conjunto que constitui o texto, formando leitores autônomos, críticos e interativos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. OS GÊNEROS DO DISCURSO. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. (1979). *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad.: Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016[1979].

BAKHTIN, M. O PROBLEMA DO CONTEÚDO, DO MATERIAL E DA FORMA NA CRIAÇÃO LITERÁRIA. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6. ed. Tradução Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. O DISCURSO NO ROMANCE. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Ed. da UNESP, 1988.

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João, 2010.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad.: Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997[1929].

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

BENVENISTE, Emile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. *Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa*. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.98-111/2021.

CELLARD, André. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos I* tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia) Título original: *La recherche qualitative*.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FUZA, A. F. OHUSCHI, M. C.G; MENEGASSI, R. J. *Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna*. Revista Linguagem & Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p.479-501, jul./dez. 2011.

FUZA, A.; RODRIGUES, R. *A concepção de tema nas obras do Círculo de Bakhtin*. Alfa, São Paulo, v.66, 2022.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. Organizador; Milton José de Almeida... [et al.]. - 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011. il.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GILL, R. (1993). Justifying Injustice: Broadcasters' Accounts of Inequality in Radio. In: E. BURMAN & I. PARKER (eds.). *Discourse Analytic Research: Readings and Repertoires of Texts in Action*. London: Routledge.

HAGA, Beatriz Brandão. *O olhar do outro: cenas do documentário brasileiro*. 2014.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: Teoria e Prática*. 6. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MENEGASSI, R. J. P. Avaliação de leitura. In: (Org). *Leitura e ensino*. Maringá: Eduem, 2005. p. 99-118.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus Editora, 2007.

PAIVA, Adriana Borges de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; HILLESHEIM, Mara Cristina Piolla. ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA TÉCNICA DE PESQUISA QUALITATIVA. *Revista Prisma*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 16-33, 2021.

PERFEITO, A. Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa. In: SANTOS, A. R. d. & RITTER, L. C. B. (orgs.). *Formação de professores, EAD*, nº 18. Maringá: EDUEM, 2005, p.27-79.

POLATO, Adriana Delmira Mendes. Análise linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico, 2017.230 f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade estadual de Maringá. Maringá, 2017.

RANGEL, E. de O. *A Olimpíada e as políticas públicas para o ensino e aprendizagem de língua portuguesa*. *Revista Na Ponta do Lápis*, número 13, 2010, p. 07-09.

ROJO, ROXANE; BARBOSA, JACQUELINE M. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane. *Gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e multiletramentos*.

In: (Org). Escol@ Conectada: Os multiletramentos e as TICS. São Paulo: Parábola, 2013. p.13-36.

RODRIGUES. R. H. A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. Pesquisa e Debate em Educação, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul. - dez. 2020. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>.

SUASSUNA. Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. *Perspectiva*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 341–377, 2009. DOI: 10.5007/2175-795x.2008v26n1p341.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p341>. Acesso em: 25 abril. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

VOLÓCHINOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução: Sheila Grillo; Ekaterina Vólvoka Américo. São Paulo: Editora 34, 2019[1926].